



HINO À PORTÃO

Letra: Ernani de Oliveira Nunes

Música: Jacqueline de Oliveira Nunes e Geraldo da Silva

OUÇO O APITO DO TREM, TEM FUMAÇA NO HORIZONTE.
É O IMIGRANTE QUE CHEGA DE UMA TERRA TÃO DISTANTE,
NA BAGAGEM A CONFIANÇA, TRAZ A ENXADA NA MÃO:
/E SEMENTES DE ESPERANÇA PRA SEMEAR NESTE CHÃO./

REFRÃO

/PORTÃO, MEU CHÃO, TERRA BOA PRA MORAR.
ENTRE O SINOS E O CAÍ, ESTE AQUI É O MEU LUGAR./

AQUI SE PLANTAVA O LINHO, AQUI SE CRIAVAM BOIS.
PRIMEIRO FOSTE CAMINHO PRA SER POVOADO DEPOIS.
HOJE ÉS GRANDE CIDADE, ORGULHO DO SUL DO PAÍS.
/ÉS UM ELO ENTRE DOIS VALES E O TEU POVO É MAIS FELIZ./

REFRÃO

/PORTÃO, MEU CHÃO, TERRA BOA PRA MORAR.
ENTRE O SINOS E O CAÍ, ESTE AQUI É MEU LUGAR./

TEU POVO TRABALHADOR FEZ A TERRA PROSPERAR,
COM CARINHO, FÉ E AMOR CONSTRUÍMOS NOSSO LAR.
VENHA CONHECER PORTÃO, ESTAMOS A TE ESPERAR.
/COM O PORTÃO SEMPRE ABERTO PARA QUEM QUISER CHEGAR.

REFRÃO

/PORTÃO, MEU CHÃO, TERRA BOA PRA MORAR.
ENTRE O SINOS E O CAÍ, ESTE AQUI É MEU LUGAR./



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO

**CONHECER PARA AMAR
E RESPEITAR A...**



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO

CONHECER PARA AMAR E RESPEITAR A... NOSSA HISTÓRIA

2013

Autoras:
Jussara Prates dos Santos Girardi [Org.]
Claudete Brandolt Rocha
Eliege Moura Alves
Revisão: Josiéli Marcília de Oliveira
Ilustração da capa: Vera Lúcia Coelho de Freitas
Arte: Jussara Prates dos Santos Girardi

Jussara Prates dos Santos Girardi, Claudete Brandolt Rocha e
Eliege Moura Alves

CONHECER PARA AMAR E RESPEITAR A NOSSA HISTÓRIA
/Secretaria de Educação/ Secretaria de Cultura, Esporte e
Turismo de Portão.
Portão, 2013
Nº pag 137

1. Histórico 2. Município de Portão. 3. Portão-Rio Grande do Sul.

2013
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização.
Jussara Prates dos Santos Girardi, Claudete Brandolt Rocha e
Eliege Moura Alves.
Prefeitura Municipal de Portão
Secretaria Municipal de Educação de Portão
(51) 3500 – 42 – 63

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PORTÃO	9
PORTÃO - ORIGEM DO NOME	11
LOCALIZAÇÃO E DADOS DO MUNICÍPIO DE PORTÃO	12
MAPA DE PORTÃO - LIMITES	13
CAPÍTULO I CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO MUNICÍPIO DE PORTÃO	14
GEOMORFOLOGIA DE PORTÃO	14
MAPA DO RELEVO DE PORTÃO	16
ARROIO PORTÃO	17
HIDROGRAFIA DE PORTÃO	19
O ARROIO PORTÃO	22
MAPA DA HIDROGRAFIA DE PORTÃO	23
VEGETAÇÃO DE PORTÃO	24
CLIMA DE PORTÃO	24
SANEAMENTO BÁSICO	26
ÁGUA	26
ESGOTO	26
DRENAGEM PLUVIAL (ÁGUA DAS CHUVAS)	27
QUESTÕES SOCIAIS	27
CAPÍTULO II	29
HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO	29
OS INDÍGENAS NO RIO GRANDE DO SUL	37
OS NEGROS NA HISTÓRIA DE PORTÃO E REGIÃO	41
MINHA TERRA	45
AS LOCALIDADES RURAIS DE PORTÃO	46
MORRETINHOS	46
FAZENDA DAS PALMAS	47
BOA VISTA	48
SOCORRO	51
SANGA FUNDA	54
CARIOCA	55
MORRO DO MACACO BRANCO	57
BOM JARDIM	59
O AREÃO	53
SERTÃO CAPIVARA	60
GARCÊZ	61
CACHOEIRA	62
CAPÍTULO III	64
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE PORTÃO	64

O BAIRRO PORTÃO VELHO	68
A LOCALIDADE CANTÃO	68
A VILA APARECIDA	70
O BAIRRO RINCÃO DO CASCALHO	72
VILA SÃO LUIZ	75
A VILA SOUZA	76
O BAIRRO ESTAÇÃO PORTÃO	77
VILA SÃO JORGE	78
A VILA TRILHOS DA RUA SÃO PEDRO	80
O PARQUE RESIDENCIAL NETTO	82
CAPÍTULO IV	83
ECONOMIA DE PORTÃO	83
PRODUÇÃO E MÃO-DE-OBRA	83
SILVICULTURA	86
CAPÍTULO V	89
O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE PORTÃO	89
ATA DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS PRÓ EMANCIPAÇÃO	91
ATA DA CRIAÇÃO DA COMISSÃO EMANCIPACIONISTA	93
LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO	96
ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO	98
A BANDEIRA E O BRASÃO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO	99
BRASÃO	99
BRASÃO HERÁLDICO	101
BANDEIRA PORTONENSE	102
HISTÓRICO DO HINO PORTONENSE	103
GALERIA DOS PREFEITOS E VICE-PREFEITOS	104
RELAÇÃO DAS LEGISLATURAS	108
CAPÍTULO VI	110
ASPECTOS DA CULTURA PORTONENSE	110
CULTURA	110
A MÚSICA E A DANÇA EM PORTÃO	110
A SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL BOA VISTA	114
A GASTRONOMIA	115
ARTESANATO	115
A PRÁTICA DA CERÂMICA	116
A TRADIÇÃO DO PLANTIO DE ÁRVORES ORNAMENTAIS E FLORES	117
O ESPORTE	117
A BIBLIOTECA MUNICIPAL 9 DE OUTUBRO	118
O MUSEU DE PORTÃO	119
CAPÍTULO VII	121
FESTAS E EVENTOS REALIZADOS EM PORTÃO	121

AS FESTAS RELIGIOSAS	121
RODEIO CRIOULO ESTADUAL DO PIQUETE DE LAÇADORES TIMBAÚVA	121
APART - ACAMPAMENTO PORTONENSE DE ARTE E TRADIÇÃO	122
A MATEADA	122
RONDA FARROUPILHA	123
A GINCANA MUNICIPAL	124
FEIRA DO LIVRO E MOSTRA PEDAGÓGICA	126
A VOLKSFEST	127
PRAÇA ARMANDO ALBINO MATTES	128
A PRAÇA DA ESTAÇÃO PORTÃO	130
A PRAÇA RAMUEL RODRIGUES DA ROSA	125
O VIADUTO	131
BIBLIOGRAFIA	132

APRESENTAÇÃO

O livro Conhecer para Amar e Respeitar a Nossa História é um material de apoio, que visa incentivar e auxiliar no ensino sobre os diferentes aspectos do nosso município. Na primeira edição, em 2010, o livro teve a importante função de lançar o projeto Conhecer História desafiando a todos os envolvidos com o ensino-aprendizagem acerca da questão local. O projeto Conhecer História nasceu com o propósito de se inovar, a cada ano, através do trabalho contínuo de pesquisa realizado pelo Museu de Portão e a parceria com cada escola da rede de educação.

Em 2010, realizamos passeio com todos os professores da rede municipal de educação (zona rural e urbana) a fim de que os mesmos tivessem uma idéia da diversidade e da realidade de cada localidade ou bairro portonense. Ao longo do mesmo ano desenvolvemos, junto aos professores do 4º ano, o curso Estudar para Conhecer e Ensinar a Nossa História, onde, além de palestras sobre a história local os professores compartilhavam experiências de sala de aula e eram responsáveis por desenvolver novas pesquisas sobre sua comunidade escolar. No final do curso essas pesquisas passaram a fazer parte do livro do ano seguinte.

Também fez parte deste projeto o Seminário de História - Conhecer para Compreender a Nossa História, com temática voltada para a história local e regional. No final de 2010 foi possível reorganizar este material, atualizando as informações e ainda elaboramos em conjunto com os professores um polígrafo com diversas sugestões de atividades baseado nas experiências de cada um (a).

Entre os objetivos deste projeto queremos viabilizar o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva, reforçando o sentimento de pertença e auto-estima, estimular a apropriação e o uso, pelos alunos, do Patrimônio Histórico Cultural que a cidade detém e pelos quais também são responsáveis.

Também promover o senso de responsabilidade e de cidadania através da valorização da história local, gerar a produção de novos conhecimentos sobre a dinâmica cultural e seus resultados, incorporando-os às ações de identificação, proteção e valorização do patrimônio cultural no nível das comunidades locais e das instituições envolvidas, além de incentivar a pesquisa e o levantamento de dados e a produção sobre história local.

Desta maneira, o projeto Conhecer História pretendeu relacionar o saber histórico, como um campo de pesquisa e de produção do conhecimento juntamente com o saber formal escolar, os programas curriculares e a possibilidade do conhecimento produzido no espaço escolar, da comunidade em que está inserida e do seu cotidiano.

As cidades e os bairros possuem trajetórias próprias e particularizadas que precisam ser identificadas e vitalizadas pela ação do relato - memória fortalecendo a consciência histórica, o sentimento de pertencimento, de identidade – todos elementos fundamentais para a formação da cidadania almejada para todos, numa sociedade inclusiva e realmente democrática.

Nesta edição, esperamos que vocês, alunos e professores, dêem continuidade a esta caminhada colaborando com suas experiências e estudos, visando também o seu exercício de cidadania e, ao mesmo tempo, contribuindo para a construção histórica do município de Portão.

as autoras

PORTÃO

O município de Portão localiza-se, privilegiadamente, entre o Vale do rio Caí e o Vale do rio dos Sinos, na região metropolitana. Na região houve indícios de ocupação por povos indígenas, mas a ocupação efetiva ocorreu com a chegada dos portugueses no século XVIII, quando começaram a se fixar nessas terras assumindo o compromisso de as tornar produtivas.

No século XIX a ocupação foi intensificada por descendentes alemães, que introduziram uma nova mentalidade no que se refere à posse da terra, produção e mão-de-obra branca e livre, contrapondo-se ao latifúndio monocultor escravocrata.

Em 1909, a chegada da ferrovia possibilitou que Portão estabelecesse relações comerciais com diversas regiões do Rio Grande do Sul e outros estados do Brasil. A ferrovia colocou Portão na rota dos grandes centros produtores e consumidores, possibilitando uma importante movimentação comercial no município. Após a instalação da ferrovia, as atividades econômicas se diversificaram.

Nos anos sessenta houve a desativação da linha férrea e, um visível crescimento do setor coureiro e calçadista, que encontrou na produção do tanino, extraído da acácia negra, um aliado para desenvolver-se. Nos anos seguintes, o município cresceu tanto economicamente quanto demograficamente. Nesse processo, recebeu muitos novos moradores, oriundos principalmente de regiões cuja descendência italiana e polonesa se sobressaiam. É seguindo o curso da história portonense que se afirma: o maior patrimônio de Portão é seu povo!

Incentivando o fortalecimento cultural através da integração e paz entre os povos é que o município tem como expoente das atividades festivas a VOLKSFEST (Festa do

Povo), que ocorre sempre no mês de outubro, nas comemorações de aniversário de emancipação de Portão.

Dos primeiros tempos, a cidade conserva muitos elementos culturais, deixados pelos nossos antepassados, que permeiam o dia-a-dia dos habitantes. No folclórico gauchesco, nas comunidades de origem portuguesa e alemã, nas de descendência italiana, polonesa, quilombolas ou de origem asiática, se manifesta a inspiração da contínua luta, trabalho e cultura desse povo. Isto porque o portonense acredita que é na diversidade que o povo se identifica e se fortalece, formando um belo mosaico humano que integra dois dos principais vales do Rio Grande do Sul. Portão! Entrada para o Vale da Felicidade.

PORTÃO - ORIGEM DO NOME

A origem do nome da cidade de Portão deve-se ao fato de que, entre os anos de 1788 e 1789, por recomendações do governo imperial, fosse construído um grande portão que serviria para separar as localidades e, impedir que o gado criado na Estância Velha escapasse pelo arroio, em direção ao Rincão do Cascalho. Outra importante função deste portão era o de controlar a movimentação escrava, nos limites da Feitoria do Linho Cânhamo, bem como impedir ou controlar o contato dos mesmos com as comunidades locais.

Nesse período, a atual Rua Julio de Castilhos era apenas uma picada e foi nas proximidades do arroio que ergueram o histórico portão. O local ficou conhecido por ser muito usado como referência, pelos viajantes e tropeiros, além da população local. Nas proximidades do dito portão os viajantes costumavam parar e descansar as tropas. Era nas águas limpas do Arroio Portão (arroio Correa na época) que esses viajantes se abasteciam de água e descansavam, para depois, seguirem viagem, tanto os que iam rumo a serra, quanto os que seguiam em direção a capital ou litoral.

Segundo registro bibliográfico, nos primeiros tempos o portão ficava trancado, sendo aberto por um guarda, que morava nas proximidades, e controlava o fluxo de transeuntes. Pouco antes da chegada dos alemães, a principal produção da Feitoria do Linho Cânhamo¹ havia sido encerrada, desta maneira, foi possível utilizar como alojamento as benfeitorias nela existentes e que, por sinal, serviram como abrigo inicial, pois as plantações dos escravos forneceram os primeiros gêneros alimentícios para os imigrantes.

¹ Fibra vegetal que servia para fazer cordas e velas para embarcações.

LOCALIZAÇÃO E DADOS DO MUNICÍPIO DE PORTÃO

Portão se situa entre as Coordenadas 29° 7' S e 51° 24' W Gr. Conforme a rocha predominante encontrada no subsolo da região (arenito), A cidade pertence à região geológica denominada Depressão Central. O município também integra a Região do Vale do Rio dos Sinos, pois a maioria dos seus arroios deságua no Rio dos Sinos. Em 1989, o município integrou-se na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Principais acessos para chegar a cidade:

- RS 240 (vindo pelo leste, pelo município de São Leopoldo ou Estância Velha. A sudoeste, quando vindo de Montenegro)

- RS 122 (vindo pelo oeste, do município de São Sebastião do Caí)

- BR 386 (vindo ao sul, passando por Nova Santa Rita)

Através da travessia na Balsa do Rio do Sinos (vindo a sudeste, no município de Sapucaia do Sul)

Número de habitantes: 30.920 (2010)

Área total do município 157,40 Km²

Área urbana 22,37 Km²

Área rural 133,28 Km²

Área industrial 1,75 Km²

Os municípios que fazem limite com Portão são:

Norte: São José do Hortêncio;

Nordeste: Lindolfo Collor e Ivoti;

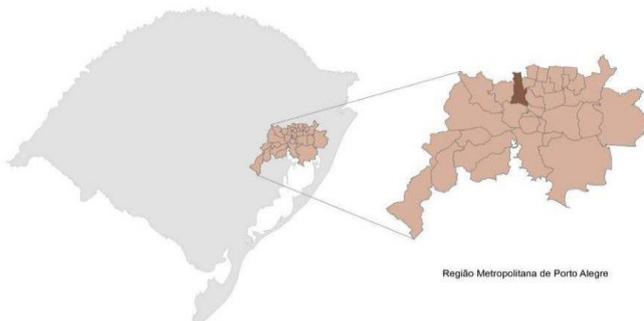
Leste: São Leopoldo e Estância Velha;

Sudeste: Sapucaia do Sul;

Sul: Nova Santa Rita;

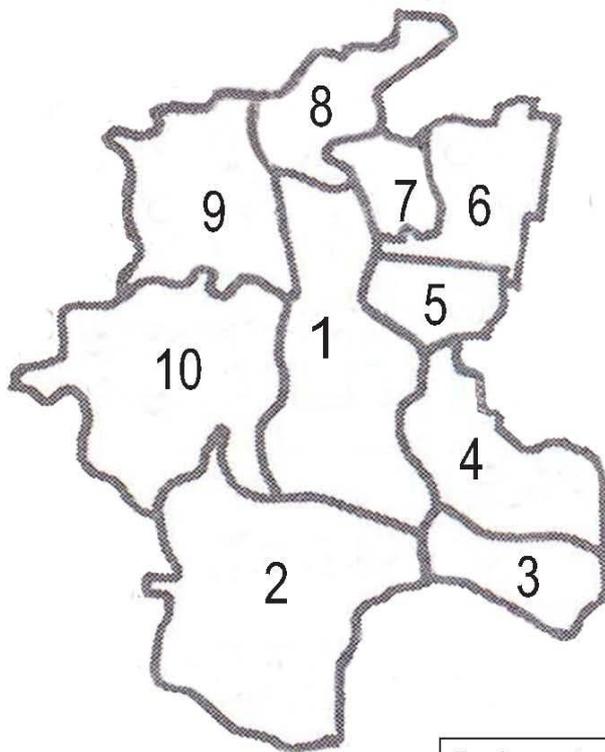
Oeste: Capela da Santana

Noroeste: São Sebastião do Caí.



Mapa de Portão

Limites Municipais



Legenda

- 1 - Portão
- 2 - Nova Santa Rita
- 3 - Sapucaia do Sul
- 4 - São Leopoldo
- 5 - Estância Velha
- 6 - Ivoti
- 7 - Lindolfo Collor
- 8 - São José do Hortêncio
- 9 - São Sebastião do Caí
- 10 - Capela de Santana

Escala aproximada: 1:500000

Conforme mapa do RS - Divisão Municipal
Fonte: Secretaria da Agricultura
Elaborado por Print Art Plotagem
Janeiro 2011

CAPÍTULO I

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO MUNICÍPIO DE PORTÃO

GEOMORFOLOGIA DE PORTÃO

Geomorfologia é a ciência que estuda o relevo da superfície terrestre, sua classificação, descrição, natureza, origem e evolução, incluindo a análise dos processos formadores da paisagem.

Dentro do RS, Portão se situa na Região Geomorfológica Depressão Central que é composta pela rocha sedimentar Arenito de formação Botucatu. Esse arenito foi se formando num período de tempo (milhões de anos) em que o RS era um grande deserto. Assim, as rochas que ficavam em torno da Depressão, acabaram se desintegrando e partículas delas viraram fragmentos minúsculos como a areia, e se acumularam na depressão. Depois destas partículas se juntarem, surgiu o arenito.

No Rio Grande do Sul, há milhões de anos, no Período Jurássico (Era dos Dinossauros) houve uma movimentação tectônica (como se fosse um grande terremoto) que acabou abrindo uma imensa fenda no solo. Esta fenda derramou lava por cima das rochas de arenito. A lava esfriou, ficou muito dura e escura e formou a rocha basalto.

Portão apresenta estes dois tipos de rochas: arenito (conhecido popularmente como pedra grês) e basalto (brita escura).

Quanto ao relevo do município, as áreas inferiores a 20 metros de altitude constituem os banhados e várzeas dos cursos d'água. Como comparativo, o litoral situa-se a 20 metros de altitude.

Em Portão, predominam as áreas mais baixas com alturas entre 40 e 80 metros (comparadas com o nível do mar). Nestas áreas mais planas, observa-se o leito dos

arroyos e rios. Alguns arroyos como o Noque e Aroeira tem suas nascentes nestas áreas mais baixas.

As áreas mais altas do relevo (altitudes entre 100 e 200 metros) encontram-se ao norte do município onde se formam um conjunto de morros, que podem ser chamados de Testemunhos, pois definem até onde o derrame de lava (basalto) ocorreu. São nestes morros que encontramos a rocha magmática basalto, sobreposta ao arenito. Nestas elevações encontram-se as nascentes dos arroyos Macaco Branco, Cascalho e Bom Jardim.

Também há alguns morros com altitudes de 100m a oeste do município, porém em menor número.

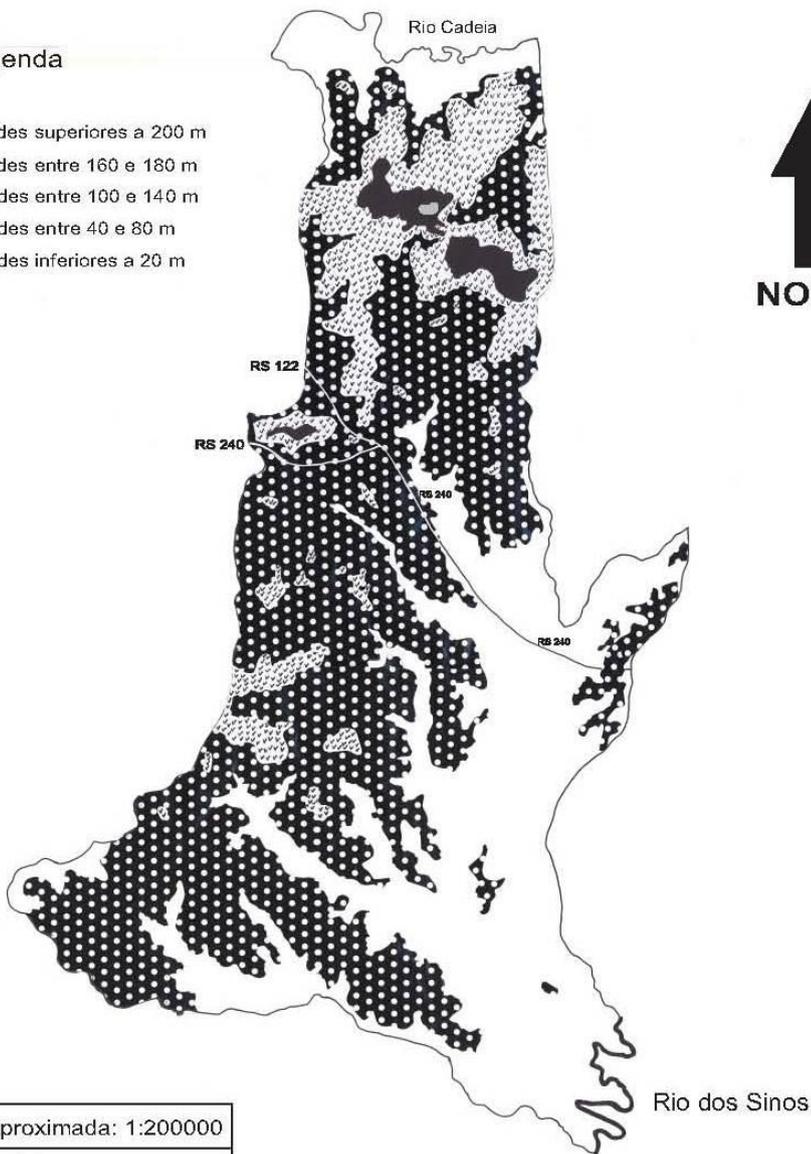
O ponto mais alto do município tem 204 metros: Morro do Macaco Branco. Situa-se na localidade de Macaco Branco. Não é considerado de grande altitude, se for comparado com o pico mais alto do estado, o Monte Negro (situado em São José dos Ausentes) que tem 1.403 m.

A altitude mínima encontrada em Portão, fica nas margens do Rio dos Sinos, com apenas 7 metros.

Mapa do Relevo de Portão

Legenda

-  Altitudes superiores a 200 m
-  Altitudes entre 160 e 180 m
-  Altitudes entre 100 e 140 m
-  Altitudes entre 40 e 80 m
-  Altitudes inferiores a 20 m



Escala aproximada: 1:200000

Altitude máxima 204 m
Altitude mínima 7 m

Executado de acordo com as cartas topográficas:

Manteneiro SH. 22-V-D-VI-1 MI-2970/1

Novo Hamburgo folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/2

Morretes folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/3

São Leopoldo folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/4

Limites Municipais fornecidos pelo técnico Antônio Dias.

Elaborado por Claudete B. Rocha

Janeiro 2011

ARROIO PORTÃO

Ernani Nunes

Sentado à sombra do rancho,
 Numa tarde ensolarada,
 Olhando pra criançada,
 Que brincava no terreiro,
 Bombeei para o horizonte,
 Lembrei dos tempos de ontem,
 E o que eu fazia de primeiro.

.....

E me veio na memória,
 O lugar onde morava,
 O arroio onde brincava,
 Nos meus tempos de guri,
 Naquelas areias brancas,
 Deslizava das barrancas,
 Pra mergulhar junto a ti,

.....

Falo de ti meu arroio, que um dia foi condenado,
 Morreu sem ser sepultado, levou contigo a esperança,
 Hoje as nossas crianças, conhecem somente as histórias,
 Que guardado na memória, de algum vivente saudoso,
 Que fala de um rio piscoso, das traíras mui ariscas,
 E do lambari pra isca que desfilava orgulhoso.

.....

Querido arroio Portão, foste portal de entrada,
 Acompanhaste a chegada, de nosso desenvolvimento,
 Que o homem sem sentimento, buscando colher riquezas,
 Te encheu de impurezas, dando início ao sofrimento.

Morreu o peixe, o banho, morreu nossas brincadeiras,
Nossas farras domingueiras, pescarias imortais,
A saudade me maltrata, perdi o peixe de prata,
E o tempo não voltou mais.

.....

Me sinto o maior culpado, sem ter culpa deste feito,
Mas não tinham o direito, de um dia tirar-lhe a vida,
Percorro teu leito agora, sinto tua alma que chora,
Na tartaruga escondida.

.....

E o preto de tua água que flui de nossos curtumes,
Exterminaram os cardumes, que nunca mais voltarão,
E tu arroio Portão, água pura de minha infância,
Será a eterna lembrança de quem um dia te conheceu,
A vida é água corrente, e como é difícil o presente,
Pra quem no passado viveu.

.....

Dizem que as águas passadas, não podem mover moinhos,
Mas ainda existem caminhos que poderão ser traçados,
E juntos de braços dados, com fé, amor e esperança,
Vamos buscar aliança junto aos órgãos competentes,
Preservar nossas nascentes, nossa terra, nosso ar,
Tentando recuperar o que tiraram da gente.

HIDROGRAFIA DE PORTÃO

Hidrografia é a ciência que pesquisa e mapeia todos os reservatórios de águas naturais, de um determinado lugar.

O território de Portão se localiza no divisor de duas bacias hidrográficas: a Bacia do Rio Caí e a Bacia do Rio dos Sinos.

Da Bacia do Rio Caí, passa pelo município um importante tributário que é o Rio Cadeia. Sendo o limite natural, entre Portão e São José do Hortêncio, ao norte.

Deságuam neste rio, os arroios Serraria (deságua ao norte do município), Cadeinha (divisa a noroeste, com São Sebastião do Caí), Macaco Branco (com suas nascentes na localidade de Macaco Branco) e o arroio Capivara, com nascentes na localidade Sertão Capivara. O Rio Cadeia, segundo dados do Comitê Caí, já entra no município de Portão, com suas águas bem comprometidas pela poluição industrial, (na sua maioria curtumes e matadouros de animais) oriundos de outras cidades.

A maioria destes arroios pertence a Bacia do Rio dos Sinos. Estes por sua vez, estão subdivididos em 3 sub bacias que são numeradas, conforme organização do Comitesinos².

Sub Bacia n° 3 Arroio da Estância: A sub Bacia n° 3, compreende uma área de 45,99 km². O arroio Estância contribui diretamente ao Rio do Sinos. Percorre o sentido oeste-leste, localiza-se ao sul do município, fazendo divisa municipal com Nova Santa Rita. Este recebe alguns cursos d'água em seu leito, entre eles, o Arroio das Palmas, com nascentes situadas na localidade de Fazenda das Palmas. Além disso, tem suas nascentes no município, na localidade de Sanga Funda.

São utilizadas suas águas para dessedentação de animais, irrigação de hortaliças, diluição e afastamento de despejos domésticos, industriais e rurais.

² **Comitesinos:** Comitê de gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Sub Bacia nº 4 Arroio Boa Vista: Compreende uma área de 45,70 km². Recebe cursos d'água nos sentidos norte e sul. Destacam-se os Arroios Aroeira e Figueira, como seus tributários. Tem suas nascentes no limite oeste do município, percorrendo o sentido norte-sul e oeste-leste. Deságuando diretamente no Rio dos Sinos. Drena parte da sede urbana do município, onde se desenvolvem algumas atividades industriais.

Suas águas são utilizadas para irrigação de hortaliças, aquicultura, dessedentação de animais, diluição e afastamento de despejos domésticos, industriais e rurais. Há desmatamento significativo em suas nascentes.

Sub Bacia nº 5 Arroio Portão: Compreende uma área de 114,26 km². É a principal microbacia hidrográfica do município, pois agrega diversos e significativos arroios. Suas nascentes localizam-se ao norte, no município de Ivoti. Atravessando os Municípios de Estância Velha/Portão, recebendo em todo percurso, quantidades significativas de efluentes industriais e esgoto cloacal. Em Estância Velha tem o nome de Arroio Estância Velha.

Em Portão o arroio recebe quatro de seus cinco afluentes principais. Estes afluentes, muitas vezes, já estão poluídos e agravam a situação do arroio principal. Depósitos de lixo, próximos às margens do arroio, constituem outro meio de contaminação.

Devido a todos estes fatores, este curso d'água, que tem sua foz na margem direita do Rio dos Sinos, está bastante comprometido e a aparência das águas denuncia as graves alterações causadas pelos poluentes no meio aquático. Estas alterações, incluem transparência, ph, oxigênio dissolvido na água, etc., afetando diretamente flora e fauna existentes nas proximidades.

Afluentes da margem esquerda do Arroio Portão:

Arroio Nabinger: nasce na vila Boa Saúde, em São Leopoldo. Percorre aproximadamente 4,5 km de extensão

em terras pouco habitadas. Encontra-se em situação bastante favorável. Há substituição da mata ciliar em alguns trechos.

Arroio Bopp: origina-se ao norte da vila Ouro Verde em Portão. Recebe despejos de produtos químicos industriais e esgoto cloacal de dois bairros. Não possui mata ciliar em quase toda sua extensão, que é de 5,5 km.

Afluentes da margem direita:

Arroio Cascalho: nasce em Portão, atravessa o bairro Rincão do Cascalho. Recebe efluentes industriais de algumas empresas e esgoto cloacal do bairro. Percorre 12,5 km de extensão. Recebe águas de outro arroio durante seu curso: o Arroio Bom Jardim (nasce na localidade de Bom Jardim).

Arroio Nogue: nasce próximo a divisa de Portão e Capela de Santana. Atravessa a zona central de Portão e desemboca no Arroio Portão, no final da Vila Trilhos na rua São Pedro. É o afluente mais poluído, por receber o esgoto cloacal do Hospital de Portão. Joga-se lixo diretamente no arroio e há extração de areia, do leito deste arroio em alguns trechos. Percorre aproximadamente 9,2 Km de extensão.

Também é tributário do Arroio Portão (dentro do município), o Arroio Bonito. O Arroio Sanga do Schuck, (que se torna um banhado ao longo do Arroio Portão) deságua na divisa com São Leopoldo.

Banhados

Os banhados retêm os elementos poluidores através de sua vegetação. Além disso, amenizam problemas de enchentes e secas, funcionando como esponjas, regulando a liberação de água. Dentre os banhados que se destacam na região temos:

Sanga do Schuck: banhado do Arroio Portão, situado na localidade de Morretinhos.

Banhado situado junto ao Arroio Cascalho: neste local alguns trechos foram aterrados, gerando alguns problemas na área.

Banhado do Melrão: próximo a foz do Arroio Portão no Rio dos Sinos. Há muitos anos parte do Arroio Portão foi canalizado e grande parte deste banhado secou.

O ARROIO PORTÃO

A História do município de Portão está intimamente ligada a existência do arroio Portão. Foi nas imediações desse arroio que construíram o portão que denominou a cidade.

Inicialmente este arroio era chamado de arroio Correa, mas popularizou-se em função do dito portão que servia de ponto de referência para moradores, tropeiros e viajantes. A água do arroio Portão já foi limpa e potável. É por isso que os viajantes usavam o entorno do arroio para descansar e para abastecer-se de água. Muitos moradores ainda lembram que brincavam, refrescavam-se e pescavam no arroio Portão.

Nas últimas décadas, a água do arroio Portão tem sido motivo de preocupação, pois o índice de poluição extrapola o aceitável. Por conta disso é um dos responsáveis pela poluição do Rio dos Sinos. Além das empresas, que vem poluindo a água do arroio, também o esgoto e o lixo doméstico, têm agravado a situação desse importante elemento hidrográfico e histórico do município.

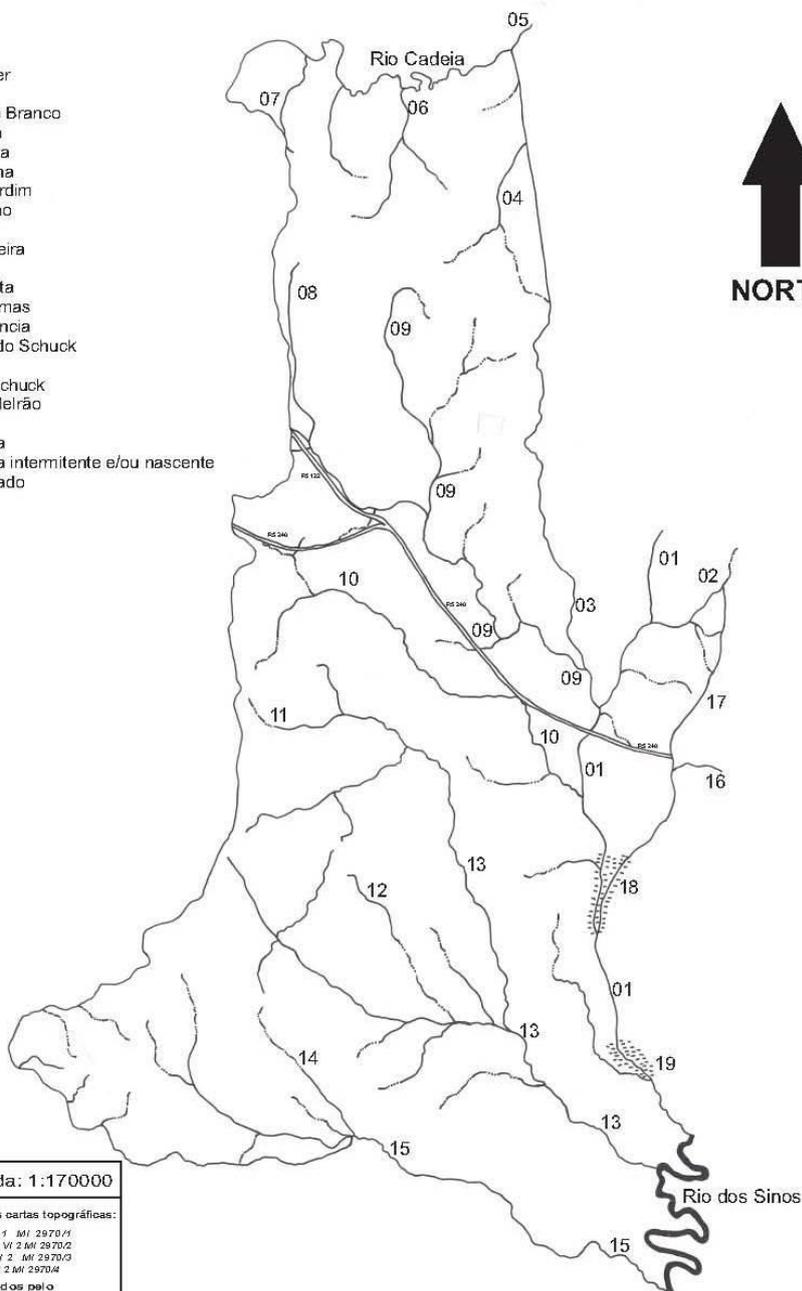
Cabe a atual e, as futuras gerações (comunidade e poder público), tomar iniciativas de controle de poluição, educação ambiental, conscientização, fiscalização, respeito à natureza e a vida, pois sem isso não estaremos sendo corretos com as gerações futuras. Por isso, é que todos devem se unir e começar a cuidar imediatamente do meio ambiente, pois como sabemos, sem água potável não existe vida no planeta.

Mapa da Hidrografia de Portão

Legenda

- 01 - Arroio Portão
- 02 - Arroio Nabinger
- 03 - Arroio Bonito
- 04 - Arroio Macaco Branco
- 05 - Arroio Serrana
- 06 - Arroio Capivara
- 07 - Arroio Cadeinha
- 08 - Arroio Bom Jardim
- 09 - Arroio Cascalho
- 10 - Arroio Noque
- 11 - Arroio da Figueira
- 12 - Arroio Aroeira
- 13 - Arroio Boa Vista
- 14 - Arroio das Palmas
- 15 - Arroio da Estância
- 16 - Arroio Sanga do Schuck
- 17 - Arroio Bopp
- 18 - Banhado do Schuck
- 19 - Banhado do Melrão

-  - Curso de Água
-  - Curso de Água intermitente e/ou nascente
-  - Área de Banhado



Escala aproximada: 1:170000

Executado de acordo com as cartas topográficas:

Montenegro SH. 22 V D VI 1, MI 2970/1

Novo Hamburgo folha SH. 22 V D VI 2 MI 2970/2

Marmelaz folha SH. 22 V D VI 2, MI 2970/3

São Leopoldo folha SH. 22 V D VI 2 MI 2970/4

Limites Municipais fornecidos pelo

técnico Antônio Dias.

Elaborado por Claudete B. Rocha

Janeiro 2011

VEGETAÇÃO DE PORTÃO

Com a ocupação dos colonizadores lusos, e posteriormente dos alemães, ocorreu uma modificação significativa na vegetação da localidade. Como em todas as áreas de colonização do Rio Grande do Sul, a derrubada maciça, da mata existente nesta localidade, para a exploração agrícola e pastoril, deu origem a campos limpos e degradados.

Nosso planeta apresenta diversos tipos de vegetações, que variam de acordo com a região onde se localizam. O solo e um clima de um lugar, são responsáveis pelo tipo de vegetação que ocorre.

A formação vegetal original, da região do município de Portão, considerando-se os aspectos climáticos e geomorfológicos é a mata latifoliada, ou seja, MATA ATLÂNTICA. Por ser uma floresta tropical é rica em espécies de vegetais. Constitui-se como uma mata fechada e heterogênea, onde aparecem árvores de grande e médio porte.

Os outros tipos de vegetação como, os campos e os banhados, são variantes decorrentes de fatores bem específicos e delimitados, mas que também fazem parte deste tipo de vegetação.

Algumas espécies que existem na vegetação, denominada MATA ATLÂNTICA, de Portão são:

- Árvores de grande porte: cedro; angico; cangerana; louro; figueira; timbaúva; grápia;...

- Árvores de porte médio: canela; catinga; cocão;...

- Árvores pequenas: pau d'arco; catinguá-de-ervilha; branquilha e várias mirtáceas (pitangueira, goiabeira, cerejeira do mato, jaboticabeira, etc.).

- Arbustos: Família das rubiáceas (petúnia; mirta do mato, etc.) família das solanáceas (ameixa do mato; etc.).

Há destaque ainda para algumas orquídeas, bromélias, samambaias, cactos e palmas.

Atualmente, as mudanças provocadas pelo homem, fizeram com que as matas fossem sendo gradativamente substituídas por lavouras e pastagens e, mais recentemente, por arborizações homogêneas, com espécies exóticas.

Aproximadamente 2% da área do município, ainda se encontram com a cobertura florestal original, sendo representada por pequenas manchas de matas remanescentes, cercados por áreas de uso antrópico (lavoura, pastagens, silvicultura), não havendo continuidade florestal, excetuando-se a vegetação de alguns morros testemunhos (lugares mais altos, com maior altitude), que foi preservada devido à sua declividade.

CLIMA DE PORTÃO

Portão, devido a sua localização geográfica ao sul do Trópico de Capricórnio, apresenta características de clima subtropical, com temperaturas médias inferiores a 18° C e chuvas regulares entre 1500 mm e 2000 mm anuais.

O município também sofre influência de 3 massas de ar: a Polar Atlântica (vinda da Antártida), a Tropical Atlântica (vinda do Oceano Atlântico) e a Tropical Continental (vinda da Argentina e Centro-oeste do Brasil). Essas massas de ar irão interferir no clima, fazendo com que haja variações de temperatura, umidade e índice pluviométrico (níveis de chuva).

Outro fator a ser observado no clima da cidade é o fator antrópico, ou seja, a interferência do homem no ambiente. ruas asfaltadas, desmatamento, construção de casas, tráfego de veículos, tudo isso acaba modificando as temperaturas, porque aquecem muito rápido com o calor do sol e resfriam facilmente na ausência dele. Sem a vegetação natural, o solo não consegue absorver a totalidade das chuvas, não retendo a umidade no local.

A altitude do relevo, também influencia o clima de um lugar, sendo que lugares mais altos terão temperaturas mais baixas (frias) do que lugares mais planos.

Portanto, nas áreas onde ocorrem os morros testemunhos as temperaturas são diferentes da zona central da cidade, onde as modificações feitas pelo homem alteram o clima.

SANEAMENTO BÁSICO

ÁGUA

O abastecimento de água do município de Portão é feito em parte operada pela CORSAN – Companhia Riograndense de Saneamento e, parte significativa através da utilização de poços artesianos, profundos e rasos, perfurados tanto pelas indústrias e pelo comércio, como por residências.

A captação da água que abastece a cidade é feita no Rio dos Sinos, na localidade de Lomba Grande em Novo Hamburgo, tratada na estação de Novo Hamburgo e canalizada até Portão pelo município de Estância Velha, onde foi construído um reservatório.

Quanto à utilização e perfuração de poços individuais, há a preocupação com o rebaixamento do lençol freático e da contaminação da água, haja vista que o sistema de esgotamento sanitário é do tipo primário, com infiltração direta no solo.

ESGOTO

O município não conta com sistema de tratamento de esgoto sanitário.

O tratamento do esgoto sanitário é primário, feito através de filtro anaeróbico, fossa séptica e sumidouro, cujos extravasores são ligados, na maioria dos casos, à rede pública de drenagem pluvial cujo destino final é o arroio Cascalho, Noque e Portão.

A exigência do tratamento primário de esgoto sanitário é feita por ocasião da aprovação dos projetos de construção

e verificada sua execução por ocasião do fornecimento da carta de habitação (Habite-se).

DRENAGEM PLUVIAL (ÁGUA DAS CHUVAS)

O destino final da rede de drenagem, principalmente da zona urbana, são os arroios Portão, Noque, e Cascalho que sofrem em alguns pontos da sua extensão, pelo acúmulo de lixo. Os arroios Boa Vista, Aroeira e Bom Jardim também recebem águas das chuvas, através de sistema de drenagem.

QUESTÕES SOCIAIS

Portão, como qualquer cidade, enfrenta alguns problemas sociais. Estes problemas, podem ser referentes a falta de infra estrutura urbana, falta de emprego, desigualdade de renda. O fato de ter muitas indústrias, acarreta em maior fluxo de pessoas circulando e, sendo atraídas para o município.

Segundo a Constituição Federal, todo o cidadão tem direito a moradia digna e a Lei designa, ao município, a responsabilidade do planejamento urbano.

Foi criada a Lei 1515/2004, intitulada 2º Plano Diretor de Portão, com a função de regular o planejamento urbano. O planejamento urbano é o processo de idealização, criação e desenvolvimento de soluções que visam melhorar ou revitalizar certos aspectos dentro de uma determinada área urbana ou do planejamento de uma nova área urbana em uma determinada região, tendo como objetivo principal proporcionar aos habitantes uma melhoria na qualidade de vida.

Recentemente, a Prefeitura Municipal, contratou profissionais, para realizarem um levantamento das áreas com problemas habitacionais no município.

Foram constatadas situações de lotes irregulares que foram vendidos sem condições de infra-estrutura básica

(água encanada, rede de esgoto, pavimentação de estrada); locais de preservação ambiental onde foram construídas casas (como as margens de alguns arroios) e casas situadas em locais nocivos para a saúde humana, podendo ocorrer deslizamento de terra e/ou contaminação química (antigo aterro industrial).

Além destes problemas, o baixo poder aquisitivo das famílias agrava a situação já precária. A falta de oportunidade, devido à baixa escolaridade, não permite que estas pessoas (a maioria vinda de outras cidades), consigam um emprego, com melhores condições salariais.

CAPÍTULO II

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO

Anterior à ocupação lusa no século XVIII e alemã no século XIX, na região entre São Sebastião do Caí e São Leopoldo, municípios dos quais Portão fazia parte, há registros sobre a existência de indígenas, especialmente do grupo denominado Tape.

Entretanto, a ocupação mais intensiva, no município de Portão, data do século XVIII quando começaram a se fixar nestas terras, as primeiras famílias de origem européia, lusos e luso-brasileiros, que receberam do Rei de Portugal terras em sesmaria, assumindo o compromisso de se fixarem e de tornarem as terras produtivas. Os primeiros colonos criavam gado, cultivavam árvores frutíferas e outros produtos. A Fazenda Boa Vista e a Fazenda Bom Jardim, datam deste período e, acabaram denominando estes lugares.

Nessa região, as primeiras sesmarias e, famílias catalogadas, foram as de José Leite de Oliveira que compreendia a fazenda do Courita, a leste do rio dos Sinos, entre a estrada de Sapucaia, o morro do mesmo nome e o passo geral, no rio dos Sinos e alcançava as margens do arroio Correia a oeste, passando ao sul de Hamburgo Berg (Novo Hamburgo) e englobando as terras do futuro município de Estância Velha.

A sesmaria do lado do arroio Correia seguindo pelas várzeas do arroio Cascalho, tributário na margem direita do arroio citado, presumivelmente até a Estrada dos Correia, limítrofe com a Fazenda da Cachoeira, de Ferraz de Abreu, se a hipótese é correta, toda a região de Portão Velho e Rincão do Cascalho estaria incrustada dentro desta sesmaria, cedida em nome de Manoel Correia.

A sesmaria de José Pinto Ramires (meio irmão de Manoel Pinto Bandeira e Francisco Pinto Bandeira, este

último, pai do lendário Coronel Rafael Pinto Bandeira), ficava no extremo sul, até a foz dos rios dos Sinos e Caí denominada de Fazenda de Santa'Ana, da Ilha do Rio do Sinos, fechando-se com o arroio Correia e o Cadeia.

Luiz Alves Coelho, Sebastião Rodrigues, Francisco Rodrigues, são nomes facilmente encontrados na zona central e leste do atual município de Portão, Manoel Duarte do Amaral, Viúva Maria Nunes, com indicações orais de descendentes, na região central onde se situa a Estação Portão e a localidade da Boa Vista.

Ainda, João Velho da Costa, possível antigo tropeiro, que deixou descendentes no ramo da marchantaria, na região oeste do povoado do Rincão do Cascalho. Salvador de Souza, José de Souza, com vários nomes esparsos, pelas vilas da localidade de Portão, possíveis descendentes do capitão João José de Azevedo e Souza, porém relacionado na história de Montenegro, como um dos pós-fundadores do arraial de Capela de Santana.

João Batista da Rosa, mencionado na história de Montenegro, ascendente do escritor Antonio Carlos F. da Rosa. Aparece como proprietário da fazenda do Desterro, na margem esquerda do rio Caí e a jusante do morro da Mariazinha. E ainda, Bernardo Baqueano, Marcelino Cordeiro, Antonio Gonçalves.

Após 1758, muitos pioneiros vieram se somar aos primeiros colonizadores das terras de Portão, Capela de Santana e São João de Montenegro. Entre eles, poderíamos citar as famílias de Manoel Fernandes Chaves, Cândido Rodrigues Ferreira, Joaquim Pereira do Amorim e João Luiz Teixeira. Consta do mesmo trabalho, que as terras da diocese de Capela de Santana foram doadas por Desidéria de Oliveira Pinto Bandeira, casada com o capitão João José de Azevedo e Souza e a filha do Capitão Custódio Ferreira de Oliveira Guimarães.

Quando se iniciou a colonização teuto e teuto-brasileira em Portão, as terras a leste e oeste do arroio do Portão, eram de propriedade particular e, após 1824, as terras da

Nesse contexto, é importante salientar que a localização de colonos alemães, no sul do país, serviria para preencher objetivos fundamentais do Império, que, recentemente, tornara-se independente da metrópole Portugal. Um dos objetivos era o de garantir a posse de uma área, em constante conflito com as províncias da região do Prata, através do povoamento e colonização, o que garantiria também, a manutenção das tropas então estabelecidas.

Outro objetivo era introduzir uma nova mentalidade, no que se refere à posse de terra, produção e mão-de-obra. Ou seja, com a colonização alemã, introduzia-se a pequena propriedade, a policultura e a mão-de-obra branca e livre, frente, ao latifúndio monocultor, escravocrata.

Neste período, a localidade Portão pertencia a Real Feitoria, que fora dividida em lotes posteriormente doados aos colonos imigrantes originando a Colônia de São Leopoldo. É desta época (1824) que data a presença de elementos de origem alemã em Portão, pelo menos no que se refere às áreas do lado leste (ou esquerdo) do arroio do mesmo nome.

Entre os primeiros grupos de origem germânica, estabelecidas nesta localidade, estavam às famílias Einsfeld, Nabinger, Foernges e Gerhard. Mais tarde, colonos já estabelecidos e seus descendentes ocuparam o lado oeste do município, comprando terras dos proprietários luso-brasileiros. Destacaram-se as famílias Scherer, Roesse, Jung, Müller, Lemmert, entre outras.

Os primeiros imigrantes que chegaram à região do Vale dos Sinos, incentivados pelo projeto de imigração européia, que prometia a distribuição de terras, gratuitamente entre outros benefícios. Estas doações, eram usadas para convencer os alemães que pretendiam imigrar. Era-lhes oferecida, além da viagem sem nenhum ônus: liberdade religiosa; cada família receberia cerca de 80 hectares de terras, cavalos, vacas e bois; durante um ano receberiam uma ajuda em moeda corrente; e estariam isentos de todo

imposto e de toda prestação de serviço por dez anos. É sabido, entretanto, que grande parte desses imigrantes não recebeu o total do que lhes havia sido prometido. Aliás, esses incentivos valeram somente até 1830, pois pela Lei do Orçamento de 15 de dezembro, artigo 4º, foram abolidas as despesas com a colonização de estrangeiros.

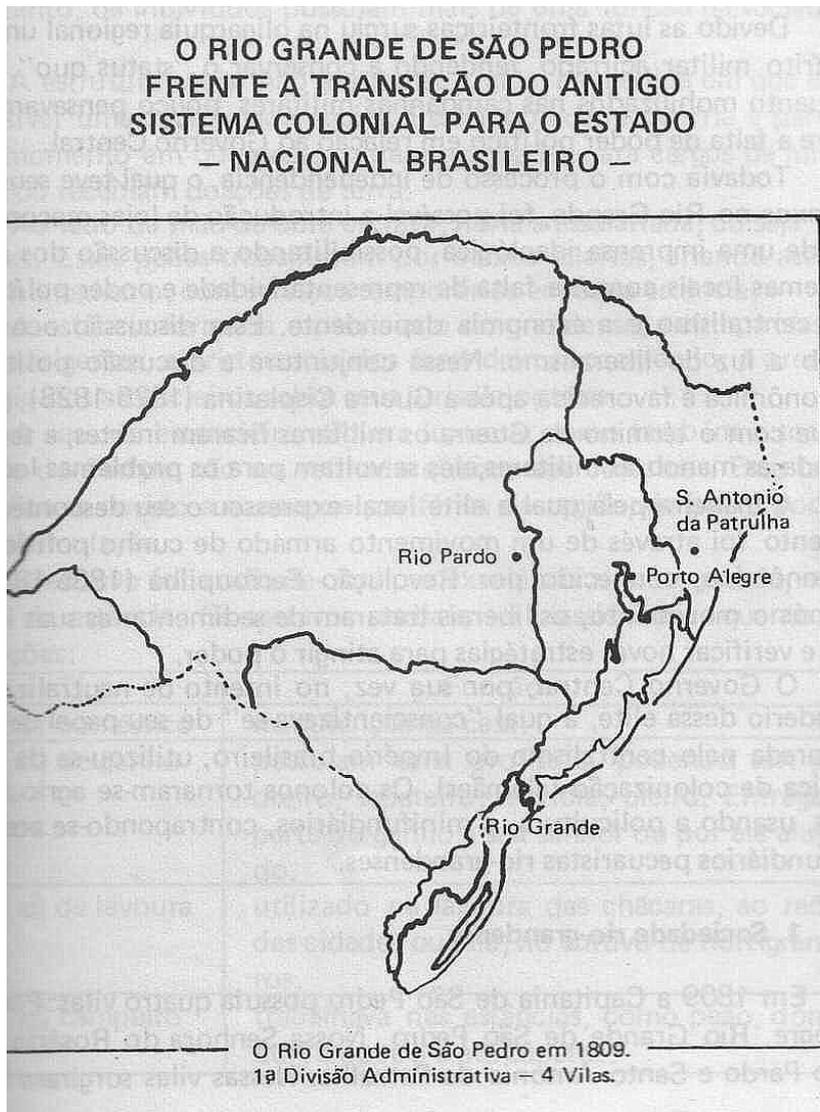
Foi nesse processo de imigração, que se intensificou a ocupação de Portão, por famílias alemãs, o que ocasionou uma importante diversificação nas práticas econômicas. Antes disso, dentre as atividades desenvolvidas nas fazendas lusas, destacavam-se a criação de gado, o cultivo de frutas cítricas, as plantações de mandioca e de cana-de-açúcar. Geralmente, as propriedades tinham uma atafona, uma moenda ou engenho e a mão-de-obra utilizada nos trabalhos da fazenda era, até então, escrava.

É importante destacar, que o cultivo da mandioca possuía uma importância tão grande, que essa cultura não se restringiu as propriedades lusas, mas foi praticada até mesmo nas áreas destinadas à criação de gado, nas chácaras ou culturas de quintal das propriedades. A mandioca ou aipim, era consumido pelas populações coloniais, e destinava-se também à alimentação do gado e na fabricação artesanal de farinha para a produção de pão, em nível das próprias unidades familiares. Seu cultivo foi de grande incremento econômico, pois atuou como um poderoso substitutivo do trigo.

Os alemães, que ocuparam o lado leste do arroio Portão, em colônias de cerca de 80 hectares, dedicaram-se à agricultura de subsistência, e raramente, possuíam animais mais do que o necessário para o consumo da família. Muitos eram artesãos, ofício trazido na bagagem cultural desses imigrantes.

Entre 1808 e 1889, no período imperial no Brasil, a área de terras que abrange o território do município de Portão, pelos limites definidos pelo Projeto-Lei n.º 205/63, pertenceu respectivamente a Porto Alegre, São Leopoldo e por último a

São Sebastião do Caí, vindo a emancipar-se deste em 9 de outubro de 1963.



Desde 1809, quando teve início o municipalismo no Rio Grande do Sul, então Província de São Pedro, com a criação

de quatro municípios (Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha) e a conseqüente divisão do território entre eles, até 1846, foi dentro dos limites de Porto Alegre que se localizava a área de Portão

Em 1846, quando a província já contava com quatorze municípios, foram criados mais quatro, entre eles São Leopoldo pela Lei n.º 4 de 1º de abril, que se emancipou de Porto Alegre carregando consigo a abrangência do futuro município de Portão.

No terceiro quartel do século XIX, São Sebastião do Caí se emancipou de São Leopoldo, pela Lei n.º 995 de 1º de maio de 1875 e levou, para sua jurisdição, a quase totalidade da área daquele, que viria a se tornar, em 1963, o município de Portão. A lei que criou o município de Caí, também o dividiu em quatro distritos, sendo que Portão ficou localizado, no quarto distrito, denominado de Sant'Anna do Rio dos Sinos, não por coincidência, a mesma nomenclatura que possuía quando pertencia a São Leopoldo. Esta manutenção se deveu a que os habitantes daquele distrito continuaram a ser assistidos pela mesma paróquia eclesiástica, a de mesmo nome, que recebeu o distrito e que posteriormente, deu também nome ao município, que se formou em sua volta.

Com o final da Revolução Farroupilha, o desenvolvimento demográfico e econômico da colônia, esta não só foi elevada a município, como teve seu território aumentado e dividido em distritos, de modo a ser mais bem administrado. O aumento da área pertencente a São Leopoldo, atingiu em cheio Portão. Agora as duas margens do arroio passaram a pertencer ao mesmo núcleo administrativo (antes uma era submissa a Porto Alegre e outra à "Colônia alemã de São Leopoldo"). Mas isto não implicou em uma padronização do sistema colonizador nas duas margens.

O lado ocidental não havia sido desapropriado para a colocação dos imigrantes germânicos, e assim continuou. A margem oriental já havia sido ocupada pelos imigrantes

chegados nas primeiras levas. Estes se estabeleceram nas proximidades do Passo Geral do Rio dos Sinos, e foram distanciando-se dele conforme as terras disponíveis iam sendo ocupadas. Assim as terras de Portão, que ficam a oito quilômetros do Passo, foram logo distribuídas.

Em 1846 o território só pertencia a São Leopoldo, mas estava dividido entre dois distritos, o 3º e o 4º distritos.

Quando da emancipação de São Sebastião do Caí de São Leopoldo, em 1875, o território de Portão voltou a pertencer a dois municípios; o lado ocidental (oeste) do rio Caí e o leste a São Leopoldo, sendo ambos, coincidentemente, 4º distritos de suas respectivas matrizes.

A troca de proprietários foi uma constante. É possível, que isso se deva, pelo menos em parte, ao fato de que já naqueles primórdios, quase todos os prazos daquela região fossem cortados pelas estradas que, uma no sentido sul-norte, vinha diretamente da cidade de São Leopoldo e ia para o Bom Jardim (Berghanerschneis) (atual município de Ivoti), outra no sentido leste-oeste, que saindo da estrada que de São Leopoldo vai para Dois Irmãos (Baumschneis), na altura do que hoje é conhecido por bairro Scharlau vai para Montenegro, São Sebastião do Caí e para as outras novas colônias de então. Assim, o Passo do Portão ficava sendo um local estratégico, por onde passavam grande parte das mercadorias que vinham das colônias por terra, para São Leopoldo e Porto Alegre.

OS INDÍGENAS NO RIO GRANDE DO SUL

“Os contatos culturais entre conquistadores e indígenas do Rio Grande do Sul pré-histórico fizeram parte de um processo de dizimação do aborígene, da perda de sua identidade”. Processo esse que evoluindo do século XVI ao séc. XIX, teve o seu ponto culminante no decorrer do século XIX. (Quevedo, 1997).

Antes da colonização portuguesa iniciar no Brasil e no RS, este território era habitado por várias nações indígenas.

Pode-se dizer que no território onde hoje se localiza o município de Portão, circulavam 3 etnias indígenas. Entretanto, não temos estudos mais avançados, nem dados arqueológicos que nos permitam afirmar que predominava um grupo ou outro desses indígenas. Tampouco, temos remanescentes ou vestígios físicos, que pudessem confirmar suas presenças aqui em Portão. O que temos são dados gerais da presença indígena no RS, o que nos permite especular sobre suas andanças e permanências na região.

- Grupo étnico Jê (coroados, kaingang, guaianases);
- Grupo étnico Guarani;
- Grupo étnico Pampeano.

GUARANIS: era o maior grupo indígena do Brasil. Eles habitavam principalmente a região Amazônica e acabaram rumando para o litoral. Entre os guaranis existia a crença na “terra sem males”. Eram nômades por 2 motivos:

1. Porque acreditavam que a terra enfraquecia se plantassem nelas;
2. Porque estavam à procura da terra sem males.

Praticavam danças nas suas festas, caçavam para se alimentarem, além de coletarem frutas e sementes nas florestas.

Acreditavam que esta terra sem males ficava perto do sol, portanto, foi em busca do nascer do sol, a leste do Brasil, que os guaranis chegaram ao litoral. Encontramos no norte do estado, em algumas reservas indígenas demarcadas.

Os Tape foram incorporados pelos guaranis. Praticavam a agricultura e havia uma divisão do trabalho: homens preparavam a terra e quem colhia eram as mulheres. Plantava milho, abóbora, mandioca, batata doce, amendoim, feijão, algodão. Além disso, eram caçadores. Praticavam a cerâmica.

Esse grupo tomava uma bebida à base de erva-mate. Dos Tape herdamos o chimarrão. Os Tape falam a língua TUPI, que originou muitas palavras da língua portuguesa no Brasil: araçá, caboclo, capim, taquara, piá, tatu. Encontramos este grupo indígena na região sudeste do Brasil.

PAMPEANOS: Designa como pampeanos os índios, Charruas, minuanos, Guenoas e Yarós. Habitavam o sul do RS, e Uruguai e partes das províncias argentinas de Corrientes e Entre os Rios. No RS, os vestígios mais antigos remontam o primeiro milênio antes de Cristo. Construíram suas habitações sobre cerritos (pequenas elevações feitas nos banhados) e viviam da caça e, sobretudo, da pesca.

Ainda hoje é muito difícil fazer uma análise mais profunda sobre as etnias pampeanas devido ao pouco material deixado por esses antigos habitantes dos campos sulinos. Entretanto, podemos observar que muitos traços de sua cultura ainda permanecem vivos nos costumes do gaúcho, como os próprios adornos da vestimenta usados até hoje, como a Palla, o Chiripá, as malas de garupa, além dos hábitos alimentares, como o de comer carne assada, reunir-se a beira do fogo de chão sentado nos calcanhares, o respeito pelo idoso (assemelhando-se ao costume Charrua de eleger o mais velho como chefe). O caráter honroso e

guerreiro, dessas populações, foi o principal forjador da identidade do homem do pampa.

JÊ: habitavam o norte do RS, na região do planalto. Eram um grupo de floresta. Viviam principalmente da caça, mas também praticavam a agricultura nos campos. Dos JÊ, herdamos a coivara. Entre os Jê, a terra era coletiva. Não eram tão agricultores como os tape. Eram exímios fabricantes de cestos de vime. Deste grupo, os Kaigang³ são os únicos sobreviventes.

Os Jê foram destruídos pelas epidemias europeias e africanas, bem como pela ação dos bandeirantes e bugreiros nos séculos XVII e XVIII. Os bugreiros, profissionais que recebiam pagamentos por índio morto, provocaram o vazio demográfico, nas trilhas das tropas de gado.

Levas de indígenas corridos pelos cafeicultores de São Paulo, chegaram ao Rio Grande do Sul no século XIX. Novamente foram destruídos pelos brancos, que contrataram bugreiros e dividiram suas terras entregando-as aos imigrantes europeus.

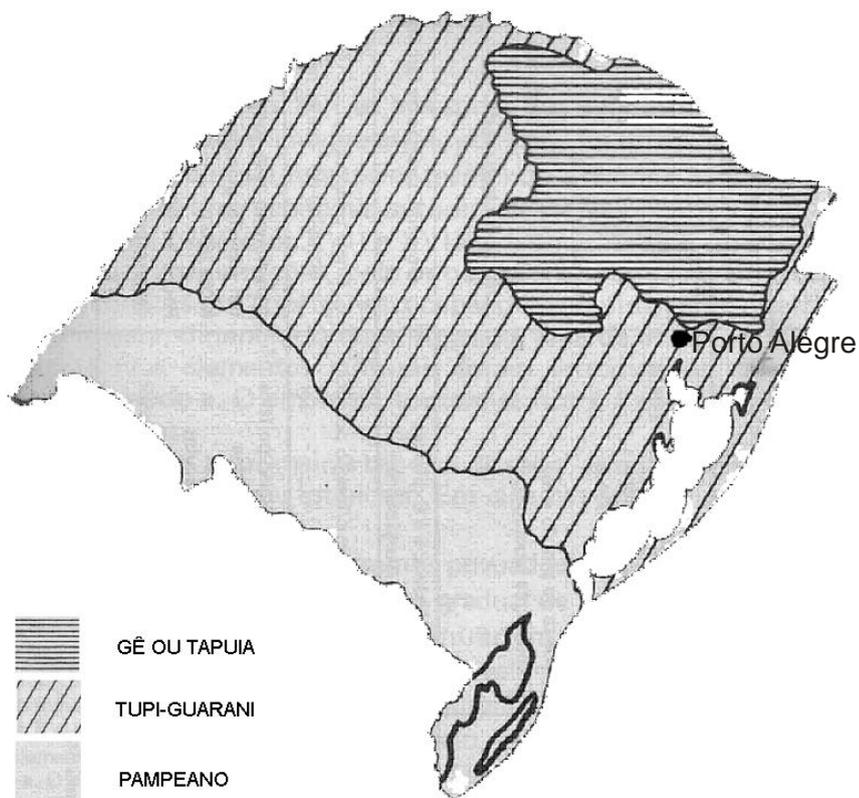
Em Portão, hoje em dia, não temos nenhuma reserva ou acampamento indígena. Encontramos índios kaigang em São Leopoldo e outras cidades da região.

O mapa a seguir, ilustra a localização aproximada dos indígenas, pré-históricos, no Rio Grande do Sul.

³ Em 1882, *Telêmaco Morocines Borba reuniu os sobreviventes, dando-lhes o nome genérico de Kaigangs.

* sertanista, antropólogo.

NOSSOS INDÍOS OS PRIMEIROS DONOS DA TERRA A PRÉ HISTÓRIA RIO-GRANDENSE



MAPA DA DISTRIBUIÇÃO APROXIMADA DOS ÍNDIOS PRÉ-HISTÓRICOS NO RIO GRANDE DO SUL

OS NEGROS NA HISTÓRIA DE PORTÃO E REGIÃO

A história dos negros, em Portão, está ligada à necessidade de fixação de população, nessa região, que era disputada por espanhóis e portugueses. Com a extinção das Missões Jesuíticas, era necessário proteger, ainda mais, as fronteiras. Assim, ao final de 1788, as grandes estâncias foram divididas e, no Vale do Rio dos Sinos as terras foram desapropriadas para a instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo.

A Feitoria fora fundada, no ano de 1783, por ato do vice-rei Marquês de Lavradio, foi essa Real Feitoria instalada no denominado Rincão do Canguçu na Serra do Tapes, no atual município de Pelotas (CHAVES, 1978). Em 1788, esse empreendimento, da Coroa portuguesa, foi transferido para as margens do Rio dos Sinos, local à época denominado de Faxinal do Courita. As ações da Coroa visavam incentivar o plantio da fibra, que era a matéria-prima, necessária para a fabricação de velas e de cordas para as embarcações. Na verdade, o cultivo do linho cânhamo fazia parte de um projeto econômico, promovido pelo Estado português, a partir da administração de Pombal e, tinha o objetivo, no caso específico do linho cânhamo, de substituir o linho de Riga, que era importado dos países bálticos, e também de utilizar a agricultura como forma de fixar a população na região. A afirmação de Chaves (1978, p.113), reforça a importância da produção do linho, quando diz:

“Sabemos que esta cultura é de um interesse público tão conhecido que merece os maiores cuidados possíveis a todos os brasileiros. Sabemos que o cânhamo vem muito bem em muitas partes do sul do Brasil, o que mesmo se prova com a carta régia de 5 de novembro de 1808, dirigida ao governo de São Paulo; e

particularmente conhecemos que esta província (do Rio Grande) parece ser criada pela Natureza para abastecer de produtos de cânhamo, não só ao Brasil, mas até a uma grande parte da Europa.”

As fibras eram utilizadas para a fabricação de tecidos grosseiros, utilizados nas sacarias e roupas, além de matéria-prima para cordoarias e velas, necessárias na navegação. É importante lembrar que, entre os séculos XVIII e XIX, a construção naval encontrava-se em crescimento, sendo o transporte marítimo indispensável para a exportação. O tráfico de escravos africanos, para o Brasil e a pesca da baleia constituíam-se em atividades que exigiam uma forte demanda de embarcações.

Em vista disso, a produção do linho cânhamo foi considerada prioritária pela Coroa portuguesa. A partir da leitura da “Quinta e Última Memória Sobre a Província do Rio Grande de São Pedro” (CHAVES, 1978), consegue-se depreender que havia, por parte da Coroa Portuguesa, interesse na cultura do cânhamo, pois via através do cultivo desta planta possibilidades de mercados para os seus produtos. Porém o importante para o presente trabalho, é destacar que esse estabelecimento usava mão-de-obra escrava, desde a sua fundação, estendendo-se durante o período de transferência em 1788, até sua extinção, em 1824. O inventário dos bens da Feitoria aponta a presença majoritária de cativos, como trabalhadores e, sendo, os escravos, o principal capital fixo desse estabelecimento. Em correspondência de 5 de outubro de 1824, endereçada a Jozé Thomas de Lima, quando do desmantelamento da Feitoria.

Jozé Feliciano Fernandes Pinheiro afirmava que existia no local, um total de 321 escravos. As listagens de embarque dos escravos, da extinta Feitoria, para o Rio de

Janeiro trazem os nomes dos escravos e das respectivas famílias, que foram transportados para a Corte.

Contudo, os objetivos propostos pela Coroa Portuguesa não atingiram os seus intentos. A causa – ou causas - da falência desse importante estabelecimento, dentro dos planos estratégicos da Coroa Portuguesa, não está claramente determinada pelos estudos realizados até então.

Assim, durante os primeiros tempos da ocupação das terras do atual município de Portão, que faziam parte da Real Feitoria do Linho Cãnhamo, os negros já estavam presentes da história local. Além do trabalho na agricultura, os negros dedicavam-se a diversas atividades. Encontramos escravos campeiros, roceiros, lavradores, trabalhadores de serviço doméstico, costureiras e cozinheiras, em especial as mulheres, também como obreiros, carpinteiros, oleiros, curtidores e alguns “sem ofício”. Mesmo após a chegada dos imigrantes, em 1824, com a extinção da Feitoria, alguns escravos permaneceram na região e, mantiveram, relações de trabalho com os recém-chegados alemães e com os portugueses que já estavam no local.

Durante a escravidão, os negros procuraram resistir ao cativeiro das mais diversas formas: suicídio, assassinato do senhor, formação de quilombos, irmandades religiosas, entre outras formas. Assim, após a abolição da escravidão, espalharam-se por todo o Brasil vozes que ecoavam a luta de Zumbi dos Palmares. Em todos os recantos, de norte a sul do Brasil, surgiram os quilombos como forma de demonstrar a insatisfação do negro, diante da liberdade sem reconhecimento do trabalho no cativeiro, por mais de três séculos. Hoje, a ideia de quilombo remete aos grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência, na manutenção e reprodução de modos de vida característicos na constituição de um território próprio (Leite, 2002). E a própria Constituição Brasileira refere-se a essas

comunidades como passíveis de receber, legalmente, a titulação das terras.⁴

O ⁵quilombo do Morro do Macaco Branco, localizado nos morros do Macaco Branco e Bom Jardim, na zona rural de Portão está a demonstrar a resistência da população negra após a abolição. Muitos quilombos existentes hoje no Rio Grande do Sul, formados por ex-escravos que permaneceram nas antigas fazendas tocadas por mão-de-obra cativa, ainda preservam tradições seculares. E o quilombo do Macaco Branco, formado por setenta e oito famílias é um exemplo muito claro dessa resistência. São pessoas que sobrevivem do trabalho na terra, outros são trabalhadores das fábricas de Portão ou cidades vizinhas, e convivem pacificamente com a população branca local. A diversão dos moradores, do quilombo, está ligada às festas religiosas, no Salão da paróquia do Santo Expedito e nos jogos de futebol, que ocorrem na localidade. As crianças frequentam as escolas próximas do Morro: uma que atende crianças do 1º. ao 4º. Ano e a outra escola, situada na Cachoeira, possui Ensino Fundamental completo, até a 8ª. Série.

⁴ Artigo 68 – Ato das Disposições Transitórias da Constituição promulgada em 1988 inscreve-se que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

⁵ Através da Associação de Moradores a comunidade foi reconhecida oficialmente como comunidade quilombola no ano de 2012 pelo Ministério da Cultura através da Fundação Palmares.

MINHA TERRA

(Ernani Nunes)

Minha terra tem lugares onde canta o quero-quero
Tem matas que eu venero, tem vertentes de águas puras,
Capivaras, saracuras, serros de pedra e banhados.
Campos verdes onde o gado, impera com liberdade.
Aqui a hospitalidade é o canto dos passarinhos
Que se encontra nos caminhos ao se afastar da cidade.

.....

Me refiro ao interior que nos brinda com seus encantos
Embelezando os recantos de nossa querida terra,
Vou pro Norte, subo a serra, e me banho na CACHOEIRA
Acompanho as corredeiras e num BOM JARDIM me acampo
Sob a luz do pirilampo percebo plantas tão raras
Vou seguindo a CAPIVARA num rastro pelo barranco
E encontro um MACACO BRANCO brincando pela Coivara.

.....

Depois eu venho pro sul, e entro no MORRETINHOS
Que se parte em dois caminhos, pro CARIOCA
E pró SOCORRO, a estrada larga eu percorro,
Rumo a FAZENDA DAS PALMAS, então prá lavar a alma
Na SANGA FUNDA eu mergulho para emergir com orgulho
No outro lado da fonte, depois em cima do monte
Pra uma BOA VISTA eu me ponho e dou asas a meus
sonhos
Buscando o além no horizonte.

AS LOCALIDADES RURAIS DE PORTÃO

MORRETINHOS

A localidade Morretinhos, distante cerca de 5 km da sede municipal, faz divisa com São Leopoldo e com as localidades rurais do Socorro e Carioca. É uma comunidade historicamente formada por famílias de descendentes de portugueses e alemães. Nos últimos anos, tem recebido um número considerável de novos moradores, por apresentar-se como um local tranqüilo para morar e por sua proximidade com a zona urbana, facilitada pela existência de linha de ônibus que serve esses moradores.

Boa parte dos moradores vive da produção agrícola e da pecuária comercial. Na agricultura, destacam-se a produção do milho, aipim, cana-de-açúcar, acácia negra, eucalipto, melancia e hortaliças em geral. Na pecuária, encontram-se bovinos, equinos, ovinos e suínos.

Facilitada pela proximidade do centro da cidade, há tempos que empresas estão instaladas na localidade, as quais empregam moradores locais e de outros lugares.

Em 1961, o antigo morador José Rodrigues da Rosa Filho, doou uma área de terra para que a sede São Sebastião do Caí construísse a escola, pois as crianças tinham muita dificuldade para estudar, devido a distância até as escolas do então 8º Distrito – Portão. A escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac foi criada no governo de Leonel Brizola e, por suas características, ainda nos dias de hoje é chamada de Brizoleta.

Nesta localidade, foi criado, em 1979, o Piquete de Laçadores Timbaúva, uma das entidades mais antigas do município, que vem a trinta anos desenvolvendo suas atividades de forma ininterrupta, com destaque para o Rodeio Crioulo Estadual. A primeira edição do rodeio ocorreu em 1988, sendo realizado na propriedade do senhor Argemiro Nunes.

A localidade Morretinhos vem apresentando um crescimento demográfico nos últimos anos, pois novas ruas vêm sendo abertas formando pequenas vilas, o que de certa forma, transforma a paisagem que antes era predominantemente formada por campos.

FAZENDA DAS PALMAS

A Fazenda das Palmas foi fundada por Leonel Paz de Oliveira e por Generosa Fernandes de Oliveira, com uma extensão de 700 hectares. A Fazenda recebeu este nome devido a grande quantidade de palmas nativas (planta espinhenta) encontradas, principalmente nos lugares altos, sendo que, em algumas áreas, era quase impossível entrar a cavalo, pois havia tanta palma que impedia o acesso.

Nesta Fazenda criava-se gado, plantava-se mandioca para fazer polvilho e farinha, produtos também exportados para outros lugares. A estrada de acesso à localidade é a mesma até hoje, ficava dentro da Fazenda e na época, era apenas um atalho onde se passava de um lado para o outro, com duas porteiras. Após a morte do senhor Leonel, partes dos herdeiros venderam pequenos lotes o que permitiu o crescimento demográfico da localidade.

As propriedades que faziam divisas com a Fazenda das Palmas pertenciam a Oscar Silva, Bento Rocha, Luis Cresa, João Scherer, Albano Winck, Idalino Silva entre outros. Esses também foram importantes agricultores que contribuíram para desenvolver essa região do município de Portão.

Esta localidade já pertenceu ao município de Canoas, São Sebastião do Caí e, no processo de emancipação, passou a pertencer a Portão. A maioria da população é descendente de portugueses, sendo uma das comunidades mais antigas do município.

Até a metade do século passado, a economia baseava-se na prática da agricultura. Plantava-se feijão, melancia,

melão, cana-de-açúcar (para fazer melado) e mandioca, da qual faziam a farinha. Como já sabemos, era tradição nas propriedades rurais ter uma atafona. Também criavam porcos, gado e faziam queijos. Para o transporte, usavam carro de boi, charrete ou cavalo. Tanto para deslocamentos de trabalho, quanto para compras e passeio.

A economia está focada na produção da acácia-negra, sendo o seu corte uma das principais fontes de trabalho, além da criação do gado e da prática da horticultura. Os trabalhadores empregados no segundo setor se deslocam principalmente para Nova Santa Rita, devido à proximidade com este município limítrofe.

Atualmente, na área abrangente da antiga Fazenda das Palmas, existe cerca de 270 habitantes em pouco mais de 50 moradias. Aqueles que moram nesse restante da Fazenda das Palmas, trabalham no corte de mato ou retirada de lenha, este tipo de atividade costuma ser pouco remunerada, o que inspira preocupação com a comunidade.

Na Fazenda das Palmas, os eventos sociais e culturais, são fortemente motivados pelas atividades da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fazenda das Palmas e pelas festas religiosas, que ocorrem nas comunidades vizinhas.

BOA VISTA

A ocupação da localidade Boa Vista iniciou-se com a chegada dos portugueses, no século XVIII, lá pelos anos de 1750, quando começaram a se fixar nessas terras, assumindo o compromisso de as tornar produtivas. As primeiras famílias, de origem lusas e luso-brasileiras, receberam do Rei de Portugal terras em sesmaria. A Fazenda Boa Vista, ali fundada, data deste período e acabou denominando a localidade. O primeiro proprietário foi o donatário Jerônimo de Castro Guimarães. Ele era alferes, ou seja, soldado imperial. Ganhou as terras em sesmaria da

coroa portuguesa, era solteiro e não teve filhos e foi dado como ausente. Presume-se, que essas terras foram apropriadas ou doadas a Bernardino José Coelho do Rosário e sua mulher Rita Maria de Souza, que venderam a propriedade a Jacob Winter em 14/04/1857, período em que já se iniciara a ocupação alemã em Portão.

Posteriormente, essas terras foram sendo vendidas em lotes para os imigrantes e, principalmente, para os filhos de imigrantes, nascidos aqui no vale do rio dos Sinos.

Especula-se que o nome da localidade, está associado ao fato de que os primeiros moradores, perceberam que em cada diferente colina tinha-se uma “boa vista” do vale, logo passaram a chamar o local de Boa Vista. Mais recentemente, associou-se o nome à existência do antigo curtume Boa Vista, mas como essa empresa foi fundada somente em 1920, excluí-se essa possibilidade, pois a localidade é que “emprestou” o nome para a empresa.

Consta, no imaginário local, de que a Boa Vista teria sido utilizada, como base de observação e controle de deslocamento de tropas, durante a Revolução Farroupilha. De fato, a localidade ainda permite visualizar cidades importantes como Porto Alegre e Triunfo, apesar das extensas plantações de acácia negra que vem mudando a paisagem ao longo do tempo. Entretanto, essas informações carecem ainda de estudo mais aprofundado e averiguações de fontes documentais, orais e arqueológicas.

Quando se iniciou a ocupação teuto-brasileira, visava-se garantir a posse de uma região, em constante conflito e introduzir uma nova mentalidade, no que se refere à posse da terra, produção e mão-de-obra. Neste contexto, entre os primeiros grupos de origem germânica que se estabeleceram na localidade estavam às famílias Scherer, Røese, Jung, Winck, Ely, Deike, Müller, Lemmert, entre outras. Os alemães ocuparam colônias de cerca de 80 hectares, dedicaram-se à agricultura de subsistência e raramente possuíam animais, além do necessário, para o

consumo da família. Muitos ainda eram artesãos, ofício trazido na bagagem cultural desses imigrantes.

Entre fins do século XVIII e início de XX, a Boa Vista chegou a ter certo destaque, no que se refere a economia, tendo sido o local planejado para a construção da primeira igreja evangélica luterana de Portão, pois a comunidade luterana tinha que se deslocar para Estância Velha para participar de eventos religiosos. Entretanto, em 1916, resolveram construir a igreja na Estação Portão, em função da chegada da ferrovia.

Assim como a maioria das comunidades rurais, boa parte da população, vive da produção diversificada de produtos, incluindo a produção da acácia-negra. Contudo, a proximidade com a sede do município, que fica a apenas 5 km de distância, tem aumentado a presença de indústrias na localidade, o que configura um diferencial, pois muitos dos moradores acabaram arranjando funções industriais, não dependendo só da produção agrícola para sobreviver.

Entre os remanescentes dessa localidade, encontramos resquícios de um antigo cemitério, com sepulturas datadas ainda do século XVIII. Na localidade, há também uma antiga escola Brizoleta, que foi desativada em 2010. Ela foi construída pelo Estado em 1963 e municipalizada em 1975 - a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Scherer.

A principal via de acesso, para a localidade, é a Rua Boa Vista, que se bifurca em uma rótula que se direciona para as localidades do Socorro e Sanga Funda.

A Localidade Boa Vista esta situada na zona rural, distante a cerca de cinco quilômetros do centro administrativo do município, e apesar de ser rural, possui uma área destinada a Distrito Industrial, o qual possui diversas indústrias de diferentes ramos de produção, sobressaindo as do setor coureiro e químico.

A população desta localidade é formada basicamente por chacareiros e pequenos proprietários rurais.

SOCORRO

A localidade de Socorro, localiza-se a cerca de 12 km distante da sede municipal, situada entre as localidades de Sanga Funda e Carioca, que se limitam com os municípios de Nova Santa Rita e São Leopoldo. Esta comunidade é uma das mais antigas do município e, assim como as localidades próximas, teve no princípio ocupação lusa e luso-brasileira e, posteriormente, ocupação teuto e teuto-brasileira.

O nome de Socorro se deve a um fato um tanto curioso. Contam que um morador e proprietário de terras (Saturnino da Rocha Gil), certa vez, foi mordido por um cão raivoso. Adoentado, teria feito uma promessa a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ele foi se tratar no Rio de Janeiro e voltou curado. Ao retornar, cumpriu a promessa, doando uma área de terra para a construção de uma igreja, uma praça e um cemitério, que recebeu o mesmo nome da padroeira da localidade. Pelas informações que temos até o momento, somos levados a crer que a igreja Nossa Senhora do perpétuo Socorro foi a primeira igreja a ser construída na região que formou o atual município de Portão, entre os anos de 1910 a 1917.

Na localidade de Socorro, as propriedades eram extensas, formando grandes fazendas. Mas, seguindo uma tendência econômica geral, essas fazendas foram sendo divididas em chácaras menores, para pequenos proprietários, que na maioria desenvolviam economia de subsistência. Concomitantemente, um ou mais membros das famílias passaram a desenvolver funções fora do núcleo agrícola, principalmente o trabalho nas indústrias.

Encontram-se ainda sítios e pequenas propriedades, onde trabalham chacareiros e suas famílias, enquanto que os proprietários estão estabelecidos nas áreas urbanas. Apesar de bastante mudada, nesta localidade ainda é possível encontrar alguns resquícios da arquitetura portuguesa.

Também se encontra ali uma das mais antigas escolas do município, a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Albino Cassel, fundada em 1956. Inicialmente, essa escola, funcionou na casa do patrono, sendo transferida duas vezes de local, até que em 1969, por doação de Arno Bruno Cassel, a escola ganhou um endereço definitivo.

O território da localidade do Socorro caracteriza-se como rural, apesar de parte dele ser destinado a compor o Distrito Industrial do Socorro. Isso se deve ao fato de que, a região caracteriza-se pela sua adequada distância das áreas densamente ocupadas e boas condições de acesso o que permite a instalação de indústrias de maior porte ou potencialmente poluidoras, sem maiores riscos à ocupação existente.

O evento mais marcante da comunidade é a festa da Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a qual mobiliza os moradores da comunidade e recebe uma leva muito grande de visitantes. A festa costuma transformar a pacata localidade, num lugar movimentado

SANGA FUNDA

A localidade de Sanga Funda localiza-se ao sul do município, fazendo divisa com os municípios de Capela de Santana e Nova Santa Rita. Sua denominação deve-se ao fato de que nas proximidades do antigo armazém do senhor Juvenal Machado, havia uma sanga muito funda e nos períodos de inverno aumentava sua vazão, chegando a interromper a passagem das pessoas, tanto a pé quanto a cavalo ou carroça.

Os primeiros moradores eram de origem portuguesa. Entre eles estavam João Veríssimo da Silva, João Quadros e Patrício Amorim. Eles possuíam grandes propriedades e dedicavam-se ao plantio de feijão, melancia, milho e mandioca. Esta última servia de base para a produção da farinha e do biju, por isso há a recorrente presença das

atafonas nas propriedades em toda a região. Atualmente, a maioria das famílias dedica-se a produção de melão, melancia, mandioca, milho e acácia negra, havendo também criação de bovinos, suínos e ovinos.

Os primeiros comerciantes foram Leonel Viegas e Joca Camboim, que abasteciam a comunidade, comercializando de “tudo um pouco”. Eles transportavam as mercadorias em carros de boi e carroça, desde as margens do rio Caí até os seus estabelecimentos.

Em 1946, surgiu na localidade o primeiro ônibus, de propriedade de José Amorim. Este, juntamente com um sócio, fundou a empresa Sudeste, em Porto Alegre. No ano de 1950, o ônibus passou a ser propriedade do senhor Valdemar Lopes e, em 1970, a empresa de ônibus Montenegro o comprou, ficando dona da linha.

No ano de 1958, foi fundada no terreno doado por Hortêncio Quadros Bitencourt a Escola Municipal de Ensino Fundamental Liberato Salzano Vieira da Cunha. Ainda nesse período, parte da localidade da Sanga Funda pertencia a Canoas, inclusive a escola, passando a pertencer a Portão, por ocasião da emancipação do município, em 1963.

Em 1960, foi construída por Adolfo Krummenauer a primeira olaria na localidade, contribuindo para diversificar a atividade econômica. Posteriormente a olaria foi vendida para o senhor “Nico Barbeiro”.

Conta-se, que nesta localidade, existia uma igreja pequena, nas terras de Marcolino Veríssimo (rua da divisa), a qual era freqüentada principalmente por famílias afro-descendentes, que iam até lá pra rezar e pagar promessas. Segundo relatos, ali eram realizados muitas festas e bailes. Missas, mesmo, só se deslocando até Nova Santa Rita ou Porto da Figueira. E só uma vez por mês! Até que no ano de 1962, foi fundada a primeira igreja da comunidade, tendo como padroeiro Santo Antônio, no terreno doado pelo senhor Fernando de Souza. O primeiro a rezar uma missa na igreja, foi o padre Valter e a primeira comissão da igreja

formou-se pelos senhores Alberto Amorim Fernandes, Bento Viegas, Cassiano Silva e Emídio Amorim.

CARIOCA

A Localidade conhecida como Carioca, situa-se na parte sul do município, fazendo divisa com as cidades de Sapucaia do Sul e Nova Santa Rita.

Seguindo a lógica da ocupação, deste território, pode-se dizer que o Passo do Carioca teve um papel muito importante, nos primórdios da ocupação desta região, pois a muito tempo vem servindo de acesso para a entrada e circulação de pessoas e mercadorias, que necessitavam atravessar o rio de um lado para o outro. É neste ponto que as margens do rio dos Sinos estão mais próximas e, desde a ocupação portuguesa, esta localidade vem sendo ocupada.

Também as suas estradas, que inicialmente eram meras picadas, serviram de acesso para a fixação de moradores na Boa Vista, Socorro, Morretinhos, Fazenda das Palmas, Capela de Santana e outros.

Consta que os principais meios de transportes eram os barcos e lanchões, e, neste ponto, como vimos, o rio dos Sinos é mais estreito e facilitava a travessia de pequenas embarcações, com passageiros e produtos.

Nesta localidade, a ocupação inicial foi portuguesa e ainda encontram-se casas antigas, que remontam ao estilo português simples. Com o tempo, o fluxo de pessoas diminuiu, principalmente em função da construção de novas estradas da linha férrea, que facilitou o transporte de pessoas e das mercadorias, mudando o eixo econômico.

Atualmente, a localidade possui um número reduzido de moradores, sendo composta por chácaras e pequenas propriedades, onde cultivam diferentes gêneros agrícolas e cria-se gado em larga escala, aliás, esta característica é marca da localidade, a qual já abrigou matadouros e

açougues, cujos remanescentes construtivos permanecem erigidos, a fim de testemunhar sua história.

MORRO DO MACACO BRANCO

A história da localidade do Morro do Macaco Branco está estreitamente ligada com a história da origem do Brasil. A comunidade constitui um importante banco de dados e de fontes, para o registro e (re) construção da história afro-brasileira, da região do vale dos rios dos Sinos e Caí. Segundo estudo, realizado pela escola da comunidade, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias a comunidade é formada por uma grande população de origem africana.

Em estudo realizado pelo NUER/UFSC, os dados colhidos apontam indícios de que localidades como a do Morro do Macaco Branco, em Portão e, Paris Baixo em Brochier, reúnem indícios de quilombos autênticos, organizados por negros fugidos. Essas suspeitas, fundamentam-se na localização dessas populações, situadas em território de acesso difícil.

As informações fornecidas pelas pessoas mais antigas da localidade do Morro do Macaco Branco, revelam que a maior parte das famílias negras descende de um único tronco escravo, representado por João Antonio de Oliveira. Uma neta de João Antonio, com mais de oitenta anos de idade, relata que seu avô materno, foi o primeiro morador do Morro do Macaco Branco e morava dentro de um buraco, referindo-se a um cânion que existe no lugar. Ele era casado com Maria Antonia de Oliveira, sobre a qual não se sabe se foi escrava ou não. À medida que foram tendo filhos e, estes foram se casando, foram subindo o morro, onde construíram suas casas. Esta descendente relata também, que seu avô possuía terras de herança, como merecimento de seu trabalho com os brancos.

Com o passar do tempo, outras pessoas negras, que não faziam parte do tronco de João Antonio de Oliveira, se integraram aos descendentes deste através do casamento, indicando a possibilidade do local ter servido como refúgio para negros, alforriados ou não, antes ou depois da abolição. Um destes ancestrais, que foi escravo, seria Noé Rodrigues da Rosa, que era conhecido como “negro moçambique” ou “negro da canela fina” e, teria vindo para o Brasil em um navio negreiro. Seu Noé teria sido cativo em uma estância, situada na divisa com o município de Capela de Santana, onde, segundo os relatos, ainda existem muitas famílias brancas com o sobrenome Rodrigues da Rosa, descendentes dos antigos estancieiros de quem “Seu Noé” herdou o sobrenome.

Nos depoimentos sobre o passado, são visíveis alguns elementos que indicam constituição de fronteiras étnico-raciais: os casamentos entre primos de primeiro grau, que persistem, em parte, até os dias de hoje, os bailes em espaços separados, com alemães de um lado, negros e brasileiros de outro; a impossibilidade dos negros virem a fazer a barba na mesma Barbearia dos brancos, etc. A constituição destas fronteiras não necessariamente implicava em isolamento, pois são várias as referências a antepassados de origem indígena, castelhana e até mesmo portuguesa, que se agregaram a comunidade negra, através de casamentos. Além disso, várias pessoas mais velhas da comunidade, comentam que desde o tempo dos avós se trabalha nas roças próprias, mas também como peões diaristas, para fazendeiros e colonos alemães.

Atualmente, as famílias de descendência afro, vivem em pequenos lotes de terra e suas moradias são intercaladas com propriedades de famílias brancas. O tamanho reduzido das propriedades induz ao trabalho como diaristas em plantações de acácia negra, em empregos formais nas indústrias e serviços autônomos, como pedreiros, por exemplo.

As famílias participam ativamente da associação local dos moradores, com atividades religiosas e desportivas, constituídas em torno da Capela do Santo Expedito. Alguns moradores participam da Feira Municipal do Produtor Rural, expondo e comercializando os produtos hortifrutigranjeiros da localidade. Outra atividade, que vem (re) constituindo e movimentando a cultura local, é o grupo de danças afro Nossas Raízes, que é vinculado a Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias.

A localidade do Macaco Branco possui uma antiga escola brizoleta, a Escola Municipal Machado de Assis e o santuário de Santo Expedito, que costuma atrair pequenos e grandes grupos de pessoas interessadas em visitar o santuário. No período da Festa ao padroeiro, a localidade se transforma num movimentado lugar, pois a Festa em homenagem a Santo Expedito vem se popularizando. Esta localidade apresenta um forte potencial para o turismo religioso, pois além das questões construtivas, possui uma das mais belas paisagens do interior do município.

BOM JARDIM

Falar da localidade de Bom Jardim é o mesmo que falar do início da ocupação e, do desenvolvimento do município de Portão. Em meados do século XVIII, começaram a ocupar as terras de Bom Jardim, os primeiros lusos e luso-brasileiros que haviam recebido terras, em sesmaria, na localidade, assumindo o compromisso de se fixarem no solo com suas famílias e de tornarem a região produtiva. Esses desbravadores dedicaram-se a agricultura de subsistência e raramente, possuíam mais animais do que o necessário, para o consumo da família.

Nas propriedades, além da criação do gado, eram cultivadas frutas cítricas, mandioca e cana-de-açúcar. Geralmente as propriedades se provinham de uma atafona, moenda ou engenho e, não raro, registra-se a presença de

alambiques. Em algumas propriedades, havia moinho de trigo e engenho de madeira, o que nos permite deduzir que se praticava a extração de madeira e a cultura de trigo nas redondezas.

A Fazenda Bom Jardim data como sendo a mais antiga e, por conta disso, acabou denominando a localidade. As primeiras casas foram feitas de madeira e “pau a pique”. A mão-de-obra, era familiar e escrava, contabilizando-se um expressivo número de escravos. É o caso do senhor Bernardino José Flores, que por volta do ano de 1868 contava com 27 escravos em sua fazenda. Atualmente, registra-se a expressiva presença dos descendentes desses primeiros escravos, que contribuíram fortemente para a cultura da região formada por Bom Jardim, Cachoeira e Macaco Branco.

Mesmo após a chegada das primeiras famílias teuto-brasileiras, no município de Portão, por certo período os lusos ainda constituíram-se na classe abastada da região, pois detinham grandes extensões de terras e benfeitorias. Esse panorama se modificou, principalmente após a chegada da viação férrea, que dinamizou a economia local, abrindo espaço tanto para o escoamento da produção, quanto viabilizando o desenvolvimento do setor secundário. E nesse setor, os teuto-brasileiros é que se sobressaíram. Se num primeiro momento a economia era relativamente diversificada, na década de 1940 a produção primária se restringiu ao cultivo da acácia negra, que, aliás, ainda nos dias de hoje é bastante praticada na localidade.

Atualmente, a prática da agricultura é a principal fonte de trabalho e renda, na localidade de Bom Jardim, apresentando uma diversificação nos cultivos, onde se destaca o plantio e o comércio de flores e folhagens, além de outros produtos que são comercializados na CEASA de Porto Alegre e em Novo Hamburgo e a produção de carvão vegetal.

Entre as famílias mais antigas na localidade, estão as de Osmundo Scherer, Ermínio Moutinho, Pedro Roth,

Antônio Pinto, Jacó Petri, Henrique Schimitzhaus, Rodolfo César e Luis Rodrigues da Silva.

O AREÃO

A localidade conhecida como Areão, situa-se cerca de oito quilômetros noroeste, da sede administrativa do município e é “cortada” pela RS 122. Esta localidade, difere-se das demais localidades, pois parte dela é rural e parte é urbana. A região urbanizada do Areão é marcada pelo comércio e pela presença de algumas indústrias fazendo parte do bairro Rincão do Cascalho. A localidade sempre teve uma função importante, no que se refere à localização, pois é caminho direto entre o Vale dos Sinos, Caí e Serra.

No que concerne a ocupação, o Areão não difere das localidades próximas, cuja presença lusa é significativa, tendo inclusive, a lembrança física das ata fonas, do período da produção da farinha de mandioca. Atualmente, poucas famílias se dedicam a agricultura, cultivando frutas - com destaque aos cítricos e hortaliças. A maioria da população, desta comunidade, atua nas indústrias, no comércio formal e informal.

Registra-se na localidade, a existência de um forte comércio de artesanato e floricultura, as quais representam um bom atrativo para os que transitam ao longo da RS 122. Essa modalidade de comércio é considerada uma marca do município de Portão, pelos que perfazem esse caminho.

Entre as famílias mais antigas da localidade cita-se a de Rosalino Rodrigues Coelho, nascido em 1889, filho de Nasário e Maria Júlia Rodrigues Coelho. Ele foi proprietário das terras, onde foi construída a Escola Municipal, que leva o seu nome, embora a doação à prefeitura tenha sido feita pelo último proprietário, o Sr. Antônio Dejalmo de Souza. Seu Rosalino casou-se com Clodomira Rodrigues Coelho, com quem teve sete filhos, trabalhou como barbeiro, sapateiro e teve também um alambique. Segundo contam,

nas horas de folgas, trabalhava como músico com os amigos.

O crescimento demográfico da localidade Areão acentuou-se nas últimas duas décadas, são moradores oriundos das mais diversas regiões do Rio Grande do Sul, não se restringindo às regiões do interior gaúcho.

Na localidade do Areão, encontra-se a lembrança física da história de Portão, no período em que a base da economia era a produção da farinha de mandioca. Trata-se da propriedade chamada Tafona Velha, que além de estar impregnada de história, foi transformada numa boa opção de lazer que os portonenses têm para os dias de calor, pois a mesma foi reformada e adaptada para a recreação.

SERTÃO CAPIVARA

Sertão Capivara, localiza-se ao norte do município, fazendo divisa com os municípios de São José do Hortêncio e Lindolfo Collor. Internamente, faz divisa com as localidades de Bom Jardim e Macaco Branco. Situa-se numa zona de planalto, composta por morros altos, estendendo-se até a várzea do arroio Cadeia.

Nesta zona rural, a população é predominantemente de etnia alemã, mas há também uma forte presença portuguesa. Os primeiros habitantes vieram da região de Ivoti (e Lindolfo Collor) por volta de 1840. Como colonos, trouxeram na mudança sementes, ferramentas e vontade pra trabalhar. Fizeram de Sertão Capivara uma localidade bastante próspera. Num tempo não muito remoto, a população tinha a sua disposição casas de comércio do tipo “armazém de secos e molhados”, que vendia diversos tipos de produtos, lojas, açougue, olarias e até um posto da Caixa (Fundo Rural). Destes primeiros tempos, encontramos vestígios, principalmente nas construções de algumas casas.

Hoje, as principais atividades não diferem dos primeiros tempos. Cultiva-se a laranja, a acácia-negra, o milho, a mandioca, o feitiço do carvão, etc. Mas, como em muitas regiões rurais, boa parte dos jovens buscam alternativas de trabalho na cidade. Quanto à manutenção da cultura, observa-se a presença de elementos germânicos marcantes no dialeto e sotaque, na culinária, na religiosidade e na tradição do kerb.

O nome de Sertão Capivara deve-se especificamente a duas características locais encontradas pelos primeiros habitantes: à densidade da mata e a existência de grande quantidade de capivaras na região. Essa zona rural, possui uma beleza natural, ainda pouco explorada e, praticamente desconhecida da população citadina.

GARCÊZ

A Localidade conhecida como Garcez, localiza-se na divisa com o município de Capela de Santana e assim, como outras regiões rurais, são consideradas zonas mistas, pois possuem áreas destinadas às indústrias de diferentes segmentos, como por exemplo: químicas, de construção, de telas e outros. Entre os moradores mais antigos identificamos os senhores Rosalino Caetano de Souza e Dornelo Quadra, bem como as famílias Engel e Lemmertz entre outras. Segundo o senhor João Caetano de Souza, filho de Rosalino, antigamente na localidade era praticando o plantio de diversas frutas, a plantação da acácia negra, o cultivo de diferentes produtos, que serviam para o abastecimento das famílias, que contavam com as atafonas para beneficiar parte desses gêneros.

Foi nas terras de Rosalino Caetano de Souza que em 1872 foi construída a Escola Municipal Getúlio Vargas, desativada entre os anos de 1997 1998.

CACHOEIRA

A localidade Cachoeira é uma comunidade rural. Começou a se formar desde a chegada dos primeiros portugueses no século XVIII aqui na região. Embora esteja localizada próxima da zona urbana esta localidade conserva características de colônia, ou seja, rurais. Boa parte das famílias atua como zeladores de chácaras, alguns são agricultores e outros trabalham nas empresas da parte urbana.

O trabalho no corte de acácia negra é significativo, mas, segundo dados do PPP da escola local, apenas 2% das famílias têm área de terra para o plantio desta árvore, cujo lucro advém da sua casca.

Os agricultores dedicam-se às culturas do aipim, cana-de-açúcar, moranga e hortaliças para o consumo próprio e em alguns casos à venda.

Ultimamente, o aumento de floriculturas tem sido significativo e isso é positivo, pois geram empregos e renda.

Atualmente, registra-se a expressiva presença dos descendentes afros que contribuem fortemente para cultura da região formada por Bom Jardim, Macaco Branco e Cachoeira.

A comunidade tem na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias o principal eixo social e cultural, pois é na escola que se desenvolvem as atividades do grupo de danças Nossas Raízes. Este grupo tem surpreendido, e a cada ano cresce e se consolida como grupo e como expoente da cultura portonense. O grupo de danças vem diversificando as suas atividades, pois, seguidamente fazem cursos noutras instituições e com outros grupos de influências afro. O resultado vem sendo percebido na evolução das suas apresentações, especialmente na organização da Semana da Consciência Negra que já extrapolou os limites da localidade passando a realizar-se no centro da cidade.

Méritos da escola e do grupo, pois é fundamental para a cultura de um povo a preservação das suas origens e a sua valorização.

A Cachoeira possui ainda a Igreja Santa Rita de Cássia que tem um salão de festas onde se realiza a festa da padroeira, abriga atividades da escola e da comunidade em geral.

A religiosidade, aliás, é uma das marcantes características dos moradores desta localidade.

CAPÍTULO III

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE PORTÃO

As numerosas cidades, vilas e povoações, ligadas pelo caminho de ferro e pela estrada de rodagem, e ainda a existência de embarcações, singrando pelas águas, bem demonstram a importância antropogeográfica destas artérias que interligam territórios.

É importante conhecer a formação de um espaço urbano, para compreender a sua história, e como a estrutura urbana se processa através da permanente transformação, devido ao desenvolvimento da sociedade, nesse sentido é importante, também, haver o resgate dessas constantes mudanças.

Os núcleos urbanos que se desenvolviam nas cidades eram aqueles que podiam manter um comércio ativo e uma fácil comunicação com outros centros, logo ser um lugar próspero para os comerciantes e para os empreendedores que se aproveitavam desse comércio. Essas mudanças eram acompanhadas pela valorização do espaço ocupado, que aos poucos também começava a exercer outras funções, como as administrativas e as religiosas, tornando-se assim num centro da vida pública de uma cidade.

Hoje, a maioria da população das cidades, se encontra na zona urbana, central e periférica, devido ao número de indústrias e de estabelecimentos comerciais, que transferem para a população uma perspectiva de inserção no mercado de trabalho.

Portão, na sua história urbana, assistiu o estabelecimento de inúmeras empresas, como os curtumes, as fábricas de calçados, as indústrias químicas, as cerâmicas, o artesanato, e outras, que juntamente com a ampliação do setor comercial e de prestação de serviços, possibilitaram o crescimento demográfico da cidade. Claro que a zona rural, onde predominou por grande tempo a

agricultura de produtos de subsistência, como a mandioca, e mais a pecuária, com criação de gado, também teve sua importância econômica, principalmente após a implantação do cultivo da acácia negra, do eucalipto e das frutas cítricas, que até hoje, representam riqueza para o município, que possui grandes extensões de terra.

No Brasil não houve um processo de urbanização, somente um deslocamento das populações para os centros, que eram mais industrializados. É que os avanços tecnológicos, com essas idéias de um mundo moderno e com muitas vantagens, levaram as pessoas a procurar as cidades para residirem. Então, essas pessoas, seduzidas pelas possíveis facilidades, que na realidade não existiam, tiveram que criar formas de sobrevivências, dentro das cidades, usando seus conhecimentos adquiridos e toda a cultura que os povos carregam consigo, de um lugar para o outro.

Pode-se então dizer, que as cidades são humanas, isto é, que além dos espaços físicos e geográficos, existem as pessoas que dão sentido aos espaços. Então a cidade é um lugar de convivência dos agrupamentos humanos, que possuindo vários símbolos culturais e pontos de identificação, modelam a fisionomia de um espaço, e aproximam as pessoas, através dos sentimentos de uma identidade coletiva. As principais referências coletivas da cidade, que são os espaços públicos e os lugares freqüentados por um maior número de pessoas, geralmente estão localizados na área mais central dos núcleos urbanos.

A formação do centro da cidade de Portão foi uma questão polêmica, pois o lugar em que ele está localizado hoje, era um local desurbanizado na época da emancipação. Dada às peculiaridades, torna-se interessante conhecer o processo de urbanização portonense, pois, ao mesmo tempo em que é curioso é também, importante compreender como o espaço central se modificou e se tornou como está hoje, abrigando os principais lugares de encontros da população, das festas, de sociabilidade, principalmente aos domingos.

O centro administrativo, do município de Portão foi planejado em área desurbanizada, entre os três núcleos de maior densidade demográfica à época da emancipação – Estação Portão, Portão Velho e Rincão do Cascalho, próxima a rodovia RS 240, principal artéria de escoamento da produção e de contato com a capital do Estado, o Vale dos Sinos, região da Serra e oeste do Rio Grande do Sul.

É em torno deste “eixo”, Centro Administrativo que atualmente ocorre à expansão urbana e comercial de Portão. A zona urbana do município de Portão é dividida em três bairros: o Bairro Portão Velho, Estação Portão, Rincão do Cascalho e uma zona Central.

A Prefeitura Municipal de Portão foi construída, nas terras doadas pelo senhor Arthur Pedro Muller. Além de estarem situadas próximas a RS 240, essa região da cidade, também estava num ponto estratégico em relação aos pontos mais urbanizados da cidade, que vieram a constituir os atuais bairros. Nos primeiros tempos, as principais vias de acesso da cidade eram as Avenidas Perimetral, Ceará e a Rua Júlio de Castilhos. Essas vias fechavam uma espécie de triângulo e até o início da década de setenta, a Avenida Brasil, Brasília e Pátria eram meras estradinhas de barro ou atalhos, usadas pelos moradores, assim como outras ruas, atualmente importantes da cidade nem sequer imaginava-se que existiriam.

Com o tempo, foram surgindo os primeiros comércios e ofertas de serviços, o que aumentou a necessidade de abrir novas ruas, melhorar os acessos até o centro da cidade e ampliar os serviços públicos.

A abertura de novos loteamentos e vilas vem ao longo desses anos, definindo a ocupação do solo urbano e já em 1972, um convênio com a Secretaria de Desenvolvimento e Obras do Estado, já desenhava o Plano de Diretrizes Básicas de Portão, a fim de planejar o desenvolvimento viário e o zoneamento de usos do município.

Na cidade de Portão, é possível identificar a existência de várias manifestações culturais, espalhadas

dentro da sociedade, tanto da tradição gaúcha, como também das diversas etnias que participaram da formação da sociedade no Rio Grande do Sul, como a lusa, teuta, ítala, afro, japonesa, polonesa e tantas outras, sendo que, algumas localidades concentram algumas culturas específicas.

Essa diversidade é comum e enriquecedora nas cidades que se encontram em franca expansão urbana, como é o caso de Portão. Este crescimento não ocorre apenas na região central, mas está refletido, principalmente nos bairros, como veremos a seguir.

O BAIRRO PORTÃO VELHO

O bairro Portão Velho tem sua origem nos primeiros anos de ocupação da parte leste da cidade e, atualmente, vem apresentando um crescimento substancial, tanto comercial quanto demográfico, pois vem sendo intensificada a abertura de novas vilas e loteamentos. Este bairro já foi caminho dos tropeiros, que através da Rua Júlio de Castilhos subiam em direção a Serra. Nesta região da cidade, próximo ao arroio Portão, foi construído o portão, em 1788, o qual servia como referência de localização para os viajantes e, por se tornar muito conhecido, acabou por denominar a cidade.

Cortado pela RS 240, principal via de acesso às cidades vizinhas, o bairro Portão Velho tem ao longo dessa rodovia uma significativa concentração comercial. Também é perceptível o aumento na oferta de produtos e de serviços, assim como o crescimento no número de indústrias dos mais variados ramos.

O bairro Portão Velho faz divisa com os municípios de Estância Velha e São Leopoldo, estando subdivido em vilas e loteamentos, que possuem suas denominações específicas, é o caso da localidade conhecida como Cantão, o Loteamento Vila Rica, o Winck, o Arco Íris, o Ouro Verde, Morada do Sol, o Bela Vista, a Vila Aparecida e a área de invasão denominada Liberdade.

A LOCALIDADE CANTÃO

A localidade conhecida como Cantão é uma das comunidades mais antigas do município e os primeiros moradores trouxeram costumes de seus países de origem como o jogo de bocha, a efetiva participação da vida religiosa na comunidade, as festas em homenagens a santos que são típicas da cultura lusa.

Entre os primeiros moradores figuram as famílias de Afonso Gomes de Carvalho e, dos senhores Horácio e Maneco Alves, que em meados do século passado começaram a vender lotes para novos moradores, iniciando-se, assim o povoamento da localidade. A principal fonte de trabalho era a agricultura familiar e a criação de animais. Destacava-se como grande produtor, o senhor Adelino da Silveira, pois ele plantava mandioca, melancia, melão e milho, vendia para moradores próximos e através do trem comercializava esses produtos em Porto Alegre.

Antigamente, o comércio na localidade era pequeno e restringia-se a pequenas bodegas, onde vendiam alimentos e cachaça. A primeira bodega existente na localidade, pertenceu ao senhor Ademir e ficava na estrada Morretinhos. Também nessa rua, o senhor Antonio Biheler teve uma fábrica de sabão.

A primeira Igreja construída próxima à comunidade foi à igreja Santo Antonio, sendo um dos seus incentivadores Emilio Scheneider e, em 19 de setembro de 1954, ocorreu a primeira missa campal, por ocasião do lançamento da pedra fundamental. Esta missa foi celebrada pelo arcebispo Dom Vicente Scherer, sobre um altar feito de pedra, em terras doadas pelo senhor Artur Felipe Winck.

Nos tempos atuais, esta parte do bairro Portão Velho vem apresentando um crescimento urbano bem significativo, pois foram abertas novas ruas que interligaram ruas antigas, modificando as características que denominou esta localidade como Cantão. Como se sabe, em tempos remotos, o Cantão era um tanto isolado cujos acessos de saída e chegada eram escassos, o que o tornava distante dos outros bairros Rincão e Estação.

Essas mudanças vêm sendo percebidas pela comunidade local. Segundo estudo, desenvolvido pela Escola Afonso Gomes de Carvalho, os moradores acham que a localidade está mais movimentada comercialmente, identificam traços de urbanidade como asfalto, calçamentos, mais casas, empregos, indústrias, energia elétrica entre

outros. Também numeram necessidades existentes como: posto de saúde, quadras esportivas, praças, mais ruas calçadas, lixeiras públicas, entre outros.

As percepções da comunidade exemplificam as necessidades de uma localidade, que está próxima do centro e que vem sendo gradualmente inserida no processo de urbanização e crescimento do município de Portão.

Neste sentido, destaca-se a importante função social e cultural que as escolas desenvolvem nas suas respectivas comunidades. Como é o caso da Escola Afonso que realiza projetos onde procura inserir não apenas os alunos, mas as suas famílias, levando-os a reflexão sobre mudanças ocorridas na localidade, permitindo-lhes, assim, contextualizarem-se como partes integrantes de um organismo vivo, que é a cidade.

A VILA APARECIDA

A Vila Aparecida localiza-se às margens da RS 240 e faz divisa com a de cidade São Leopoldo e, num tempo não muito distante era composta por campos e poucas moradias, mantendo características de zona rural. Esta comunidade foi parte da antiga Colônia de São Leopoldo, conforme vimos anteriormente. Podemos dizer que, parte das suas terras, foram doadas a imigrantes alemães, pois próximo da divisa com São Leopoldo, ainda encontramos um considerável número de descendentes, cuja informações orais nos comprovam esta possibilidade. Essas informações nos indicam que o resgate histórico da localidade ainda tem muito a ser trabalhado.

Num tempo mais próximo, na década de cinquenta, havia poucos moradores na Vila Aparecida. Entre as primeiras famílias estavam a de José Fonseca e Terezinha Scott. Não havia abastecimento de energia elétrica e a água era conseguida através de uma cacimba, mais tarde fizeram um poço de boca larga onde conseguiam retirar a água com

balde, puxado com manivela, somente após alguns anos, é que se conseguiu perfurar poços artesianos.

Os senhores Arnildo e Otavilino eram sócios e venderam as terras, como forma de loteamento. Em seguida, chegou a família Flores e ocupou uma área, que antes era coberta por eucaliptos.

Contam que, na década de sessenta, o único estabelecimento comercial era um armazém que se localizava na entrada da Vila e era ali que os moradores se abasteciam de gêneros alimentícios e outros produtos. Contam também que, a primeira televisão e o primeiro rádio da localidade foram adquiridos pela família de dona Terezinha e, todas as crianças e vizinhos, iam para a casa deles para assistir televisão e ouvir rádio.

Nos primeiros tempos, as crianças estudavam as séries iniciais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Edmundo Kern e, posteriormente, passavam para a escola Estadual de Ensino Fundamental Portão Velho. Na década de oitenta, a comunidade foi beneficiada com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Aparecida.

A maioria da população, desta comunidade, trabalha em serviços urbanos, ligados a indústria e ao comércio. Devido a proximidade com a RS 240, muitos moradores se deslocam para outros municípios para trabalhar, pois ao contrário de tempos anteriores, atualmente há um razoável fluxo de linhas de ônibus.

Esta localidade apresenta um crescimento constante, pois nos últimos anos foram abertas novas ruas e novos loteamentos foram empreendidos, aumentando a demografia local, a demanda por novos comércios e serviços.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Aparecida, constitui-se num importante espaço cultural na comunidade, que a apóia integralmente, nos mais diversos projetos culturais e sociais promovidos por ela.

O BAIRRO RINCÃO DO CASCALHO

A História do bairro Rincão do Cascalho, remonta ao início da ocupação da região. Esta localidade é seguidamente citada, em bibliografias, devido a sua localização estratégica, pois desde muito cedo o entroncamento que dá acesso à região de Montenegro, São Sebastião do Caí e ao Vale dos Sinos já existia como mera Picada, consistindo-se no único acesso a Serra e norte do Estado.

A origem da denominação Rincão, sugere o mesmo que recanto, vale entre dois morros, que são o morrinho da Pedreira pertencente a empresa Brasília Obras Públicas e, o outro, defronte, coberto de vegetação nativa e que foi “cortado”, para loteamento, onde se localiza a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Souza.

A denominação Cascalho deriva do arroio do mesmo nome, que foi atribuído devido aos seixos rolantes ou cascalhos, de muitos formatos e cores variadas. Nesta parte da cidade, havia também a pedra fogo, que entre outras utilidades era utilizada em isqueiros.

O desenvolvimento econômico e demográfico do bairro Rincão do Cascalho, iniciou em fins do século XIX, e vem se processando ao longo dos anos. Esta comunidade desenvolveu-se ao longo da estrada dos tropeiros, onde se situava a propriedade de Pedro Heinz, um dos primeiros a curtir peles vacuns e cavалares, na região que forma o município de Portão. Ainda com povoamento esparsos, na bifurcação com a estrada Perimetral, situava-se, já no início do século XX, a bodega de Carlos Arthur Keller, comerciante e carreirista, que possuía instalações próprias, para alojar os tropeiros que vinham dos campos de cima da serra, com boiadas e tropas de muares.

Com o tempo, na estrada geral do Rincão do Cascalho as propriedades rurais foram sendo subdivididas e aos poucos a localidade abrigou as família Schuch, Jung, Winck,

Schreiner, os Almeida, Nunes, Oliveira, Correia, Keller, Mattje, Muller, Schneider, Engel, da Costa Velho, Ignácio, Souza, Ferreira, Scherer, entre outras. A partir da pousada do Carlos Keller, na bifurcação da Avenida Perimetral com a Júlio de Castilhos, nos dias atuais. No povoado os Jung, Lemmertz, Dietrich, Ferreira dos Passos, Rodrigues, os Moutinhos, entre outros. Para o interior, ao longo da estrada da Boa Vista, os Rodrigues da Silva, Nunes, os Gil, os Bitencourt, os Scherer, Stumph, Roese, Deike, os Winck entre outras famílias, que contribuíram para o desenvolvimento desta cidade.

No Rincão, a primeira atafona foi de João Leopoldo Mattje. Jacob Hoff e sua esposa Clementina, imigrantes alemães, trabalhavam no moinho de milho, atafona e alambique. Seu sucessor foi Reinaldo Hoff, com casa comercial e transporte de carreta de boi, para o Vale dos Sinos.

Pedro Heinz foi o primeiro fundador de curtume em Portão (hoje Krummenauer). Em 1936, João Alvício Mattje, fundou o curtume São João que foi destruído pelo fogo em 1946, reerguido dois anos mais tarde, ocasião em que sofreu com uma chuva de granizo. Mesmo assim, João Alvício Mattje reconstruiu o Curtume Mattje LTDA. (Mais tarde fundou-se o curtume Mattje S/A) e o curtume Cascalho (extintos).

Entre os primeiros comerciantes da localidade encontramos Carlos Diefenthaler, seguido por Reinaldo Dietrich, Balduino Fries, Adolfo Schimitzhaus. Germano Muller, Jorge Muller e seu filho Leopoldo Muller.

A primeira churrascaria de Portão foi constituída em Rincão do Cascalho (1951) de Bianco e Iracema Pegoraro, chamava-se Grenal. Depois da Grenal, funcionou no local onde hoje é o Posto da Polícia Rodoviária o Galetto Regina de propriedade de Fernandes Koch, e a Churrascaria Grenal passou a funcionar onde hoje é a Padaria Souza (1954).

Na propriedade de Augusto Diesel funcionava um mercado e, em uma das salas da casa, alojava o Grupo

Escolar de Rincão do Cascalho na década de 40. Na década de 50 foi construído, o prédio para o Grupo Escolar de Rincão do Cascalho, devido as más condições foi desmanchado em 2007.

Em 1979 a Escola passou a chamar-se Escola Estadual Adolfo Gustavo Krummenauer, em homenagem a um dos pioneiros da indústria de curtimento no bairro e no município.

No dia 19/09/1955, houve a primeira reunião para tratar da construção de uma igreja, no bairro Rincão do Cascalho. Em março de 1958, foi benzida e colocada a pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora das Graças.

No final da década de 50 e, início da década de 60 houve um grande desenvolvimento e crescimento urbano e comercial no bairro, e acreditavam que ali seria o centro do município de Portão. Por estas razões, no dia 02/01/1962 o Senhor Arcebispo Dom Vicente Scherer transferiu a sede da Paróquia de Portão, da comunidade São José para Nossa Senhora das Graças (bairro Rincão do Cascalho).

No início da década de 60, na propriedade de Osni Nazário, funcionou um cinema.

Em 9 de agosto de 2003, foi inaugurado o Galpão Comunitário Rincão do Cascalho, atualmente utilizado como sede do CTG Tiaracy, cuja inauguração deu-se em 1965, e contou com a presença do Governador do Estado Hildo Menegheti, o prefeito Lotar Kern, Aracy Maria Koch e o patrão Miguel Elias.

No Rincão está a sede do Clube de Futebol Vasquinho, fundado em 1º de abril de 1980.

O Rincão do Cascalho é um bairro próspero e assim como os demais é composto por diferentes localidades. É o caso da localidade do Areão, Vila da Pedreira, Loteamento Caminho do Meio, Vila São Luiz, Vila Souza, a Localidade do Garcez, Rincão Alto, a Estrada dos Correa, o Loteamento Vale Verde e o Condomínio Campo Grande.

VILA SÃO LUIZ

A Vila São Luis começou a ser ocupada de forma mais intensificada, na década de sessenta. Na época, era uma grande extensão de terras que pertencia ao Sr. Bento Veloso. Ele dedicava-se a prática da pecuária, em 1953 ele começou a vender pequenos lotes de terras, onde começaram a surgir novas casas. Naquele período, o acesso mais utilizado para se chegar a cidades como Porto Alegre, Estância Velha e Novo Hamburgo era a Estrada Velha, nome pelo qual era conhecida a Rua Júlio de Castilhos.

Os primeiros moradores, que se instalaram nas antigas terras de Bento Veloso, foram os Senhores Vitor Timóteo, Antônio Ferreira, Carmo Wissman e um conhecido apenas como Paulo.

Esses moradores se dedicavam a plantação e ao comércio de mudas de acácia, de roseiras e a criação de gado.

Um fato curioso é que o senhor Waldomiro Selbach, (ex. prefeito de Portão, por duas legislaturas), tinha plantação de rosas na localidade e a vila passou a ser, extra oficialmente, chamada de Vila das Rosas, e por existir um banhado, onde hoje é o Moinho Scharlau, era conhecida também por Vila Sapo. Posteriormente, passou a ser conhecida como Vila Santo Antônio (especula-se que tenha sido escolhido em função do nome da Escola).

Segundo informações colhidas junto a Prefeitura, havia em Portão, duas comunidades denominadas de Santo Antônio, o que causava certa confusão. Na década de oitenta, iniciou-se um processo de regularização de parte dos lotes e convencionou-se que o ideal seria mudar o nome da localidade para Vila São Luiz.

Foi também, na década de sessenta, que se instalaram as primeiras empresas. O pioneiro foi o Sr. Jandir Ciceri, que abriu uma oficina mecânica, depois vieram uma cerâmica,

uma oficina de carrocerias de caminhão, uma fábrica de móveis, uma fábrica de solas de calçados e uma fábrica de calçados. Hoje, a Vila São Luiz, conta com um comércio local bem desenvolvido e com diversificados ramos da industrialização. É percebido também, um significativo aumento na oferta de serviços.

A religiosidade também esta presente na Vila São Luiz, que a 13 anos conta com uma comunidade Católica.

A VILA SOUZA

A Vila Souza é uma comunidade formada a partir do loteamento, organizado nas terras do Senhor Valdomiro de Souza, às margens da RS 240. A compra e a seqüente ocupação dos lotes, ocorreram por famílias oriundas de diferentes cidades, da região Sul do Brasil.

A ocupação e o desenvolvimento da localidade iniciaram-se a partir da década de 1970, período de intensa (i) migração para a região do Vale do Rio dos Sinos. A maioria dessas famílias migrou para a localidade, em busca de melhores condições de vida, uma vez que a oferta de trabalho era maior na região metropolitana.

O nome dessa localidade, deve-se ao fato de que as terras pertenciam ao senhor Valdomiro de Souza e, em função disso também, a escola foi denominada de Vila Souza. Essa localidade possui linha de ônibus, posto de combustíveis, supermercado, armazéns que abastecem a comunidade e bares. No campo cultural destaca-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Souza e o CTG Tiaracy.

O BAIRRO ESTAÇÃO PORTÃO

O bairro Estação Portão tem sua história intimamente ligada à construção da estação férrea, em 1909. Lembremos que, ainda neste tempo, Portão não existia enquanto município, mas como um vilarejo pertencente a São Sebastião do Caí.

Com o desenvolvimento ferroviário e o prolongamento da via férrea até Montenegro, a empresa concessionária optou, por passar com a linha do trem, por esta localidade por tratar-se de um terreno menos acidentado do que aquele planejado anteriormente, que não previa a construção dos trilhos e da estação, na localidade de Portão. O projeto de construção data de 1904, mas sua conclusão e inauguração ocorreu em julho de 1909.

A chegada do trem trouxe progresso à localidade, uma região, até então, sem atrativos comerciais. Animados com o movimento de passageiros e facilidade de compra e escoamento da produção, muitos homens de negócio e outros visionários viram na ferrovia um sinônimo de prosperidade. Logo, surgiram comércios, casas de secos e molhados, selarias, vendas de farinha de mandioca, curtumes...

Além do comércio, a vida religiosa tomou forma com a construção das igrejas de confissão luterana (1916) e católica (1925).

A vida cultural aos poucos foi se configurando e consolidando, através da fundação da Sociedade de Canto Círculo de Canções, em 1927 (hoje, a Sociedade Recreativa Cultural Boa Vista). Escolas foram surgindo, não raras às vezes, funcionando na casa do próprio professor. Nos primeiros tempos as aulas eram ministradas em língua alemã. A criação de uma escola oficial (estadual), no bairro, ocorreu apenas na década de 1930, chamada de Grupo Escolar. O bairro Estação Portão era um “centro comercial e

cultural” que concentrava muitos serviços disponíveis na localidade.

Com o encerramento total das atividades da ferrovia em 1965, as áreas que compunham o antigo leito da viação férrea foram sendo ocupadas, intensificando o processo demográfico, nesta região da cidade. Assim, temos hoje compondo este bairro as comunidades formadas no leito da antiga linha de trem (Rua São Pedro e e a Rua João Luiz de Moraes, cujas áreas foram sendo ocupadas de diferentes formas, principalmente durante as décadas de setenta, oitenta e noventa, durante o período de maior produção coureiro e calçadista).

Existem várias localidades, vilas e loteamentos compondo o bairro Estação Portão entre eles: a Vila São Jorge, o Parque Residencial Netto (do arroio em direção a estação), a Vila Trilhos da Rua São Pedro, a Vila Trilhos da Rua João Luiz de Moraes, a Vila Roseta, o loteamento Bem-te-Vi, Portão da Estância, Albino Kern, Flaboyant, Parque Residencial Portão e áreas denominadas como de invasão.

Atualmente o bairro Estação Portão é atendido por várias escolas, da rede municipal, estadual e particular de ensino. O comércio que esteve enfraquecido desde a desativação da ferrovia, vem se reestruturando nos últimos anos e conta com um grande número de indústrias e ofertas de serviços.

VILA SÃO JORGE

Inicialmente, esta comunidade, era composta por campos e áreas destinadas a criação de gado. Nos anos sessenta, começou a ser loteado, ocasião em que aumentou a demografia na localidade. Nas últimas décadas a comunidade vem crescendo rapidamente, devido ao intenso processo de urbanização, que vem ocorrendo no município.

Com o desenvolvimento industrial, do município de Portão, nas décadas de setenta e oitenta, observou-se um

aumento considerável, do número de pessoas, que compõem a localidade. O processo migratório, que originou a vila, está vinculado ao fenômeno do “êxodo rural”. As pessoas se deslocaram do interior do estado (regiões norte e noroeste), onde as perspectivas de vida não eram animadoras.

Devido ao aumento da população local, nesta área a fisionomia natural mudou completamente, com o término das áreas de plantio, abertura de ruas, construções de casas e eletrificações. Nos últimos anos, foram construídos novos loteamentos, o que provocou uma explosão demográfica e, através das novas vias de acesso, a ocupação chegou até a localidade pertencente ao Cantão.

Segundo estudo realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila São Jorge, a maioria dos pais dos alunos não são nascidos em Portão. Para eles é bom morar nesta Vila, pois há tranquilidade mesmo estando próximo do centro, de mercados, do Parcão, os moradores apontam necessidades como rede de esgoto, espaços para lazer, calçamentos, EMEI (antiga creche), e reclamam da poluição sonora.

No que diz respeito aos grupos étnicos, convém ressaltar a predominância de lusos-brasileiros nesta comunidade, seguidos dos teuto-luso-brasileiro e ítalo-brasileiros.

Assim como outras localidades do município, a Vila São Jorge, carece de estudos mais aprofundados com vista a (re) construção da história local, pois trata-se de uma localidade que vem crescendo acentuadamente, correndo riscos de perdas para a história local. Nesse sentido, destaca-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila São Jorge, que vem se mobilizando, a fim de diminuir as lacunas da construção histórica.

A VILA TRILHOS DA RUA SÃO PEDRO

A formação da comunidade da Vila Trilhos, em Portão, está intimamente ligada a expansão coureiro calcadista, do Vale dos Sinos, a partir da década de 1970 e, da sua expansão, nas décadas seguintes, bem como a questão da crise rural que abalou as regiões agrícolas dos estados do sul do Brasil, no mesmo período. Antes disso, no lugar onde hoje é a vila, passava a antiga linha férrea, que ligava Porto Alegre a Montenegro e a Caxias do Sul.

Com a desativação do trem, as terras passaram a ser ocupadas por pessoas que aqui plantavam produtos agrícolas.

Estas terras pertenciam ao governo federal, e segundo moradores, “davam-se lotes” sem regularização ou escrituração. O direito de posse (devido ao tempo de uso), reivindicado pelo antigo usuário das terras (conhecido por todos como seu Antonio ou seu Nico), o levou a vender pequenos terrenos aos moradores, que se achegaram nos anos posteriores, quando vieram povoar a vila dos trilhos, em meados da década de oitenta e noventa.

Neste período, o êxodo rural era um traço marcante das cidades dos Vales dos Sinos e Caí, em especial daquelas voltadas à industrialização. Portão inseria-se neste movimento, visto que já havia desenvolvido um alicerce da indústria coureiro-calcadista, com a implantação de curtumes, indústrias químicas e de calçados. A possibilidade de encontrar trabalho foi um dos fatores que impulsionou muitas famílias, das regiões agrícolas do Rio Grande do Sul e também, de Santa Catarina, Paraná, Argentina e Paraguai a virem para este município.

De acordo com Müller (2005), o processo de migração para Portão deu-se da mesma maneira que em outros centros urbanos industrializados, ou seja, a chegada de moradores foi superior à demanda de mão-de-obra. As famílias de origem rural, em sua maioria, com baixa

escolaridade, não tendo onde morar, nem conseguindo emprego de imediato, iam se aglomerando ao longo de antiga linha férrea, comprando os lotes vendidos pelo senhor Antonio, dando origem a Vila.

A Vila Trilhos da Rua São Pedro, nasceu enquanto periferia e cresceu carente de serviços básicos: moradias, rede de água e esgotos, calçamentos entre outros. Constituiu-se como um agravante o fato de que, parte do local, onde se desenvolveu a vila, foi um lixão onde foi depositado resíduos químicos e poluentes, que atravessaram o solo e poluíram o lençol freático, fonte de água para os moradores da época. Diante de tantas questões a serem resolvidas, a busca pela urbanização foi um processo que se iniciou juntamente com os primeiros moradores, mas continuou e se estendeu diante do aumento da população.

Nos anos noventa, foi construído um novo loteamento popular, que assentou novas famílias e que provocou novo aumento populacional. Em busca de melhorias, os moradores empreenderam um longo processo de luta, por melhores condições de vida.

Nesta mesma década, diversas políticas públicas foram desenvolvidas. Ações na esfera federal, estadual e municipal se fizeram presentes, em muitos momentos na Vila dos Trilhos. Salientam-se como marcas importantes: a construção do posto de saúde, quadra esportiva, calçamentos e infra-estrutura, ampliação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Mauá e diversas ações familiares e efetivas. A Vila Trilhos vem marcada, ao longo de sua trajetória, pela luta de diversas origens e continua em busca de melhorias, a fim de conquistar urbanidade e melhores condições de vida.

Nos últimos anos, a comunidade da Vila Trilhos, da Rua São Pedro, vêm presenciando a formação de novos loteamentos e abertura de novas ruas, o que provoca uma sensível mudança de paisagem comum nas áreas urbanas. Neste sentido, destaca-se também a construção da igreja católica da comunidade São Pedro, a qual possui

características próprias e certamente, comporá um dos orgulhos culturais e estéticos da comunidade.

O PARQUE RESIDENCIAL NETTO

O Parque Residencial Netto situa-se na área central do município. Sua denominação deve-se ao fato de que a propriedade, onde foi estruturado o loteamento pertencia a Darcy de Souza Netto. Esse loteamento, inicialmente foi dividido em 328 lotes, sendo que, em maio de 2000 foram aprovados mais 25 lotes. A denominação das ruas se fez a partir de nomes, de outras cidades do estado, como Triunfo, Iraí e outros.

A origem étnica, da maioria dos moradores é portuguesa. De acordo com pesquisa feita, junto aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Oswin Franke, foi constatado que a maioria dos pais são migrantes, das mais variadas regiões do Estado e, que esta migração se deu motivada pela oferta de emprego na região do Vale do rio dos Sinos, especialmente na década de oitenta. Dentre os moradores do bairro, a maioria, exerce atividade profissional no município, ocupando as mais variadas funções.

A expansão urbana que vem se constituindo em Portão, está mudando a paisagem do Parque Netto, pois novos loteamentos e ruas estão sendo abertos, atraindo novos moradores, aumentando a circulação de pessoas, abertura de novos empreendimentos comerciais e aumentando a oferta de serviços. O Parque Residencial Netto possui várias igrejas, CTG e Piquete. Seu território divide-se entre o Bairro Estação Portão e zona central.

CAPÍTULO IV

A ECONOMIA DE PORTÃO

PRODUÇÃO E MÃO-DE-OBRA

Nas primeiras fazendas cultivadas no município, pelos luso-brasileiros, era criado gado, cultivado frutas cítricas, principalmente laranja, além da mandioca e cana-de-açúcar. Geralmente, a propriedade também tinha uma atafona para o preparo da farinha de mandioca, uma moenda ou engenho de cana-de-açúcar e um alambique. Em algumas destas propriedades, existia moinho de trigo e engenho de madeira, que nos permite deduzir que se procedia à extração da madeira e a cultura de trigo, nas redondezas.

A mão-de-obra utilizada nos trabalhos da fazenda era a escrava, contando-se um número expressivo de escravos. Por exemplo, Bernadino Ferraz de Abreu, com terras na Cachoeira, em 1850 contava com 14 escravos e, Bernadino José Flores, com terras em Bom Jardim, em 1868, contava com 27 escravos. Atualmente, registra-se a expressiva presença de descendentes, desses primeiros escravos, que contribuem fortemente para a cultura da região, formada por Bom Jardim, Cachoeira e Macaco Branco, onde atuam principalmente como pequenos proprietários.

Quando se instalaram as famílias de origem alemã ocuparam colônias, de cerca de 80 hectares e dedicaram-se à agricultura de subsistência, pois raramente possuíam mais animais do que o necessário para o consumo da família. Muitos eram artesãos e exerceram paralelo ao trabalho da lavoura, a profissão de ferreiro, carpinteiro e outras. Nestas propriedades, a mão-de-obra utilizada na lavoura, era familiar. Entre as principais contribuições, destas famílias, está a diversidade de profissões e culturas que desenvolveram nessas propriedades.

Para se ter uma idéia, no período em que Portão foi elevado a 8º Distrito, em 30 de abril de 1927, a localidade perfazia cerca de 10%, do total de registros de indústrias e profissões do Município de São Sebastião do Caí, o que de certa forma justifica a sua criação como distrito. Destes, cerca de 40% apenas comercializavam produtos coloniais ou prestavam serviços como barbeiro, sapateiro, e 60% eram estabelecimentos que beneficiavam produtos agropastoris e manufaturas. A produção mais importante continuava sendo a da farinha de mandioca, contando-se na região 74 atafonas.

Destas atafonas, 50 pertenciam a luso-brasileiros e 24 a teuto-brasileiros. Nesse período, já aparece com certo destaque a atividade coureira, com seis curtumes, atividade na qual dominava a iniciativa de teuto-brasileiros: Nicolau Rippel, Roberto Uebel, Edmundo Kern, Arthur P. Müller, Gustavo Krummenauer e Ernesto Krummenauer. Além disso, à medida que aumentava a industrialização, diminuía a prática das atividades ligadas à produção da farinha de mandioca.

A década de 1940, foi profundamente marcada pela introdução de um novo produto na economia portonense: a acácia negra. Essa época, marca também, a concorrência que a ferrovia sofreu pelo transporte rodoviário, com a construção da RS 240. Nos anos que se seguiram, o setor primário ficou reduzido à monocultura da acácia negra, ao lado da tradicional pecuária bovina. Enquanto a acácia passou a ser a grande fonte de renda, comercializando-se a madeira e a casca para o tanino, a policultura reduziu-se à subsistência familiar.

Ainda há um saudosismo na cidade, em relação à acácia, também chamada de “ouro verde”. O início da sua utilização em curtumes, aqui no Brasil, teve como pioneiro um empresário portonense, Roberto Uebel. O tanino, que é retirado da acácia, substituiu o “quebracho”, produto importado, de preço elevado e passou a ser visto como fonte de lucro certo, para o produtor.

Atualmente a economia divide-se em 3 setores:

Setor Primário: está relacionado a produção, através da exploração de recursos da natureza. Podemos citar como exemplos de atividades econômicas do setor primário: a produção de hortifrutigranjeiros, a piscicultura, a pecuária, a extração mineral de basalto e a silvicultura. É o setor primário que fornece a matéria-prima para a indústria de transformação. Este setor da economia é muito vulnerável, pois depende muito dos fenômenos da natureza como, por exemplo, do clima. A produção de matérias-primas não gera muita riqueza para os produtores, se compararmos com o setor secundário, pois estes produtos não possuem valor agregado.

A tabela da produção agrícola municipal é variável, dependendo das condições de cada produtor. Estão agrupados os 10 produtos agrícolas que mais geraram arrecadação no município.

Produção Agrícola Municipal 2009	
Produto	Arrecadação
Bovinos/bufalinos	R\$ 3.565.570,70
Lenha (todos os tipos)	R\$ 349.900,53
Arroz com casca	R\$ 225.383,52
Tangerina/mandarina/ bergamotas	R\$ 121.542,71
Laranja	R\$ 75.415,50
Produtos hortícolas	R\$ 48.674,26
Casca de acácia	R\$ 22.683,63
Mudas frutíferas	R\$ 21.114,00
Madeira em partícula	R\$ 20.216,60
Equinos	R\$ 15.000,00

Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura

SILVICULTURA

O significado da palavra silvicultura, conforme Revista Árvore, (do latim silva = floresta, selva, mata) designa o reflorestamento, plantação de árvores, formação de florestas; a ciência, arte e prática, de controlar o estabelecimento, a composição, a qualidade e o crescimento de um povoamento florestal. Para tanto, em Portão utilizam-se as espécies exóticas (que não são nativas) para o cultivo arbóreo.

As espécies exóticas, predominantes no nosso município, são: a Acácia-negra (*Acácia mearnsii*), originária da Austrália; o Eucalipto (*Eucalyptus saligna* e *Eucalyptus dunnii*), originário da Indonésia e Austrália e o Pinus (*Pinus taeda* L. e *Pinus elliottii* E.), originário dos Estados Unidos.

A Acácia-negra é muito utilizada para extração do tanino da casca, obtendo um subproduto amplamente utilizado em curtumes. A madeira, devido seu alto poder calorífero é vendida para queima em caldeiras e/ou para fabricação do carvão vegetal.

Do Pinus é utilizada a madeira, para a fabricação de móveis, para a construção civil e a resina para a indústria química.

Do Eucalipto é utilizada a madeira, para fabricação de celulose, lenha e também se extrai o óleo de algumas espécies, para fins medicinais.

Hoje aproximadamente 50%, da área total do município, estão cobertas por plantios comerciais, principalmente de Acácia-negra.

Setor Secundário: É o setor da economia que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário) em produtos industrializados (couro, máquinas, produtos químicos, carvão vegetal, alimentos industrializados). Como há conhecimentos tecnológicos agregados aos produtos do setor secundário, o lucro obtido na comercialização é significativo. A exportação destes

produtos também gera riquezas para as indústrias e, conseqüentemente, para o município. Em Portão, este é o principal setor econômico.

A tabela abaixo, mostra algumas das indústrias do município de Portão, escolhidas aleatoriamente, seus principais produtos e a localização.

ALGUMAS INDÚSTRIAS DE PORTÃO - 2010		
MK Química do Brasil LTDA.	Químicos para couro; tecido; álcool; calçados; móveis e decoração.	Localidade Boa Vista
Indústria de Peles Pampa	Couro acabado para estofamento automotivo e outros	Bairro Portão Velho
Courofag Indústria, Comércio e Representação LTDA.	Couro acabado	Centro
Curtume Incopol LTDA.	Beneficiamento de couros, secagem, salga e curtimento.	Bairro Estação Portão
Cerâmica Kasparly LTDA	Fabricação de telhas, tijolos...	Bairro Rincão do Cascalho
Soubach Beneficiamento de Couros LTDA.	Couro acabado	Localidade Socorro
Novisol Curtume LTDA.	Beneficiamento de couros, secagem, salga e curtimento.	Bairro Portão Velho
Natur Indústria de Couros LTDA.	Couro acabado	Bairro Estação Portão
Dalpiaç Acabamento de Couros LTDA.	Couro acabado	Bairro Estação Portão
Curtume Krumenauer S/A	Couro atanado	Bairro Rincão do Cascalho
Polivinyll Indústria de Produtos Químicos LTDA.	Químicos para curtimento, lacas, solventes, óleos, pigmentos, resinas, acabamento em couro.	Bairro Rincão do Cascalho
Curtume Soubach LTDA	Beneficiamento em couro	Localidade Socorro
Stahl Brasil S/A	Químicos para couros e outros	Localidade Boa Vista
Tiniolo Busnelo	Aterros, terraplanagem e pavimentadora	Localidade Boa Vista
Noko Química LTDA.	Químicos para couros e outros	Localidade Socorro
Hyplass Indústria Química LTDA.	Químicos para alimentação, borracha, limpeza.	Localidade Garcez
AP uller S/A	Couros atanados	Centro
Moreflex Borrachas LTDA	Pneus em geral	Centro
		Fonte: sites das indústrias
A seleção destas indústrias não seguiu nenhum critério a não ser a exemplificação para o setor secundário de Portão podendo ser usado ainda outras para esse fim.		

Setor Terciário: É o setor econômico relacionado aos serviços. Os serviços, são produtos não materiais, em que pessoas ou empresas, prestam a terceiros, para satisfazer determinadas necessidades. Como atividades econômicas deste setor econômico, podemos citar: o comércio, a educação, a saúde, o serviço de telecomunicações, o fornecimento de energia elétrica e água encanada, os serviços de informática, os serviços públicos, de transporte (de pessoas e mercadorias), de limpeza, os serviços de alimentação (bares, lancherias, restaurantes), de turismo, serviços bancários, etc.

Com a globalização da economia, o terciário é o setor que mais se desenvolve no mundo.

Em Portão, a base da economia é a indústria. Isso significa que, em Portão, as indústrias são responsáveis por arrecadar mais impostos para a cidade.

A conseqüência de ter matriz industrial é que mais pessoas serão atraídas para o município, no desejo de conseguir um emprego. Este fato tem dois lados: o positivo e o negativo.

No caso do aspecto positivo, a cidade com mais pessoas, acaba exigindo maiores investimentos em infraestrutura, tornando-se melhor para os habitantes.

Porém, nem todas as indústrias irão gerar quantidades significativas de emprego. Um exemplo disso, são as indústrias químicas, que na sua maioria, empregam poucas pessoas e estas, com alto nível de formação, enquanto que as empresas calçadistas empregam grande número de funcionários, exigindo na sua maioria, experiência na função. Em conseqüência disso, as pessoas ficam sem dinheiro, sem condições de adquirir uma habitação digna e acabam originando as vilas irregulares e/ou favelas, na periferia urbana.

É por isso que, cada vez mais, torna -se importante planejar o futuro buscando maior formação técnica e intelectual.

CAPÍTULO V

O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE PORTÃO

Em 30 de abril de 1927, Portão passou a ser o 8º Distrito de São Sebastião do Caí, sob a gestão do então Intendente Ernesto Noll, na ocasião o Capitão Pedro Schüller que já era sub-delegado, foi nomeado o primeiro sub-prefeito da localidade. Em 1939, o Distrito foi elevado à categoria de Vila e, em 1962, iniciou-se o movimento pró-emancipação.

Nos primórdios do ano de 1962 alguns portonenses começaram a discutir sobre a capacidade financeira que o distrito teria para sustentar-se enquanto município, já que, havia uma grande quantidade de novos municípios se formando em todo o Brasil. Segundo os emancipacionistas, a idéia surgiu das conversas entre o professor Mário Tchader que lecionava na escola Grupo Escolar de Portão-atual Pedro Schüller, o senhor Léo Dewes (responsável pelo posto de arrecadação da Exatoria no distrito), O senhor Doralino Rodrigues dos Santos (proprietário da agência o correios), Theobaldo Roese, e outros moradores que costumavam se encontrar para discutir diversos assuntos, entre eles política.

O palco desses encontros costumava ser o “bar do Wili” na antiga estação rodoviária (atualmente conhecido como bar do Puvi). Com o tempo a idéia foi se propagando e ganhando simpatizantes que a disseminaram por todos os pontos do interior e vila.

Em 07 de dezembro de 1962 a comunidade se reuniu e formou a Comissão Emancipacionista. A partir daí é que se deu início as tratativas para erigir o novo município. Entre outros trabalhos esta Comissão elaborou um memorando para enviar ao Estado onde comprovavam o número mínimo de eleitores exigido para compor um município. Este memorando contém várias fotos de empresas, pois também,

estavam preocupados em ilustrar a capacidade de arrecadação de impostos bem como a dinâmica e o potencial econômico da localidade.

Em 25 de agosto de 1963 foi realizada a consulta plebiscitária relativa à emancipação e o resultado foi que 801 votos determinavam o “Sim”, 274 portonenses foram contrários à emancipação, votando “Não”, 10 eleitores se declararam “Indecisos” e 5 votos foram nulos. Após esse resultado os portonenses aguardaram até que em 9 de outubro de 1963 o Município de Portão foi criado pelo Governador Engenheiro Ildo Meneghetti.

O trabalho da Comissão Emancipacionista, consistiu em organizar encontros com a comunidade e lideranças políticas locais, a fim de informar acerca do processo de emancipação, bem como junto a Assembléia Legislativa do Estado. Além disso, havia toda uma burocracia a ser cumprida. E, após cumprir as exigências legais, para que fosse concedido a Portão, o título de município, foi elaborado um processo ‘encabeçado’ pelo deputado Lidovino Fanton, o qual foi assinado por Walberto Uebel (presidente da Comissão) e entregue à Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, sendo indicado o mesmo deputado como relator.

O passo seguinte foi de aguardar o prazo regulamentar, e como não foi registrado nenhum protesto judicial, das possíveis partes contrárias, o processo de criação do novo município seguiu o seu curso normal e, finalmente, no dia 14 de outubro de 1963 saiu publicada no Diário Oficial a Lei nº 4579, oficializando o nascimento do Município de Portão.

Assim, aliando motivações populares e de empresários, não se passaram muitos meses desde o início da campanha de emancipação, para que a comunidade pudesse testemunhar, através do Diário Oficial, todo o seu empenho recompensado.

Após a emancipação, tomaram-se as medidas necessárias para que o novo município tivesse estrutura a

fim de subsidiar as necessidades administrativas, tanto das empresas, como da população.

As primeiras eleições realizaram-se em 19 de janeiro de 1964, tendo sido eleito para Prefeito o Sr. Lothar Kern e, como vice, o Sr. Rubi Nelson Franke, candidatos integrantes da coligação PSD, formado pela Aliança Popular de Portão. Para o Legislativo, foram eleitos sete vereadores, assim distribuídos: Antônio Bihler, Paulo Müller, Oscar Ghem e Egon Krummenauer do PSD; Antônio José de Fraga, Mário Pires Machado e Euclides Xavier de Almeida do PTB.

As cópias dos documentos a seguir, registram as primeiras movimentações, em busca da emancipação do município de Portão e o documento que oficializou a criação do município. São documentos interessantes, pois nos dão uma amostra da história desse processo, além disso, a partir delas é possível perceber que todas as localidades que compõem a atual cidade de Portão, estavam representadas por membros das suas comunidades. O que nos permite deduzir, que o movimento emancipacionista, literalmente movimentou o município.

ATA DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS PRÓ-EMANCIPAÇÃO

Aos dezesseis dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e dois, na sede da Sociedade Recreativa e Cultural Boa Vista, reuniram-se emancipacionistas deste distrito, a fim de estudarem as possibilidades de formação do município.

Por indicação do senhor Ewaldo Francisco Thiesen foi nomeado para presidente da mesa o senhor Walberto Uebel, por aclamação.

Iniciados os trabalhos pelo senhor Presidente, o mesmo indicou a mim, José Mehringer, para secretário.

Por solicitação do senhor Presidente o senhor Paulo Muller leu a relação dos nomes lembrados para a composição da Comissão de Estudos pró Emancipação, ressaltando que novos nomes poderiam ser indicados, uma vez que a mesma não é uma relação definitiva.

Posta novamente a disposição a palavra pelo senhor presidente, dela fez uso o senhor Hugo Silva, que falou do interesse dos moradores da localidade de Sanga Funda, ora pertencente ao município de Canoas, liderados pelo Dr. Hélio de Souza Santos, de fazerem parte do novo município.

A seguir usou a palavra o senhor Armando Mattes sugerindo que fosse criada inicialmente uma comissão em que cada sub-distrito estivesse representado por apenas um elemento que teria a função de auscultar a opinião dos moradores daquela zona por ele representada. E, também, em conjunto apreciar as possibilidades com pessoas orientadas sobre o assunto.

Com duas sugestões para a formação de comissões o senhor presidente pôs em votação as duas propostas, merecendo aprovação da proposta o senhor Armando Mattes. Foram indicados por aclamação os representantes de cada sub-distrito, que são os seguintes:

Para Fazenda das Palmas e Sanga Funda o senhor Hugo Silva;

Para a zona pertencente aos municípios de Estância Velha e São Leopoldo, Nereu Hoff;

Para Rincão do Cascalho, o senhor Egon Krummenauer;

Para Socorro, o senhor Oscar Müller;

Para Morretinhos o senhor José Rodrigues da Rosa;

Para Portão Velho, o senhor Antônio Biehler;

Para Sertão Capivara, o senhor Oscar Gehm.

Para a Estação Portão, o senhor Walberto Uebel.

Por aclamação ainda o senhor Theobaldo Roesse foi indicado como o presidente de Honra da referida comissão.

Encerrados os trabalhos ficou marcada nova reunião apenas com a presença dos componentes da Comissão para o dia dezenove (19) do corrente neste mesmo local

Estação Portão, 17 de outubro de 1962.

Secretario da mesa

José Raimundo Meiringer

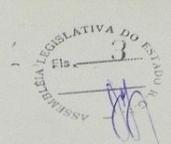
Presidente da mesa

Walberto Uebel

ATA DA CRIAÇÃO DA COMISSÃO EMANCIPACIONISTA

Ata de número 01/ 1962, que define a criação da Comissão emancipacionista de Portão.

ATA Nº. 1



Aos sete (7) dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e sessenta e dois (1962), às vinte (20) horas, no lugar denominado Rincão do Cascalho, município de Cai, numa das dependências do prédio onde está instalada a churrascaria do triângulo, com a presença do Dr. Lidovino Antônio Fanton, ex-Diretor Geral do Departamento das Prefeituras Municipais do Estado, e mais um elevado número de pessoas, todas residentes na área que se pretende erigir em município com a denominação de Portão ou qualquer outra julgada mais conveniente, foram instalados, sob a presidência do Sr. WALBERTO UEBEL, os trabalhos preliminares para a estruturação do movimento emancipacionista visando àquele superior objetivo. Depois de expôr as finalidades da assembléia geral, de caráter popular, foi franqueada a palavra aos presentes, havendo falado, na oportunidade, diversos moradores, que se manifestaram, todos eles, a respeito do assunto, que foi objeto de acurado exame e amplo debate. Ficou estabelecido, então, que, com assessoramento do Dr. Lidovino Antônio Fanton, seria constituída a Comissão Emancipacionista, a cargo de quem ficariam as tarefas que a própria lei, expressamente, lhe atribue. Por deliberação unânime, essa Comissão ficou assim constituída: Oscar Müller, Marciano Silva, Arthur Dietes, Ugo Silva, Caciano Silva, Oswaldo Scherer, Otto Lemmertz, Elio Rodrigues, José Rodrigues da Rosa Filho, Carlos Eismann, Theobaldo Roese, Walberto Uebel, José Meiringer, Rubi Frake, Urbano Uebel, Lauro Matzembacher, Kurt Kirst, Nicolau Rippel, Evaldo Thiessen, Alonso Dietrich, José Cassel, Paulo Müller, Antonio Biheler, Lirio Jung, Delmar Winck, Marcelino Mauri, Olinto Cardoso, Silvio Flores, Hugo Colleti, Rudolfo Engel, Fernando Koch, Alvicio Mathje, Egon Krumenauer, Loro Costa, Gary Lopes Cunha, Osni Nazario, Edival Rodrigues, Orlando Engel, Nereu Hoff e José Emilio Bonacina, e Alfredo Lemertz. Ficou, então, estabelecido que, entre os membros assim escolhidos, seriam eleitos os integrantes da Comissão Executiva propriamente dita, fixando-se o respectivo número, sendo os demais considerados membros. Resolveu-se, também, que deveriam ser organizadas, no menor prazo possível, as relações contendo as assinaturas do terço de eleitores necessários à credenciação da Comissão Emancipacionista. Além disso, providências deveriam ser encaminhadas visando a elaboração do mapa rudimentar do município que se pretende criar. Em nome dos componentes da Comissão Emancipacionista eleita,



agradeceu a deferência da escolha o Sr. WALBERTO UEBEL, que concitou, na oportunidade, a todos os presentes para, incorporando-se ao movimento, empenhassem todos os seus esforços e prestassem toda colaboração, a fim de que, no menor tempo possível, se tornassem realidade as aspirações autonomistas da laboriosa população. Finalmente, a Comissão Emancipacionista, cujos membros presentes assinam a presente ata, reuniram-se, fazendo, por unanimidade, a seguinte distribuição de cargos e funções: Presidente de Honra: TEOBALDO ROESE; Presidente: WALBERTO UEBEL; 1º Vice Presidente: Paulo Muller; 2º Vice Presidente: Urbano Uebel; 3º Vice Presidente: Egon Krummenauer; 4º Vice Presidente: Kurt Kirst; Secretário Geral: Lauro Matzembacher; 1º Secretário: José Meiringer; 2º Secretário: Delmar Winck; Tesoureiro Geral: Sílvio Flores; 1º Tesoureiro: Osni Nazário; 2º Tesoureiro: Alvídio Mattje. E, para constar, foi lavrada a presente, que vai assinada pelos presentes e por mim Secretário.-

Lauro Matzembacher
 José Raymundo Schiringer
 Neru Hoff.

Sílvio Flores
 Teobaldo Roese
 Pedro Friebel

Proêmio Binodetzer
 Mario da Silva Tjeder
 Kurt Kirst
 Estevão Bieser

Hugo Guilherme Collet
 Rub. N. Franze
 Oscar José Hübler

João Alvim
 Adalberto Dieder
 José Estefânia Casel

Comissão de Portão
Lauro Matzembacher
Egon Kummener
Walter Kubel
Hugo Antonio da Silva

Reconheço verdadeiras as assinaturas
tantes da ata retro, em número de vinte e duas,
çar por Lauro Matzembacher e a terminar por Hugo
da Silva. O referido é verdade e dou fé.-----

Em testemunho *mes* da verdade.-
Portão, 27 de dezembro de 1.962.-

~~Escritura para a emancipação de Portão~~
Escritura distrital.-

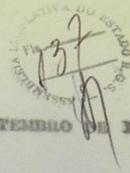


Documento constante no processo de emancipação de Portão
Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



PROJETO DE LEI N.º 205/63, DE 25 DE SETEMBRO DE 1963.

*Portão a 27.9.63
of. 1059, 26.9.63*

CRIA O MUNICÍPIO DE PORTÃO.

A Assembléa Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul,

DECRETA:

Art. 1º - É criado o Município de Portão, com sede na localidade do mesmo nome, constituído do território de Portão, pertencente a São Sebastião do Cai; parte de Estância Velha, parte do Distrito de Santa Rita, pertencentes ao Município de Canoas; e parte de São Leopoldo.

Art. 2º - O território do novo município tem as seguintes divisas:

ao norte - começa na confluência do Arroio Cadeia com o Arroio Cadeia, pelo qual sobe até a foz do Arroio Feitoria e por este até confluir com o Arroio Serraria;

a leste - começa na confluência dos Arroios Serraria e Feitoria, de onde, por linha sêca e reta, alcança a nascente do Arroio Lido, pelo qual desce até confluir com o Arroio Cascalho e por este até a foz do Arroio Portão; sobe pelo Arroio Portão até a foz do Arroio Nabinger, continuando por este, águas acima, até o ponto em que é alcançado pela linha sêca e reta, de direção norte, que parte da nascente do Arroio Bopp; segue pela referida linha até àquela nascente, descendo pelo Arroio Bopp até desaguar no Arroio Portão; segue por este, águas abaixo, até confluir com o Rio dos Sinos;

.....
[Assinatura]



Rio Grande do Sul

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

-2-



.....
ao sul - começa na confluência de Arroio For
tão com o Rio dos Sinos, pelo qual desce até a foz do Ar
roio da Estância, subindo por este até a ponte da estr
da que conduz à localidade de Ana Gomes; segue pela refe
rida estrada até o Arroio Figueira; (ex- da Areia);

a oeste - começa no ponto em que a estrada da
localidade de Ana Gomes encontra o Arroio Figueira; sobe
por este arroio até sua nascente, de onde, por linha sê
ca e reta, alcança a intersecção da linha férrea Rio dos
Sinos - Barreto com a estrada Capela - Garcez; segue por
esta última até o caminho que a liga com a Estrada São Se
bastião do Caf - Garcez, prosseguindo pelo referido cami
nho até àquela estrada e daí, por linha sêca e reta, al
cança a nascente do Arroio Cadeinha; desce por este até
desaguar no Arroio Cadeia.

Art. 3º - A Câmara Municipal para o primeiro
período legislativo será constituída de sete membros que
terão seus mandatos concluídos a 31 de dezembro de 1967.

Art. 4º - Os mandatos do primeiro Prefeito e
Vice-Prefeito extinguir-se-ão a 31 de dezembro de 1967.

Art. 5º - É prevista a transferência futura
da sede do Município para local adequado e contíguo à ro
devia asfáltica RS.

Art. 6º - Revogam-se as disposições enconstrá
rio.

Art. 7º - Esta lei entrará em vigor na data
de sua publicação.

Assembléia Legislativa do Estado, em Porto
Alegre, 25 de setembro de 1963.

*Conferir com o original
da pasta.*

Jacinto
DEPUTADO CÂNDIDO NORBERTO DOS SANTOS
PRESIDENTE
[Signature]

EDU.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO

Os municípios do Brasil são uma circunscrição territorial, dotada de personalidade jurídica e, com certa autonomia administrativa, sendo as menores unidades autônomas da Federação.

Cada município tem sua própria Lei Orgânica que define a sua organização política, mas limitada pela Constituição Federal.

O município de Portão dispõe dos poderes:

- **Executivo** (exercido pelo prefeito);
- **Legislativo** (exercido pelos vereadores);
- **Judiciário** (exercido pelo Juiz de Direito).

A Sede onde o prefeito exerce seu mandato, juntamente com o vice-prefeito é a Prefeitura Municipal, onde conta com seus secretários, cada um responsável por um assunto específico e, de relevância, para o município. Exemplo: Secretaria da Fazenda: é responsável pelas finanças do município.

O poder legislativo é exercido pelos vereadores e sua Sede é a Câmara de Vereadores. Atualmente, o município conta com 11 vereadores, através do voto direto da população residente e, maior de 16 anos. O número de vereadores é mutável, ou seja, varia conforme o número de habitantes da cidade. Porém, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) fixa um número mínimo (9) e um número máximo de vereadores (21) para cada município.

O poder judiciário é exercido pelo Juiz de direito, na Sede do Fórum. Será o Juiz que irá deliberar sobre decisões judiciais referentes ao município. O poder judiciário também está representado através do Ministério Público, cujo Promotor de Justiça é o responsável por defender interesses coletivos e fazer acusações criminais.

A BANDEIRA E O BRASÃO DO MUNICÍPIO DE PORTÃO

A bandeira é definida classicamente como sendo o símbolo representativo de um estado soberano, ou país, município, província, organização, sociedade, clã, coroa, reino, ou seja, todo ente constituído seja uma nação e seu povo, até mesmo uma família tradicional, desde que reconhecidos pelos entes interagidos por Lei ou tradição.

A Lei municipal, a seguir, nos conta sobre a criação da bandeira e do Brasão, símbolos fundamentais para a identificação de Portão. No teor desta lei, estão explicitados os significados de cada elemento que os compõem.

BRASÃO

Lei nº 177, de 21 de agosto de 1974

Aprova o Brasão Heráldico do município de Portão e sua respectiva Bandeira.

Otto Leopoldo Scherer, Prefeito de Portão (interino).

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - *É aprovado para uso do município o Brasão Heráldico assim descrito: Escudo português, dividido em quatro pontas, unido pelo figurativo de uma pele curtida na cor ocre, representando a atividade econômica mais expressiva do Município. Na parte superior do Escudo, campo azul-claro representando a abóboda celeste, onde se vê escrito uma semi-engrenagem na cor branca, simbolizando a atividade industrial. Abaixo, em ângulo da reta que limita o campo claro e sob a figura central, partem três barras nas cores Rio-Grandenses em direção a extremidade inferior do Escudo. Visto de frente, à esquerda,*

estão inscritas três árvores estilizadas e escalonadas do centro para fora, em cor verde-folha, que representam a preocupação do município com o reflorestamento. No campo amarelo, está inscrito um livro aberto, simbolizando o aspecto cultural. À direita, em campo verde, vem inscrito um ramo de árvore estilizado, com folhas e três plantas cítricas em alaranjado, lembrando outra importante atividade do Município. Em cima o escudo coroa mural em preto constituída de duas torres laterais, que limitam os muretos, tendo ao centro um pórtico, onde se destaca um portão estilizado, que lembra a herança histórica que deu origem ao nome do Município. Na parte inferior, lista na cor ocre, com as inscrições “Portão” “9 de Outubro” de 1963 (nome do Município e data de sua emancipação).

Art. 2º - *É aprovada a Bandeira Municipal assim descrita:*

Três panos nas cores Rio-Grandenses; vermelho, amarelo e verde, e nesta ordem, vistas de frente, sendo as extremidades vermelho e verde, maiores que o centro amarelo e iguais entre si. Na parte central da Bandeira figura um disco branco, no qual está inscrito o Brasão Heráldico.

Art. 3º - *Tanto o Brasão como a Bandeira serão de uso obrigatório pelo Município, nas dependências da municipalidade e nas festividades de cunho cívico, sendo que o Brasão com ou sem suas cores heráldicas. Neste último caso, será ele gravado ou impresso com seus detalhes em preto, em todos os papéis, documentos e próprios públicos.*

Art. 4º - *O Brasão e a Bandeira, como símbolos do município, deverão como tal ser respeitados, sendo proibido o seu uso para fins específicos, deverá obedecer ao mesmo cerimonial do Pavilhão Nacional.*

Art. 5º - *Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

BRASÃO HERÁLDICO



Obs: Chama-se heráldica, a arte de formar e descrever brasões de armas, também designada armaria ou arte do brasão. Logo e expressão Brasão Heráldico significa Brasão artístico.

BANDEIRA PORTONENSE



VERMELHO

AMARELO

VERDE

HINO À PORTÃO

HISTÓRICO DO HINO PORTONENSE

A letra e a música do hino portonense, foram criados no ano de 1998, com o propósito de cumprir uma tarefa da 6º Gincana da Emancipação. Foi escrita e musicada em menos de 24 horas, pois havia um prazo de poucas horas para entregar a tarefa pronta. Além de escrever e musicar a letra, os autores tiveram que ensinar, para que um grupo de pessoas fizesse uma apresentação, diante de todas as equipes gincaneiras. A música logo caiu no gosto da comunidade.

Com o tempo, o grupo show do Piquete de Laçadores Timbaúva, passou a utilizar a canção nas apresentações que faziam principalmente fora do município e, isso fez com que a música, logo identificasse o município em qualquer canto do estado do Rio Grande do Sul.

Nas viagens que o grupo fazia, a apresentação da música era sempre tão solicitada que acabou virando, literalmente, um hino portonense. Em 2007, a partir de uma solicitação do vereador Adair Silveira da Rocha a letra e a música foram oficializadas como Hino à Portão através da Lei Municipal nº 1.902/2007. Confira a letra do hino à Portão na capa de trás do livro.

GALERIA DOS PREFEITOS E VICE-PREFEITOS



1º Legislatura

De 28 de janeiro de 1964 até
31 de janeiro de 1969.

Prefeito: Lothar Kern



1º Legislatura

Vice-Prefeito: Rubi Nelson
Franke



2º Legislatura

De 31 de janeiro de 1969 até
31 de janeiro de 1973.

Prefeito: Antônio José de
Fraga



2º Legislatura

Vice-Prefeito: Euclides Xavier de
Almeida



3º Legislatura

De 31 de janeiro de 1973 até
31 de janeiro de 1977.

Prefeito: Lothar Kern



3º Legislatura

Vice-Prefeito: Otto Leopoldo
Scherer



4º Legislatura

De 31 de janeiro de 1977 até
31 de janeiro de 1983.

Prefeito: Carlos Waldomiro
Selbach



4º Legislatura

Vice-Prefeito: Euclides Xavier de
Almeida



5º Legislatura

De 31 de janeiro de 1983 até
31 de dezembro de 1988.

Prefeito: Euclides Xavier de
Almeida



5º Legislatura

Vice-Prefeito: Carlos Roberto
Ruthner



6º Legislatura

De 01 de janeiro de 1989 até
31 de dezembro de 1992.

Prefeito: Carlos Waldomiro
Selbach



6º Legislatura

Vice-Prefeito: Selomar
Leopoldino de Souza



7º Legislatura

De 10 de janeiro de 1993 até
31 de dezembro de 1996

Prefeito: Dary Hoff



7º Legislatura

Vice-Prefeito: Carlos Roberto
Ruthner



8º Legislatura

De 01 de janeiro de 1997 até
31 de dezembro de 2000.

Prefeito: Carlos Roberto
Ruthner



8º Legislatura

Vice-Prefeito: Vicente de Paula



9º Legislatura

De 01 de janeiro de 2001 até
31 de dezembro de 2004.

Prefeito: Dary Hoff



9º Legislatura

Vice-Prefeito: Mário Moog



10º Legislatura

De 01 de janeiro de 2005 até 31
de dezembro de 2008.

Prefeito: Elói Antônio Besson



10º Legislatura

Vice-Prefeita: Maria Odete Rigon



11º Legislatura



11º Legislatura

De 01 de janeiro de 2008 até 31
de dezembro de 2012.

Prefeito: Elói Antônio Besson



12° Legislatura

De 01 de janeiro de 2012 até 31
de dezembro de 2016

Vice-Prefeita: Maria Odete RigoN



12° Legislatura

Vice-Prefeito: Arai Cavalli

RELAÇÃO DAS LEGISLATURAS

1º Legislatura- 1964 à 1968

Egon Kruppenauer
Oscar Gehm
Antônio Biehler
Paulo Muller
Antônio José de Fraga
Euclides Xavier de Almeida
Mário Pires Machado

2º Legislatura-1969 a 1972

Ody José Winck
José Rodrigues da Rosa
Friebert Krug
Rui Décio Stein
Nilo Bruno Mattes
Serino Achilles da Rosa
Oscar Jacinto Homem

3º Legislatura-1973 a 1976

Alfonso Edgar Mombach
Celso João Mattje
Ernani Lemmert
Nilson Lopes
Herbert F. Schroer
Ambrosino Ferreira dos Passos
Nelson Rodrigues da Rosa

4º Legislatura – 1977 a 1982

José Deli Rodrigues de Freitas
Ambrosino Ferreira dos Passos
Irineu Bosco Albertuni
Antônio Rodrigues da Rosa
Dolivar José Kniphoff da Cruz
Ernani Lemmert
João Roque Scherer

5º Legislatura – 1983 a 1988

Irineu Bosco Albertuni
Luiz Zenon Oliveira Silva
Egídio Nunes
Dolivar José Kniphoff da Cruz
João Batista de Paula Ribas
Anilton Manenti
Ernani Lemmert
José Valter Moutinho
Lotário Castro

6º Legislatura – 1989 - 1992

Adair Silveira da Rocha
Ambrosino Ferreira dos Passos
Vicente Aluísio de Paula
Dolivar José Kniphoff da Cruz
José Valter Moutinho
Irineu Bosco Albertuni
Valquiria Ritter
José Roque Arenhart
João Batista de Paula Ribas

7º Legislatura – 1993 a 1996

Eloi Antônio Besson
Adair Silveira da Rocha
Jaudir Noni Flores
Aury de Oliveira
João Celoir da Rosa Gil
Maria Odete Rigon

8º Legislatura – 1997 a 2000

Silvio Luís Soarez
Adair Silveira da Rocha
Eloi Antonio Besson
José Valter Moutinho
Clademir Passos de Oliveira
Flávio Beneton

Pedro Coutinho
Naira Müller
José Roque Arenhart
Hélio Lutz
Selomar de Souza

Décio Sérgio Carvalho
Maria Odete Rígon
José Roque Arenhart

9º Legislatura – 2001 a 2004

Décio da Silva
Elói Antonio Besson
Waldir Garcia Pereira
Jaudir Noni Flores
Ari de Oliveira
Clóvis Roberto Fraga
José Roque Arenhart
Maria Odete Rígon

10º Legislatura – 2004 a 2008

Adair Silveira da Rocha
Antônio Ailton da Silva Coelho
Ari de Oliveira
Valério Schneider
João Pedro Sefrin
José Roque Arenhart
Paulo Ricardo Bonini
José Renato das Chagas
Clério Von Muhler

11º Legislatura – 2008 a 2012

Silvio Eurico
Silvio Luís Soares
Adair Silveira da Rocha
Ari de Oliveira
José Roque Arenhart
João Pedro Gaspar dos Santos
Paulo Ricardo Bonini
Antônio Ailton da Silva Coelho
Jussara Lemmert
Luis Carlos Bandeira da Rosa
Diego Martins

12º Legislatura – 2012 a 2016

Antônio Ailton da Silva Coelho
Ari de Oliveira
Diego Martins
Gerson Luis do Amaral Roza
João Pedro Gaspar dos Santos
Jorge Rodrigues Flores
José Volmar Wogt
Jussara Lemmert
Roberto Rodrigo Eismann
Silvio Eurico da Silva
Silvio Luiz Soares
Maria Luiza Klein Strottmann

CAPÍTULO VI

ASPECTOS DA CULTURA PORTONENSE

CULTURA

Cultura é tudo aquilo que não é natureza, ou seja, tudo o que é produzido pelo ser humano. Por exemplo: a terra é natureza e o plantio é cultura. E o desenvolvimento intelectual do ser humano, são os costumes e valores de uma sociedade.

A cultura desenvolveu-se simultaneamente com o próprio ser humano e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie humana.

A cultura define a vida, constitui a utilidade e serve de lente através da qual o homem vê o mundo e interfere na satisfação das necessidades fisiológicas básicas. Embora nenhum indivíduo conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro da sociedade de forma a permitir a convivência harmoniosa dos mesmos.

A MÚSICA E A DANÇA EM PORTÃO

Portão tem uma forte produção de arte, especialmente no que se refere à música e a dança. Existem diversos grupos musicais, de renome e de atuação regional, que tocam ritmos dançantes para bailes. A cidade também possui bandas de Rock and Roll, sendo algumas compostas a bastante tempo.

No município de Portão, encontra-se a prática de diferentes estilos de danças e vários grupos, que praticam essa arte. Encontramos grupos dedicados ao balé clássico, danças de salão e de rua, jazz e danças folclóricas.

A tradição do canto coral é muito antiga no município de Portão, desde fins da década de 1920 já se registra a existência de grupos de coral na cidade. Para se ter uma idéia a Sociedade Recreativa e Cultural Boa Vista, criada em 1927, se chamava Liedekranz Gesangverein que significa Sociedade de Canto Círculo de Canções, cujo canto coral era da maior importância.

Na década de 70, um grupo de pessoas amantes do canto coral, resolveu fundar um coro na Comunidade Católica São José, tendo como regente o senhor Agostinho Normélio Ruschel. O coral tinha como principal finalidade animar as missas da comunidade e eventos sociais, para os quais fosse convidado.

Atualmente, a instituição denomina-se Associação Coral de Portão e continua conservando, como principal objetivo, difundir a arte do canto coral no município e representá-lo dentro e fora do Estado, propiciando aos seus integrantes o lazer, o entretenimento e a cultura através da música.

Existem em Portão quatro Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs, sendo esse um elemento de grande destaque na cultura portonense. O primeiro Centro fundado, foi o CTG Tiaracy, em 11 de julho de 1965, sendo a sede localizada no bairro Rincão do Cascalho. O segundo mais antigo do município é o Piquete de Laçadores Timbaúva, fundado em 1979 sendo a sede na localidade de Morretinhos. O terceiro Centro de Tradições

Gaúchas é o CTG Velha Cambona, cuja sede está localizada na zona central da cidade, próxima da Avenida Brasil, em direção ao Parque Residencial Netto. Fundado em 1981 e, por último, foi fundado o CTG Sentinela de Portão, em 1989 com sede no bairro São Jorge.

Nesses Centros de Tradições Gaúchas é preservado o conhecimento sobre a história do Rio Grande do Sul, sobre o tradicionalismo, as lendas, a música e conhecimentos sobre a culinária gauchesca. Esses Centros de Tradições Gaúchas, formam um importante elo entre a cultura regional e a local.

Ainda no campo da dança o município realiza importantes eventos, com vistas à preservação da cultura e tradição alemã. É o caso dos bailes de Kerb e da Lingüiça, realizados na Sociedade Recreativa e Cultural Boa Vista. Nestes bailes as decorações são feitas de acordo com a temática alemã, ocasião em que diferentes cidades do Vale dos Sinos visitam Portão, especialmente os grupos que praticam bolão.

E nada mais autêntico do que um Baile da Lingüiça para celebrar o esporte, a culinária e a sociabilidade. Aqui, em Portão, o primeiro baile de confraternização entre os boloneiros da Sociedade Boa Vista, ocorreu no ano de 1946 quando da ocasião da comemoração dos 14 anos de fundação dos grupos Continental e Imperial.

Também se realiza em Portão, o Festival de Danças Alemãs, promovido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Gomes de Carvalho. Neste festival, além das apresentações e premiações é servido café colonial para os participantes. Atualmente, este evento acontece nas

dependências do centro de Eventos Lothar Kern, mas as primeiras edições aconteceram no Ginásio Municipal de Esportes Carla Izabel Ruthner Teixeira.

Para o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Fröhliches Tor, dançar a cultura de outras regiões é conhecê-la, é de alguma forma se apropriar dela, é enriquecer a própria cultura. Realizar a dança de um povo é se abrir para ela e ser agente da união entre as regiões e as nações.

O grupo de danças é formado por alunos dos 1º e 2º anos (Grupo mirim) e 3º e 4º ano (Grupo Infantil). Tradicionalmente cada grupo usa o traje de uma região da Alemanha e o traje do grupo Fröhliches Tor é da região de Hunsrück, que eram usados pelos imigrantes no seu dia-a-dia. Com o intuito de homenagear a cultura alemã, todos os anos no mês de agosto é realizado o festival de Danças Alemãs no município que com muita alegria, descontração e união de diferentes pessoas, retratam a história de um povo valorizando a nossa educação para um mundo melhor.

Outro importante grupo que preserva a tradição alemã é o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Hunsrück Volkstanzgruppe. O grupo tem este nome em homenagem aos antepassados, que vieram da região do Hunsrück, da Alemanha para a região do vale dos Sinos e Caí.

A primeira formação do grupo era de integrantes da localidade de Sertão Capivara, interior da cidade de Portão. Atualmente a formação distribui-se geograficamente pela cidade. Os ensaios, até o ano de 2007, eram feitos num galpão emprestado por um morador da localidade de Sertão Capivara. Em 2008 o grupo começou a ensaiar as danças nas dependências da Escola Técnica

Estadual Portão - Etep e no centro de atividades Lothar Kern.

Todo o ano o grupo realiza um encontro de grupos folclóricos. No ano de 2008 participaram 18 grupos folclóricos, ocasião em que o Hunsrück promoveu a primeira gincana germânica onde participaram todos os grupos.

Em Portão, também o folclore afro é representado e enaltecido, tendo um grupo folclórico na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias. O Grupo de Danças Afro “Nossas Raízes”, organiza e participa de diversas atividades no decorrer de todo o ano, sendo a Semana da Consciência Negra a data mais festejada para o grupo, escola e comunidade portonense, especialmente na localidade rural Morro do Macaco Branco e Cachoeira.

A Semana da Consciência Negra é um momento especial para a comunidade, pois as atividades são intensificadas e diversificadas com diferentes oficinas, palestras e apresentações artísticas, enfatizando a importância em preservar e reavivar os elementos que compõem e enriquecem a cultura local.

Todas essas atividades vêm contribuindo para ampliar o conhecimento dos alunos e da comunidade, sobre diferentes temas, como história, religião, culinária e, sobretudo sobre a valorização do ser humano, sendo trabalhado através do estudo e do folclore afro, que vem contribuindo imensamente para enriquecer a cultura portonense.

A SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL BOA VISTA

A Sociedade Recreativa e Cultural Boa Vista, foi fundada em 06 de fevereiro de 1927, com 31 sócios. Segundo a ata de fundação, a primeira reunião ocorrida em 06 de fevereiro de 1927, elegeu unanimemente os seguintes senhores para a Diretoria: Presidente: Henrich Roese, Vice-presidente: Theobald Müller, 1º Secretário: Franz Zeumer, 2º Secretário: Edmund Pilger, 1º Tesoureiro: Arthur Pedro Müller, 2º Tesoureiro: Arthur Jung.

Anterior a construção de um espaço para as festas, para a prática do canto e de esportes, as festas de 'kerbs' eram realizadas em campo aberto. Faziam encontros de sociedades que cultivavam a canção e a tradição alemã. Dos municípios vizinhos vinham inúmeras famílias participar do evento e, em vestimenta de gala, cada comunidade trazia a sua bandeira, passando o dia cantando, divertindo-se e trocando informações.

Com o crescimento das atividades dos grupos de canto e, seguindo a tradição germânica, em 06 de fevereiro de 1927 foi fundada a Liedekranz Gesangverein (Sociedade de Canto Círculo de Canções). Os sócios fundadores constituíram a primeira diretoria. Além de coordenador do grupo de canto, o professor Frantz Zeumer, foi o regente até a ocasião de seu falecimento. O coral chegou a participar de encontros regionais e estaduais de coros.

O primeiro prédio dessa sociedade ficou pronto no ano de 1936 e, consistia numa sala para os

ensaios do coral. Essa construção era de madeira e foi demolida quando construíram a primeira parte da atual edificação, em 1939, na qual havia além de um espaço mais amplo para os ensaios de canto, uma cancha de bolão onde atuava o grupo de bolão Continental, ainda em atividade.

Posteriormente, em 1941, ela foi ampliada, com a construção de um salão de festas, composto por palco, banheiros, uma nova cancha de bolão e uma ampla pista de dança. Para essa construção houve novamente, a mobilização da comunidade portonense.

Atualmente, esta instituição social, continua sendo palco de muitas atividades esportivas e sociais, da cidade de Portão.

A GASTRONOMIA

A gastronomia da cidade é bem variada, destacando-se as que apostam nas cucas como carro chefe, muitos desses comércios possuem proposta gastronômica diferenciada e comercializam, seus produtos coloniais, como cucas e pães feitos na hora, biscoitos caseiros, produtos naturais, queijos e vinhos, entre outros. Estes comércios atraem visitantes que transitam pela cidade, bem como moradores da região, que habitualmente, adquirem seus produtos.

A cidade possui uma variedade de restaurantes e lancherias, ganhando destaque as que servem churrascos e lanche e lanches rápidos.

ARTESANATO

A cidade de Portão possui uma rica e variada produção artesanal, tendo como destaque a fabricação de peças de cerâmica, vime, madeira, cuias, tricô, crochê, bordados e pinturas.

A comercialização de cerâmica, vime e madeira (casas para animais de estimação, casas para crianças e fábrica de brinquedos) historicamente localizam-se ao longo da RS 240, principal acesso ao município, facilitando com isso um maior fluxo de consumidores.

Já os trabalhos de tricô, crochê, bordados e pinturas são desenvolvidos por artesãos, que nos últimos anos organizaram-se numa Associação, visando facilitar a venda dos artefatos, bem como o aprimoramento das técnicas. A comercialização do artesanato produzido é viabilizada a partir de uma parceria entre a associação e o Departamento de Cultura Municipal que cede as “casinhas”, que são distribuídas ao longo da “Praça do Chafariz”.

A PRÁTICA DA CERÂMICA

A cerâmica é o material artificial mais antigo produzido pelo homem, existindo a cerca de dez a quinze mil anos é uma atividade de produção de artefatos a partir da argila. A cerâmica pode ser uma atividade artística, em que são produzidos artefatos com valor estético, ou uma atividade industrial em que são produzidos artefatos para uso na construção civil e engenharia.

A cerâmica tem um papel importante para economia do Brasil, pois a abundância de matérias-primas naturais, fontes alternativas de energia e

disponibilidade de tecnologias práticas, embutidas nos equipamentos industriais, fizeram com que as indústrias brasileiras evoluíssem rapidamente e muitos tipos de produtos dos diversos segmentos cerâmicos atingissem nível de qualidade mundial, com apreciável quantidade exportada.

O setor industrial da cerâmica é bastante diversificado e pode ser dividido nos seguintes segmentos: cerâmica vermelha, materiais de revestimento, materiais refratários, louça sanitária, isoladores elétricos de porcelana, louça de mesa, cerâmica artística (decorativa e utilitária), filtros cerâmicos de água para uso doméstico entre outros. No Brasil, existem todos estes segmentos, com maior ou menor grau de desenvolvimento e capacidade de produção.

No estado do Rio Grande do Sul, a técnica da cerâmica, veio na bagagem dos imigrantes alemães e, no município de Portão, a presença da cerâmica já é tradicional. As principais empresas desse setor, estão localizadas ao longo da RS 240, algumas são industrializadas, outras são feitas artesanalmente e algumas são apenas lojas.

É importante salientar, que as empresas cerâmicas de Portão, exportam grande parte da sua produção para outros estados brasileiros como Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, entre outros.

O que se percebe é que as empresas que trabalham a cerâmica, de forma mais artesanal, passam seus conhecimentos de geração em geração, perpetuando assim a tradição da cerâmica na cidade.

A TRADIÇÃO DO PLANTIO DE ÁRVORES ORNAMENTAIS E FLORES

O município de Portão é muito conhecido pela expressiva produção de plantas ornamentais e de flores. Ao longo dos anos, essa sempre foi uma das importantes práticas do setor primário. Não se sabe ainda, ao certo, a data de início dessa cultura, pressupõe-se que tenha se iniciado com a chegada dos alemães nessa região.

Ao longo da RS 240, é que se percebe a forte presença dessa tradição, pois a maioria dos pontos de venda – as floriculturas se concentram nessa área e são conhecidas como importante característica da cidade.

O ESPORTE

Há tempos que a cidade de Portão tem se destacado no meio esportivo, especialmente no futebol possuindo agremiações com data de fundação, em meados de 1950. Equipes de futebol que reuniam amigos e fim de ter um local para jogar bola. As equipes do Cometa e Associação fizeram história, sendo campeões em competições de nível regional.

Em 1983, foi realizado o primeiro campeonato municipal de futebol de campo, onde a equipe Vila Rica sagrou-se campeã. Os campeonatos já foram organizados por uma liga, e hoje são organizados pelo Departamento de Esportes da Prefeitura.

Outro esporte tradicional na cidade de Portão é o Bolão, esporte iniciado através dos atletas e sócios da Sociedade Recreativa e Cultural Boa Vista, que participa de eventos estaduais e regionais. Em 2003,

foi realizada a primeira competição oficial de bolão, organizada pelo município e a partir daí é realizada a competição anualmente, tanto feminino quanto masculino. Hoje o município possui outras canchas, distribuídas em bares e em comunidades.

Em busca de novas alternativas de esportes e atividades físicas, vêm se criando novas modalidades como bocha e corredores de rua, que participam de rústicas em todo o estado do Rio Grande do Sul, sendo que a cidade possui duas equipes organizadas.

Atualmente, o esporte é organizado em algumas atividades, pela Equipe Municipal de Desporto, nas modalidades de futebol sete, vôlei de areia, futsal, bolão, bocha, atletismo, rústica, mini-rústica, futebol de campo, bike, skate, entre outros, tanto masculino quanto feminino.

Na cidade ainda existem várias alternativas como academias, espaços públicos de lazer que oferecem pista de atletismo, quadras de areia, quadras de cimento e outros. Ainda, são praticados o judô, a capoeira, o ciclismo, o automobilismo, o aeromodelismo, o basquete street, o motocross e o futebol de areia.

A BIBLIOTECA MUNICIPAL 9 DE OUTUBRO

Biblioteca Municipal 9 de Outubro, foi fundada em 1970, pelo então Prefeito Antonio José de Fraga. Inicialmente ela funcionava numa sala nas dependências da Prefeitura Municipal e, posteriormente, foi transferida para a Escola Municipal 9 de Outubro, localizada no prédio da atual Secretaria Municipal de Educação. Quando os

prédios atuais da Escola foram construídos, a Biblioteca ainda funcionava junto a ela, mas com o tempo a Escola foi estadualizada e, em fins dos anos oitenta, a mesma foi transferida para as dependências atuais, ou seja, na Rua Ivoti.

Atualmente, a Biblioteca Municipal 9 de Outubro é formada por um acervo de cerca de 20.000 (vinte mil) exemplares, nas mais variadas áreas do conhecimento. Nos últimos anos ela foi incrementada, com a instalação do Telecentro, disponibilizando assim, o acesso a informação digital, para os leitores portonenses.

O MUSEU DE PORTÃO

O Museu de Portão localiza-se na Praça da Estação Portão, como próprio nome deixa claro, trata-se de uma praça onde em 1909 foi construído um conjunto ferroviário (estação, armazém de carga e casa do guarda chaves). Em 02 de julho de 1909 foi inaugurada a linha férrea e a estação de trem virou um marco de referência para os portonenses.

O Museu de Portão tem como sede o prédio da antiga estação férrea e disponibiliza exposições permanentes e temporárias, visando estimular na comunidade o interesse pela cultura e pelo patrimônio histórico da cidade e região. Além de exposições desenvolve o Projeto História Viva e se empenha em desenvolver todas as atividades museológicas de um Museu, como coleta de acervos tridimensional, fotográfico e documental, além de suporte para pesquisadores.

A instalação de estação do trem em Portão, cujo projeto data de 1904, foi responsável por profundas mudanças na localidade. A ferrovia

transformou o vilarejo num importante escoadouro de mercadorias, passando a ser referência de progresso na região, o que provocou uma intensificação na procura das terras próximas a estação de trem.

A Praça da Estação e a área do Armazém ferroviário constituíram-se na prova viva da história e do desenvolvimento da cidade e região. Foi através dos trilhos que as relações econômicas, religiosas e sociais se estabeleceram. Era a partir da estação que as pessoas iam para as outras cidades, ficavam sabendo das notícias enviavam mensagens através do telégrafo e do correio. Era na estação que os jovens se dirigiam nos finais de semana para conversar e conhecer outros jovens. Por muito tempo a Estação Portão constituiu-se no principal ponto de encontro e lazer na cidade.

A partir da construção da ERS 240 nos anos de 1940 a ferrovia foi sucumbindo aos novos tempos, sendo gradualmente abandonada e desativada oficialmente no ano de 1965. Desde então, as instalações da antiga via férrea foram usadas para diversos fins, como delegacia, prisão, local de encontros e de associações.

Ao ser tombada como patrimônio Histórico Municipal, através do Decreto nº. 438/2006, espera-se que os remanescentes da viação férrea continuem a desempenhar o importante papel de ser um marco da cidade, contribuindo para a preservação e manutenção da história portonense por muitas e muitas gerações.

Em 2007 a Estação Portão passou a integrar o Patrimônio Cultural do país, através da Lei 11.483/2007, reconhecimento emitido pelo Ministério Público Federal.

Outro fato importante refere-se ao antigo armazém, o atual Armazém da Cultura que vem sendo estruturado para abrigar diferentes atividades de produção cultural.

CAPÍTULO VII

FESTAS E EVENTOS REALIZADOS EM PORTÃO

AS FESTAS RELIGIOSAS

As festas religiosas são um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano que permite ao homem experimentar afetos e emoções.

Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas.

Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural. Independente do credo, as festas religiosas costumam movimentar a comunidade portonense.

RODEIO CRIOULO ESTADUAL DO PIQUETE DE LAÇADORES TIMBAÚVA

O rodeio Crioulo do Piquete de Laçadores Timbaúva, iniciou-se no ano de 1988 e, é realizado na propriedade do senhor Argemiro Nunes na localidade de Morretinhos. Nos primeiros anos, além das atividades campeiras como o tiro de laço, a gineteada, apresentações artísticas, bailes e comida

campeira faziam-se concursos artísticos onde competiam várias entidades gaúchas, de diferentes localidades.

Atualmente, esse evento vem ocorrendo sempre no último final de semana do mês de fevereiro.

APART - ACAMPAMENTO PORTONENSE DE ARTE E TRADIÇÃO

O Acampamento Portonense de Arte e Tradição, iniciou-se no ano de 2007, e é realizado pelo Departamento de Cultura do município, juntamente com os Centros de Tradições Gaúchas de Portão.

Como o folclore gauchesco é uma das marcas culturais da cidade, e por conseqüência, há uma significativa expressão artística no município, todos sentiam a necessidade em concentrar esses talentos em um evento onde culminaria o amor ao gauchismo, o talento local e a vinda de entidades de outros municípios.

Preocupados em preservar e enaltecer o folclore gaúcho no município, as entidades juntamente com o poder público, se uniram e realizaram juntos o APART. Nesse evento, ocorrem concursos de danças, que proporcionam um belo espetáculo, concursos de trovas, declamação, intérpretes, gaita, chula e competições de jogo de truco.

A premiação para danças é dada em dinheiro e, serve como incentivo, para atrair as entidades que não medem esforços, para mostrar os seus conhecimentos e o amor pelo tradicionalismo. Para

as demais modalidades, a premiação geralmente, é feita com troféu.

O APART é realizado no Centro de Atividades Lothar Kern e reúne uma expressiva quantidade de entidades de outros municípios, bem como, de visitantes que se deslocam para apreciar o evento.

A MATEADA

A mateada é um evento que ocorre na Praça Armando Albino Mattes (praça do chafariz), ao ar livre, sempre no último domingo do mês de abril, desde o ano de 1998, quando um grupo de amigos se organizou em torno da paixão pelo tradicionalismo gaúcho. São eles, Edson de Oliveira, Valdir Pereira, Justino Pólo e Paulo Moutinho.

As primeiras edições começaram tímidas, mas aos poucos os portonenses foram participando e, nas últimas edições, chegou a reunir cerca de oito mil pessoas, durante todo o dia, consolidando assim o evento. Na mateada, é oferecida água quente e erva mate, para que os tradicionalistas e visitantes bebam a vontade a bebida típica do Rio Grande do Sul. Servem também, arroz de carreteiro. Além disso, como ponto alto do evento, são realizadas ao longo do dia diversas apresentações artísticas.

RONDA FARROUPILHA

As comemorações da Semana Farroupilha ocorrem no município de Portão, desde 1979. Inicialmente, as atividades eram realizadas no galpão da escola municipal Olavo Bilac, na localidade de Morretinhos. Nessa época, as festividades tradicionais não diferiam muito das realizadas hoje.

Os tradicionalistas se organizavam e buscavam apoio junto ao comércio e conseguiam disponibilizar as refeições típicas, de graça, para todos os participantes. Com o tempo, foram surgindo mais grupos de tradicionalistas e tornou-se necessário ampliar o evento. No ano de 1988, os Grupos e a Prefeitura Municipal de Portão se uniram e institucionalizaram a Semana Farroupilha, transformando-se numa importante data festiva do município.

A GINCANA MUNICIPAL

A Gincana Municipal é uma das atividades comemorativas ao aniversário da cidade, desde 1993 e, sem dúvida, é um dos eventos mais populares de Portão, envolve direta e indiretamente centenas de pessoas, seja participando ativamente das atividades e tarefas ou, simplesmente, assistindo ao desfile de abertura, que é realizado ao longo das avenidas centrais.

A Gincana Municipal movimentava a cidade e cada tarefa é sempre disputada ponto a ponto, o que a torna mais interessante e a cada edição ela fica mais grandiosa, pois as equipes não medem

esforços desde o mínimo detalhe, até as tarefas mais complexas.

E, para contar essa bonita história, convidamos a pessoa responsável pela criação desse tradicional evento portonense que gentilmente nos atendeu. Trata-se da professora Sandra Maria Costa dos Passos Colling que era Diretora de Cultura do Município, na época:

“Eu, Sandra M^a Costa dos Passos Colling, diretora de cultura do município de Portão (em 1993), participei, em fevereiro de 1993, do Encontro de diretores de cultura em Estrela.

Lá conheci Rosa Maria Silveira Gomes – Dir. Cult. de Novo Hamburgo e em nossas conversas confessei a ela o desejo de realizar uma Gincana Municipal.

Sempre gostei deste tipo de atividade (escolar): um trabalho em equipe onde pudesse brincar, socializar, me divertir e aprender. E vislumbrava este evento num contexto amplo.

Ela, como já havia realizado em sua cidade, indicou uma organizadora (Escuderia Kutuca) a qual confiava.

Conversei com o Secretário de Educação do município, Homero Severo Pinto que levou a idéia ao prefeito, Sr. Dary Hoff. O qual pediu para que eu entrasse em contato com a Escuderia Kutuca para esclarecimentos sobre o funcionamento, custos, envolvimento.

Em março começamos os preparativos para a festa dos 30 anos de emancipação de Portão, organizamos uma comissão com pessoas de vários segmentos da comunidade portonense, pois queríamos diversificar as atividades festivas.

Em reunião com esta comissão (entre outros: Selomar de Souza, Anilton Manenti, Leane Krumenauer, Juliano Moutinho, Ivanir Basso, Atháides Maicá, Wolmir Bellé, e logicamente o departamento cultural) colocamos a intenção de realizar a Gincana e obtivemos o apoio unânime da comissão.

Assim, em abril comecei a realizar encontros quinzenais com a Escuderia Kutuca para expor a idéia de como trabalhar a gincana sobre e para Portão, fornecendo materiais sobre nosso município, mapas, imagens, curiosidades...

O projeto foi elaborado, juntamente com todos os outros vários eventos que foram programados para a grande festa dos 30 anos de Emancipação do Município, como escolha da Rainha, Rústica, Feira de artesanato, desfile festivo das escolas (que naquele ano ocorreu próximo à data da emancipação de Portão), campeonatos de skate, ping pong, baile com a Banda Mercado Musical, show com o cantor tradicionalista Leonardo, entre outras festividades.

A I Gincana de Emancipação de Portão ocorreu em dois finais de semana de outubro de 1993, tendo iniciado com o desfile das equipes no primeiro sábado, estendendo tarefas em todo aquele final de semana, tendo atividades na quarta e na sexta-feira posterior, finalizando no segundo sábado. Foi um trabalho enorme, de muita paciência, força e coragem, pois era preciso que a comunidade conhecesse e compreendesse o que era de fato uma Gincana. Mas também, foi um sucesso enorme!

As equipes participantes da I Gincana da Emancipação: Equipepino, Equipedrão, Escuderia

Cascalho, Equi 30, e Afapem. A Equipepino sagrou-se campeã. Todos os registros, documentos, inscrições, regulamento, cópia das tarefas, fotografias, ofícios e jornais do período ficaram arquivados no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Município.

E assim, Portão ficou conhecendo, entendendo e amando Gincana. De lá pra cá foram muitas organizadoras, novas administrações, novas equipes, mais envolvimento. Este evento já faz parte da história deste povo.

Todo e qualquer grande evento tem seus prós e contras, o tempo passa, é preciso fazer ajustes, mas não se pode negar que a Gincana Municipal traz ao verdadeiro gincaneiro, empolgação, iniciativa, criatividade, sabedoria, inteligência, socialização e muita, mas muita emoção no trabalho em equipe. Sinto-me honrada e feliz quando observo a cor de cada equipe, o brilho nos olhos do participante, cada prego colocado em uma das alegorias do desfile, o grito de guerra de todos. Valeu a pena! (Sandra M^a Costa dos Passos Colling).

FEIRA DO LIVRO E MOSTRA PEDAGÓGICA

A Mostra Pedagógica é realizada, desde 1998 e, abrange todas as escolas do município. É uma mostra de trabalhos escolares, organizada pelo Departamento de Cultura juntamente com as escolas e Secretaria de Educação. Nesta ocasião, as comunidades escolares apresentam trabalhos, pesquisas e projetos realizados com os alunos. O

evento ocorre na Praça Armando Albino Mattes, no Ginásio de Esportes Carla Izabel Ruthner Teixeira e Centro de Atividades Lothar Kern e é aberta ao público.

Atualmente, ocorrem juntas, Mostra Pedagógica e Feira do Livro, mas nem sempre foi assim, pois a primeira a ser realizada foi a Feira do Livro tendo a primeira edição acontecida no ano de 1989, na Praça da Estação.

Neste importante evento cultural, ocorrem diversas atividades como apresentações artísticas, atividades literárias, exposição e venda de livros, vídeos infantis na Kombi Biblioteca, além de acesso aos livros, que fazem parte do acervo da Biblioteca Ambulante.

O mascote da Feira do Livro é o Pé da Letra, criado em 1994, cuja arte é da professora e artista plástica Vera Lucia Coelho de Freitas. O nome do mascote foi escolhido através de concurso, realizado na rede escolar do município e o vencedor foi o aluno Eduardo Silveira da turma 62, da Escola Estadual de Ensino Fundamental 9 de Outubro.

Nos dias que antecedem a Feira e Mostra, o mascote visita todas as escolas, incentivando a leitura e convidando os alunos para a visita, junto com suas turmas escolares e suas respectivas famílias.

Todas as escolas visitam a Feira do Livro e Mostra Pedagógica, onde toda a comunidade é convidada a prestigiar as atividades desenvolvidas, inclusive as apresentações, que em parte são feitas pelos alunos.

A VOLKSFEST

A Volksfest é realizada desde o ano de 1997, cujo objetivo é proporcionar cultura, integração, entretenimento e diversão, sendo ela a maior e mais tradicional festa do município de Portão, abrangendo diversas atividades como shows, bailes, feiras de artesanato, feira do produtor rural, feira industrial e comercial com expositores locais e de outros municípios.

Inicialmente, a primeira edição da festa, denominava-se Folks´Fest numa conciliação dos termos folclore e povos, já que era mês de agosto, mês do folclore e a idéia era fazer uma festa de integração dos povos, pois o município é formado por diversas etnias e cultura.

Posteriormente, foi trocado, porque havia uma solicitação da comunidade, em não perder de vista a importante contribuição da etnia alemã, na formação da cidade. Assim, nas edições que se seguiram a festa passou a denominar-se de Volks´fest.

Este evento ocorre sempre no mês de outubro durante as festividades em comemoração ao aniversário de emancipação do município. A festa acontece na Praça Armando Albino Mattes e entorno abrangendo o Ginásio Municipal de esportes e o Centro de Atividades Lothar Kern.

Atualmente, a Volksfest é realizada a cada dois anos e vem crescendo a cada edição. É parte das atividades as competições esportivas como a Rústica da Emancipação, a competição de skate e o Campeonato Bike Sul Freestyle, que atrai os apaixonados pelo bicicross. A pista é montada próximo ao Ginásio de Esportes e a modalidade é a

street, ou seja, é uma competição com obstáculos montados.

PRAÇA ARMANDO ALBINO MATTES

Desde que Portão emancipou-se e a Prefeitura Municipal (Centro Administrativo Arthur Pedro Müller) foi construída nas proximidades da RS 240, a cidade cresceu e se desenvolveu neste entorno.

Nos primeiros anos, a área da atual Praça Armando Albino Mattes era apenas um banhado, cheio da capoeira e gravatás. Nos anos oitenta, foi feito um planejamento, visando um melhor aproveitamento da área, assim, a população passou a ter uma praça central, como área de lazer, nessa época ela foi denominada de Praça Tancredo Neves.

Mesmo com grama e árvores, a praça ainda não oferecia conforto e segurança para a população, que necessitava de um espaço para lazer. O banhado propiciava a proliferação de mosquitos, as pessoas que transitavam pela praça não cuidavam e jogavam lixo que muitas vezes caíam na água do banhado. Além disso, não possuía um visual adequado para o centro de uma cidade.

Em função desses problemas e, percebendo a necessidade de melhorar as condições do espaço da praça, o setor de planejamento da Prefeitura Municipal, elaborou um projeto urbanístico onde previa a remodelação da praça central.

Na década de noventa, a praça passou novamente por obras. O técnico Antônio Carlos Dias, responsável pelo projeto de remodelação da praça

explica que a idéia foi melhorar a qualidade e a utilidade da praça. O projeto de revitalização respeitou as características naturais do local, no lugar do banhado foi feito um lago com chafariz que além de embelezar o local mantém a água mais limpa e mais oxigenada, o que evita mau cheiro e infestação de mosquitos.

Além da revitalização e do embelezamento, houve a preocupação em planejar um espaço ao ar livre, que pudesse ser usado para o lazer e para a realização de eventos culturais.

Quando as obras de revitalização foram concluídas, na Praça Armando Albino Mattes, surgiu um dos elementos mais marcantes da cidade Portão, popularmente conhecida como a praça do chafariz, sendo um local de intensa procura, por parte da população, que a utiliza para lazer e entretenimento.

Por ser muito bonita, a praça é muito procurada por noivas para tirar fotografias, segundo relatos, ocorreu ocasião, em que houve “congestionamento de noivas”, pois havia ali, cinco noivas, tirando fotos sendo parte delas de cidades vizinhas.

A PRAÇA DA ESTAÇÃO PORTÃO

A Praça da Estação Portão, como o próprio nome deixa claro, trata-se de um local onde havia uma estação de trem. Em 02 de julho de 1909, foi inaugurada a linha férrea e a estação de trem virou um marco de referência, para os portonenses.

A instalação da estação do trem, no bairro Estação Portão, cujo projeto data do ano de 1904,

foi responsável por profundas mudanças na localidade. A ferrovia transformou o vilarejo num importante escoadouro de mercadorias, passando a ser referência de progresso na região, o que provocou uma intensificação na procura das terras próximas a Estação Portão.

A Praça da Estação e a área do armazém do trem, constituíram-se na prova viva da história e do desenvolvimento da cidade de Portão. Foi através dos trilhos que as relações econômicas, religiosas e sociais se estabeleceram. Era a partir da estação que as pessoas iam para as outras cidades, era para ali que iam para saber notícias e, para enviar mensagens através do telégrafo e do correio... Era na estação que os jovens se dirigiam nos finais de semana, para conversar e conhecer outros jovens. Por muito tempo, a Estação Portão, constitui-se no principal ponto de encontro e lazer na cidade.

A partir da construção da RS 240, nos anos de 1940, a ferrovia foi sucumbindo aos novos tempos, sendo gradualmente abandonada e desativada oficialmente, no ano de 1965. Desde então, as instalações da antiga via férrea foram usadas para diversos fins, como delegacia, prisão, local de encontros de associações, entre outros.

Ao ser tombada como Patrimônio Histórico Municipal, através do Decreto de nº 438/2006, espera-se que os remanescentes da viação férrea continuem a desempenhar o importante papel de ser o marco da cidade, contribuindo para a preservação e manutenção da história portonense, por muitas e muitas gerações.

A PRAÇA RAMUEL RODRIGUES DA ROSA

A Praça Ramuel Rodrigues da Rosa, localiza-se no entroncamento de acesso, à cidade vizinha Estância Velha. A praça foi construída em 1969, próxima do local onde em 1788-89 foi construído o portão que deu origem ao nome do município, nela foi feito um poço e uma caixa de água para abastecer os moradores locais. Por muito tempo a praça foi conhecida como a “praça da caixa d’água” ou a “praça do portão”.

Nos anos noventa, a praça foi remodelada e inaugurada com o nome de Ramuel Rodrigues da Rosa, em homenagem a um menino, que fatalmente foi atropelado nas proximidades da praça. Ramuel tinha 10 anos de idade e era morador da localidade. O aluno da 5º série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Edmundo Kern, foi atropelado no dia 17 de dezembro de 1994, quando voltava do aniversário de um amigo, num dia de chuva, tendo sido arrastado por alguns metros pelo carro, com o agravante de não ter sido socorrido pelo motorista. Ele veio a falecer em 19 de dezembro do mesmo ano.

A homenagem foi um pedido da vereadora Naira Müller da Rosa que sensibilizada com a fatalidade de Ramuel quis usar esse exemplo, para também alertar motoristas e pedestres que transitam no local.

O VIADUTO

O viaduto da RS 240, foi construído na década de 1990, quando a mesma foi duplicada.

Inicialmente ele era apenas parte da rodovia, responsável simplesmente, pelo acesso para as principais vias da cidade.

Nos primeiros anos deste século, o viaduto passou por uma remodelação, a intenção era que o viaduto ganhasse o significado de pórtico ou portal, pois todos os que transitam por essa rodovia usam o viaduto, como referência de localização. Nesta ocasião, passou a denominar-se de Viaduto Alfredo Lemmertz, uma homenagem ao secretário de obras que, na década de 1970, foi o responsável pela abertura da Avenida Brasil, que serve de acesso para as principais avenidas, bairros e localidades da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- APERS**, Arquivo Público do Rio Grande do Sul. Processo 1359/63-0.
- AGUIAR**, Neusa Maria. Escola Municipal de Ensino Fundamental Edmundo Kern.
- ALVES**, Eliége Moura. **História da Comunidade do Morro do Macaco Branco**. 2009.
- ALVES**, Eliége Moura. **Presentes e Invisíveis: Escravos em Terras de Alemães (1850-1870)**. Dissertação de Mestrado, UNISINOS, 2004.
- ARACRUZ CELULOSE**. **O cultivo do Eucalipto**. Disponível em:
<<http://www.aracruz.com.br/eucalipto/pt/eucalipto.html>>
Acesso em janeiro de 2011.
- BRAUN**, Maria Janete K. **Projeto Político Pedagógico da Escola Dr. Alberto Pasqualini**. Comunidade do Sertão Capivara. 2006.
- BITTENCOURT**, Fabiana Leal. **Projeto Político Pedagógico da Escola Aleksandro Flores**. Comunidade do Rincão do Cascalho. 2006.
- BRITZ**, Claudia Lopes. **Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho**. Comunidade Portão Velho. 2006
- BRUCKNER**, Ângela M. **Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Infantil Bem-me-Quer**. Comunidade do Rincão do Cascalho. 2006.
- CANABARRO**, Donato Machado. **Projeto Político Pedagógico da Escola Olavo Bilac**. Comunidade Morretinhos. 2006.
- COLLING**, Sandra. **Histórico da Localidade Cachoeira** Escola: E.M.E. F Gonçalves Dias.
- DANIEL**, Omar [org.] **Proposta para padronização da terminologia empregada em sistemas agroflorestais no Brasil**. In: Revista Árvore. Viçosa – MG: 1999. v. 23 nº 3.
<http://books.google.com.br/books?id=7niaAAAAIAAJ&pg=PA369&lpg=PA369&dq=silvicultura+significado&source=bl&ots=jKalRYx1lg&sig=BL1zsfBnLE0oJz8Ev5zdDaWkP94&hl=pt-BR&ei=avsiTdW0EsOC8gac5qiTCg&sa=X&oi=book_resu>

lt&ct=result&resnum=10&ved=0CDwQ6AEwCQ#v=onepage&q=silvicultura%20significado&f=false> Acesso em janeiro de 2011.

DIAS, Celanira da Graça. **Projeto Político Pedagógico da Escola Santo Antônio**. Comunidade: Vila São Luís. 2006.

_____, **Breve Histórico da Localidade onde esta inserida a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antonio**. 2009.

E-CIVILNET. **Definição de planejamento urbano**. Disponível em:

<http://www.ecivilnet.com/artigos/planejamento_urbano.htm> Acesso em setembro de 2010.

FLORES, Elza A. P. **Projeto Político Pedagógico da Escola Vila Aparecida**. Comunidade Vila Aparecida. 2006.

_____, **Histórico da Vila Aparecida**, 2009.

FLORIANO, Eduardo Pagel. **Subsídios para o planejamento da produção de pinus Elliottii Engelm. Na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul**. Santa Maria: UFSM. Tese de Doutorado em Engenharia Florestal, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós Graduação em Engenharia Florestal. 2008. Disponível em:

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1968> Acesso em janeiro de 2011.

FRONER, Clair Muller. **Projeto Político Pedagógico da Escola Vila Souza**. Comunidade do Rincão do Cascalho. 2006.

GIRARDI, Jussara Prates dos Santos. **O trem e a cidade: Portão nos tempos das locomotivas**. Erechim: Editores do Sul Ltda, 2006.

GRIEBLER Cristiane, **Projeto Político Pedagógico da Escola João Scherer**. Comunidade da Boa Vista. 2006.

GUERRA, Antonio T; **GUERRA**, Antonio José T. **Dicionário geológico geomorfológico**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL. 2001.

HISTÓRICO. Escola Municipal de Ensino fundamental Rosalino Rodrigues Coelho.

HISTÓRICO. Escola Municipal de Ensino Municipal Dr. Alberto Pasqualini, Sertão Capivara. 2009.

HUNSCHÉ, Carlos Henrique. O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro. Porto Alegre: Metropolitana, 1977. 637p.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.**
Dados sobre o município de Portão. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>
Acesso em janeiro de 2011.
- JULIO BATTISTI.COM.BR. Vegetação do Brasil.** Disponível em:
<<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/arlindojunior/geografia001.asp>> Acesso em janeiro de 2011.
- JUNG, Raquel da S. C. Comunidade Parque Residencial Netto.** Escola: E.M.E. F Carlos Oswin Franke. 2009.
- JUNG, Raquel da S. C. Projeto Político Pedagógico da Escola Carlos Oswin Franke.** Comunidade, Parque Residencial Netto. 2006.
- KAISER, Dirce Ivete. Histórico da Escola João Scherer.** Comunidade Boa Vista. 2009.
- KRUMMENAUER, Cláudio. Ascendência e Descendência de Adolf Gustav Krummenauer.** 2006.
- LAUX, Júnior Roni. A cidade de Portão e a formação do seu espaço urbano. Unisinos. São Leopoldo, 2009.**
- LEITE, Ilka Boaventura. O Legado do Testamento: a comunidade de Casca em Perícia.** Florianópolis:NUER/UFSC, 2002.
- LIMBERGER, Silvana R.S. Projeto Político Pedagógico da Escola Bom Jardim.** Comunidade Bom Jardim. 2006.
- LOPES, Márcia Lutz. Projeto Político Pedagógico da Escola João Albino Cassel.** Comunidade do Socorro. 2006.
- MACHADO, Laura Maria. História da Comunidade Sanga Funda, Portão.** Escola: E.M.E.F. Liberato S.V. da Cunha.
- MACHADO, Gessi Maria Moutinho. MENTZ, Suzana Inês. COSTA, Karla Rejane. SANTOS, Terezinha G. dos. RODRIGUES Leila de F. Um Pouco da História de: Rincão do Cascalho.** Escola: E.M.E. F. Vila Souza. 2000
- MACHADO, Laura Maria. Projeto Político Pedagógico da Escola Liberato Salzano da Cunha.** Comunidade da Sanga Funda. 2006.
- MAGNA ENGENHARIA/ FEPAM Fundação Estadual de Proteção Ambiental. Levantamento dos usos das águas atuais e futuras, dos principais recursos hídricos das bacias dos rios dos Sinos e Gravataí.**

Levantamento e mapeamento dos usos dos recursos hídricos na bacia do Rio do Sinos. Volume 1 (SI): Memorial descritivo. Maio de 1996. Edição final.

MAGNA ENGENHARIA/ FEPAM Fundação Estadual de Proteção Ambiental. **Levantamento dos usos das águas atuais e futuras, dos principais recursos hídricos das bacias dos rios dos Sinos e Gravataí.**

Levantamento e mapeamento dos usos dos recursos hídricos na bacia do Rio do Sinos. Volume 2 (SI): Anexos e Cartografia básica. Maio de 1996. Edição final.

MARTINS, Carmem Regina. Histórico da Escola Vila Aparecida.

Escola: E.M. E F. Vila Aparecida.

METZ, Teresinha Graeff. Histórico da Comunidade Sertão Capivara. Escola: E.M.E.F. Dr. Alberto Pasqualini.

METZ, Loiva Teresinha Graeff. Projeto Político Pedagógico da Escola Machado de Assis. Comunidade: Macaco Branco. 2006.

MINEROPAR. O que é geomorfologia. Disponível em:

<<http://www.mineropar.pr.gov.br/modules/glossario/conteudo.php?conteudo=G>> Acesso em janeiro de 2011.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Montenegro folha SH. 22-V-D-VI-1 MI-2970/1. Brasil: Ministério do Exército. 1980. Carta topográfica. Escala: 1:50000.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Morretes folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/3. Brasil: Ministério do Exército. 2003. Carta topográfica. Escala: 1:50000.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Novo Hamburgo folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/2. Brasil: Ministério do Exército. 1996. Carta topográfica. Escala: 1:50000.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. São Leopoldo folha SH. 22-V-D-VI-2 MI-2970/4. Brasil: Ministério do Exército. 2003. Carta topográfica. Escala: 1:50000.

MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. O que é CONAMA.

Disponível em:

< <http://www.mma.gov.br/port/conama/estr.cfm> > Acesso em janeiro de 2011.

MÜLLER, Maria Matilde. Vila dos Trilhos em Portão (RS): Identidade e Mudança. Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso. Unilassale. 2005.

NUNES, Jacqueline Santos de Oliveira. Casas que contam histórias: O casarão de Carlos Pedro Conrad – Portão – Séc. XIX. Unisinos. São Leopoldo 2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO, 2 Plano Diretor de desenvolvimento Urbano. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO. Número de vereadores de Portão. Disponível em: <
<http://www.camaraportao.rs.gov.br>> Acesso em novembro de 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO. Plano Ambiental do Município de Portão. Portão: Prefeitura Municipal. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTÃO. 2º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. Lei Municipal 1515/2004. Disponível em:

<<http://www.portao.rs.gov.br/planodiretor/planodiretorlei.pdf>>
Acesso em 26/05/2010

RIGON, Maria Odete. Histórico da Escola Getúlio Vargas. Diretora. Escola, E.M.E.F. Getúlio Vargas. Comunidade do Rincão do Cascalho. 1992.

ROCHA, Claudete B. A cadeia produtiva da acácia-negra no município de Portão. Disponível em:
<http://www.agbpa.com.br/CD/artigos/Comunicacao/Agraria_11%20-%20PDF%20OK/A%20CADEIA%20PRODUTIVA.pdf>
Acesso em janeiro de 2011.

ROCHA, Claudete B. Arroio Noque: por que preservar? Anais do XXIX Encontro Estadual de Geografia. Pelotas: AGB. 2009.

ROCHA, Marco Eduardo N.; SANTOS, Claudineia Lima. O uso comercial e popular do Eucalipto *Eucalyptus Globulus Labill – Myrtaceae*. In: Saúde e Ambiente em Revista. Duque de Caxias – RJ: 2007. v. 2, n°.2, julho-dezembro. UNIGRANRIO. Disponível em:

<

<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/sare/article/view/243/232> > Acesso em janeiro de 2011.

ROSA, Assunção Barros da. Histórico do Município. 2003

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller. 1999. Disponível em:
<<http://introducaoaeconomia.files.wordpress.com/2010/03/dicionario-de-economia-sandroni.pdf>> Acesso em janeiro de 2011.

- SANTOS**, Claudia Engel. **Histórico da Escola Santo Antônio**. Escola: E.M.E.F. Santo Antônio, Comunidade: **Vila São Luis**.
- SCHERER**, Juliana A. **LUDUWIG** e Andréa. **Resgatando nossa História E.M.E.F. Antônio José de Fraga**. Comunidade da Rua São Pedro. 1994.
- SCHERER**, Carla Cristina. **Projeto Político Pedagógico da Escola Vila São Jorge**. Comunidade da Vila São Jorge. 2006.
- SCHERER**, Carla Cristina. **Histórico da Comunidade da Escola**. Comunidade da Vila São Jorge. 2009.
- SCHOKAL**, Carlos R.; **TURKIENICZ**, Benamy [org.]. **Plano Municipal de Habitação de Interesse Social**. Portão: UFRGS. 2009.
- SCHULER**, Vânia Elisabete. **Histórico da Escola Vila São Jorge**. Escola: E.M.E.F. Vila São Jorge, Vila São Jorge.
- SILVA**, Anaclea Fachi da. **Projeto Político Pedagógico da Escola Rosalino Rodrigues Coelho**. Comunidade do Rincão do Cascalho. 2006.
- SILVA**, Carla Cristina Pedrozo da. **A formação da Comunidade Vila dos Trilhos**. Escola: E.M.E.F. Visconde de Mauá. 2009.
- SILVA**, Cybele. **Projeto Político Pedagógico da Escola Edmundo Kern**. Comunidade de Portão Velho. 2006.
- SILVA**, Janice Rodrigues. **Breve Histórico da Nossa Comunidade Sertão Capivara**. Escola: E.M.E.F. Liberato Salzano Vieira da Cunha. 2009.
- SILVA**, Lidiane Fraga da. **Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Jose de Fraga nos Caminhos do Trem**. 2009.
- SPERB**, Ângela Tereza. **Apontamentos sobre a Historia do município de Portão**. 1982.
- SPERB**, Ângela Tereza. **Portão... dezenove anos de cores e progresso**. Jornal Ponto Alto, p. 3-7, outubro 1982.
- SPERB**, Ângela Tereza. **Portão vinte e oito anos de emancipação, dois séculos de história**. Jornal Univale, n 191, outubro – 1991, p. 8 e 9.
- STEIN**, Régis. **O processo de ocupação de terras no município de Portão pelos colonos “alemães”**. Trabalho de conclusão de curso de graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2004.

STRIEDER, Edgar Aloísio. Projeto Político Pedagógico da Escola Antônio José de Fraga. Comunidade: Estação Portão. 2006.

SUA PESQUISA.COM. Setores da economia. Disponível em:
<

http://www.suapesquisa.com/geografia/setores_economia.htm> Acesso em janeiro de 2011.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. Limite de vereadores nas câmaras municipais. Disponível em:
<<http://www.tre-rn.gov.br>> Acesso em novembro de 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Departamento de Geografia. **Classificação climática das regiões brasileiras.** Disponível em:
<http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Emerson/Unidades_Climaticas_Brasileiras.pdf>
Acesso em janeiro de 2011.

WAGNER, Marguit Simone. Projeto Político Pedagógico da Escola Afonso Gomes de Carvalho. Comunidade Cantão. 2009.

_____, **Histórico de Nossa Comunidade.** 2009.

WEBER, Lourdes do A. C. Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Infantil Gente Miúda. Comunidade, Vila Rica. 2006.

WEIMER, Luciani. Projeto Político Pedagógico da Escola Visconde de Mauá. Comunidade: São Pedro. 2006.

WERLANG, Mariângela. Projeto Político Pedagógico da Escola Gonçalves Dias. Comunidade: Cachoeira. 2006.

VIEGAS, Ana Maria. Projeto Político Pedagógico da Escola Fazenda das Palmas. Comunidade Fazenda das Palmas. 2006.

_____, **História da Localidade Fazenda das Palmas.** Escola: E.M.E.F. Fazenda das Palmas. 2004.

VIEIRA, Eurípedes F. Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação. Porto Alegre: Sagra. 1984.

Além das bibliografias acima citadas serviram como base de dados para a atualização deste livro os diversos trabalhos realizados pelos (as) professores (as) e escolas que produziram pesquisas sobre as comunidades nas quais estão inseridas.